

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

FACULDADE DE ARTES E LETRAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS



LER, UM ACTO COM SENTIDO...

**REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM SALA DE
AULA**

IRENE TERESA BARRETO AMADO

**Covilhã
Junho
2010**

LER, UM ACTO COM SENTIDO...

REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM SALA DE
AULA

ORIENTADORA:

Prof^ª. Doutora Maria da Graça Guilherme D'Almeida Sardinha

Dissertação de 2.^º Ciclo em Mestrado em Ensino do Português no 3.^º Ciclo do
Ensino Básico e no Ensino Secundário e de Espanhol conducente ao grau de
Mestre, apresentada à Universidade da Beira Interior

AGRADECIMENTOS:

- À Professora Doutora Maria da Graça Sardinha que, com as suas palavras e os seus conselhos sábios, sempre me incentivou a desenvolver os meus projectos, dos quais este trabalho é parte integrante: sem a sua preciosa colaboração, este trabalho não seria o mesmo!
- À Professora Noemí Pérez, que me acompanhou durante este ano, assistindo às minhas aulas e tecendo sempre comentários pertinentes e fundamentais para a minha evolução como pessoa e como profissional.
- Aos Amigos da E.S.A.A.G., muito especialmente à restante equipa do projecto Signes et Sens (Dr.^a Angelina Ribeiro, Dr.^a Cremilda Santos, Dr.^a Licínia Pais e Dr. Jorge Jesus) e à Dr.^a Agostinha Henriques, pelo seu apoio e colaboração.
- Aos meus colegas de curso na UBI, particularmente à Dr.^a Natália Barata e à Dr.^a Sandra Lopes, pelas impressões e pontos de vista que fomos trocando sobre os diferentes trabalhos que estávamos a desenvolver.
- Por último – mas em primeiro lugar no meu coração – aos dois homens da minha vida (o meu marido e o meu filho, claro!), que me souberam “aturar” em alguns momentos em que, devido ao excesso de trabalho, claramente descompensei a vida familiar.

A todos o meu MUITO OBRIGADA!!!

ÍNDICE

I – INTRODUÇÃO GERAL	3
PRIMEIRA PARTE -LER, UM ACTO COM SENTIDO	6
II – A IMPORTÂNCIA DO PORTFÓLIO	7
III – O PAPEL DO MANUAL	12
IV – MANUAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE ESPANHOL LÍNGUA ESTRANGEIRA	18
A – MANUAIS SELECIONADOS PARA ESTE ESTUDO	18
B – BREVE APRESENTAÇÃO ESTRUTURAL DESTES MANUAIS.....	20
C – DIMENSÃO SELECIONADA.....	22
D – A LEITURA COMPREENSIVA NO MANUAL PALAVRAS A FIO (<i>Língua Portuguesa, 7º ano</i>).....	29
E – A LEITURA COMPREENSIVA NO MANUAL ESPANHOL 1, NIVEL ELEMENTAL (<i>Espanhol, 7º ano</i>) ..	45
F – CONCLUSÃO DA ANÁLISE DESTES DOIS MANUAIS	52
V – CONCLUSÃO GERAL – PRIMEIRA PARTE	55
SEGUNDA PARTE –PORTFÓLIO DE FORMAÇÃO	57
I – CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	58
II – TURMAS DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO.....	66
A – CARACTERIZAÇÃO DO 7º D	66
B – CARACTERIZAÇÃO DO 11º D	68
C – PRÁTICA PEDAGÓGICA – 7º D	70
D – PRÁTICA PEDAGÓGICA – 11º D.....	92
III – CONCLUSÃO:	125
IV – BIBLIOGRAFIA.....	129
V – ANEXOS.....	130

I – INTRODUÇÃO GERAL

Cada vez mais, os professores deparam-se com alunos que, em muitos casos, não gostam de ler. De facto – e contrariando todas as estatísticas de alfabetização, que nos dizem que há cada vez mais portugueses alfabetizados –, atrevemo-nos a dizer que há cada vez mais alunos que não sabem ler. Polémica, esta afirmação? Não nos parece. Na nossa óptica, apenas constatação de uma realidade.

Com efeito, é verdade que há cada vez mais portugueses que conhecem os signos linguísticos, mas será igualmente verdade que realmente sabem ler? E o que é que consideramos “saber ler”? Identificar os signos linguísticos, saber ver um texto escrito e ler / pronunciar as palavras que dele fazem parte? Ou antes identificar o seu conteúdo, a mensagem que esses signos nos querem transmitir?

Consideramos que, obviamente, a resposta correcta será a segunda, isto é, “ler” é identificar e interpretar o conteúdo de um texto, ir além do mero conhecimento dos signos linguísticos, colocar toda a nossa experiência e os nossos conhecimentos do mundo e da vida ao serviço deste acto tão sublime que é a leitura.

Com efeito, ler pode parecer um acto muito simples, muito fácil. Porém, se entendermos a leitura como um acto com sentido, se considerarmos que o fundamental é precisamente o sentido que damos ao que lemos, então dar-nos-emos conta de que as disciplinas de Língua Portuguesa e de Língua Estrangeira podem ter um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem desta competência.

Os professores de Língua Portuguesa e de Língua Estrangeira debatem-se, frequentemente, com o problema da falta de motivação dos seus alunos para a aprendizagem e para a leitura. E os dois conceitos estão, na nossa perspectiva, intimamente relacionados: de facto, um aluno que não está motivado para a leitura, que não gosta de ler, estará motivado para a aprendizagem de uma língua, seja ela a sua língua materna ou uma língua estrangeira? Acreditamos que não. E temos a audácia de apontar estratégias que permitam motivar os nossos alunos para a aprendizagem desta habilidade que é a leitura.

O trabalho que a seguir apresentamos divide-se, pois, em duas partes fundamentais: uma primeira, de carácter mais teórico; porém, como não acreditamos

numa teoria estéril, vazia, procuraremos proporcionar muitas incursões ao mundo da prática lectiva. E uma segunda, exclusivamente dedicada a este ano de prática pedagógica (o chamado “estágio lectivo”), na qual nos debruçaremos exclusivamente sobre a prática lectiva que desenvolvemos.

Assim, na primeira parte do trabalho, começaremos por reflectir sobre a importância do portfólio, particularmente na perspectiva do professor/formando, actor em constante aprendizagem e evolução no filme da sua vida, protagonista de um sistema com o qual nem sempre está de acordo. Continuaremos, em seguida, com uma reflexão sobre a importância – ou não – da utilização de manuais nas aulas de Língua Portuguesa e de Língua Estrangeira, partindo depois para a análise, na dimensão da leitura compreensiva, de dois destes manuais destinados a alunos do 7º ano de escolaridade. No contexto desta análise, procuraremos ver como aparece a leitura em cada um destes manuais, que tipo de textos aparece, que tipo de questionário é formulado,... De seguida, apresentaremos a Equipa Compreensão, que criámos no âmbito do projecto europeu “*Signes et Sens*” e que nos ajudará a desenvolver, nos nossos alunos, o gosto pela leitura, uma vez que nos permitirá ensiná-los a realmente conseguir “LER” um qualquer texto que se lhes apresente (sim, porque, como veremos, a leitura compreensiva pode ser ensinada!).

De facto, numa época em que a leitura foi substituída por outros interesses, num contexto em que os computadores e todas as formas de jogos electrónicos, a internet e a televisão por cabo (com canais para todos os gostos aos quais a maioria dos nossos alunos tem acesso) substituíram o prazer de pegar num livro, de sentir o quão fantástico pode ser tê-lo nas nossas mãos, parece-nos importante remar um pouco contra a maré, lutar contra o marasmo em que muitas vezes a escola se tornou, desafiar os nossos alunos a querer mais do que a mediocridade, a esforçar-se por ler um texto e, finalmente a gostar de o fazer e a querer efectivamente fazê-lo.

A segunda parte deste trabalho tem um carácter eminentemente prático, já que baseado na prática pedagógica que desenvolvemos. Como tal, apresenta-se na primeira pessoa do singular. Assim, começaremos por apresentar a escola em que desenvolvemos a nossa actividade, bem como as turmas de Espanhol Língua Estrangeira II com que trabalhamos (uma de 7º ano, nível de Iniciação e outra de 11º ano, nível de

Continuação). Num momento posterior, apresentaremos os materiais que criámos para as aulas assistidas pela Formadora da Universidade, reflectindo sobre eles, sobre o que correu bem e o que poderia ter corrido ainda melhor, sobre o que não resultou como esperávamos, sobre o que poderemos alterar na nossa prática profissional para concretizar todos os objectivos a que, no início de cada ano, nos propomos, ...

Procuraremos que esta segunda parte do trabalho seja, efectivamente, a concretização das nossas reflexões relativamente à importância do portefólio, e que destas reflexões possam sair instrumentos úteis para a consecução do processo de ensino/aprendizagem como o queremos: tranquilo, divertido, curioso, explorador, concretizador, dinâmico, capaz de desenvolver competências e de encontrar estratégias de melhoramento e de aperfeiçoamento, enfim, um processo em que o aluno, protagonista também neste filme que, repetimos, é a escola, possa ter um papel cada vez mais autónomo e mais interessado, um papel determinante para a concretização do nosso futuro, até porque aquele velho chavão não deixa de ser uma realidade: os jovens de hoje são o nosso amanhã!

Que os possamos ajudar a ser cada vez melhores e mais competentes, para que o nosso próprio futuro possa ser risonho! E que este trabalho se revele útil nesse sentido!!!

PRIMEIRA PARTE

LER, UM ACTO COM SENTIDO

REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM SALA DE AULA

II – A IMPORTÂNCIA DO PORTFÓLIO

“Portfólio consiste numa colecção de todas as actividades e conteúdos (trabalhos, provas, exercícios, etc.) produzidos pelo aluno no decorrer de um processo de aprendizagem”. Esta “colectânea dos trabalhos individuais” possibilita a construção do “perfil académico do aluno, reflectindo o ritmo e a direcção do seu crescimento, os temas do seu interesse, as suas dificuldades e o potencial a ser desenvolvido.”

(MOULIN, 2002)¹.

A escola actual deixou de ser um espaço onde se aprendem respostas feitas, onde se adquire ou se “absorve” passivamente uma visão do mundo que não é a nossa, onde se aceita aquilo que nos oferecem. De facto, cada vez mais a escola actual deixa de ser um espaço onde o conhecimento é oferecido numa bandeja e passa a ser um espaço privilegiado para as interrogações, para as reflexões, para o desenvolvimento do espírito crítico da comunidade que a constitui, nomeadamente no que a alunos – e, porque não dizê-lo, a professores – diz respeito. Com uma sociedade em contínua evolução e em constante transformação, a experiência diz-nos que os alunos já não aceitam o conhecimento como algo pronto e acabado, transmitido pelo professor, mas antes como algo que deve ser realizado ao longo do tempo, de forma contínua e progressiva, em permanente renovação.

Coloca-se-nos, pois – e cada vez mais –, a necessidade de apelar ao interesse dos alunos, de os motivar para uma aprendizagem que, na sua perspectiva, nem sempre é “muito interessante” e cabe aos professores mostrar que não são “cotas”, que também evoluíram, que também têm uma visão moderna do mundo e da sociedade, que também sabem utilizar as novas tecnologias, que querem, fundamentalmente, que os seus alunos sejam cidadãos completos e plenamente conscientes dos seus direitos e dos seus deveres, capazes de reflectir criticamente, de opinar e de agir, de forma clara e coerente, relativamente aos vários temas que a vida – porque as aulas também fazem parte da vida – lhes vai mostrando. Educar passará, assim, por explorar esses mundos que interessam aos nossos alunos, investindo no aprofundar do conhecimento, fomentando a aplicação

¹ <http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=15407&chapterid=11533>

desse conhecimento como estímulo da curiosidade, com o intuito de criar cidadãos que procuram encontrar respostas, ao invés de pedir que a escola lhes dê. Esse conhecimento é, aliás, e reconhecidamente, uma das coisas mais valiosas que têm os cidadãos, pois só ele lhes permite actuar adequadamente em cada momento da vida.

O portfólio funciona, neste contexto, como um espaço privilegiado de apelo à organização, à selecção e à reflexão. Com efeito, para elaborar um portfólio, é necessário procurar informação, seleccionar aquela que realmente interessa, organizá-la correctamente e, como é evidente, reflectir sobre ela de forma clara, coerente e convicta.

Quando pensamos na elaboração do portfólio por parte do aluno, devemos estar conscientes de que ela implica o acompanhamento constante do processo de ensino/aprendizagem, centrando-se sobretudo na evolução e no crescimento intelectual do aluno. Desta forma, este instrumento de trabalho não será – definitivamente não o deverá ser – uma mera pasta onde se acumulam trabalhos feitos em vão, por mera obrigatoriedade de um processo avaliativo. Há, pois, que compreender e aplicar correctamente esse instrumento na sua totalidade e na sua plenitude, bem como avaliar os efeitos que provoca na vida do discente e na prática escolar.

Como toda a actividade que faz parte do processo de ensino/aprendizagem deve ser objecto de reflexão e de crítica, o portfólio traduz-se num elemento indispensável a este processo, pois permite avaliar cabalmente a evolução sentida e a forma como os erros que cometemos nos ajudam a superar barreiras e, logicamente, a crescer como pessoas, como profissionais e como cidadãos.

Assim, do ponto de vista do aluno, o portfólio vai dando a noção do seu crescimento, da sua crescente autonomia, da sua cada vez maior competência crítica e reflexiva à medida que os anos vão passando. Do ponto de vista do professor, a elaboração deste instrumento permite-lhe reflectir sobre a sua actividade, compreender melhor o que de facto resultou bem e o que se revelou estar “menos bem” nesta ou naquela actividade, fornecendo-lhe pistas para melhorar a sua própria prestação em sala de aula. Considerando que referir-se à nossa própria actividade prática, descobrir aspectos menos positivos ou que não resultaram exactamente como tínhamos pensado é uma tarefa difícil, podemos considerar que o simples facto de reflectir sobre a actividade realizada é já uma mais-valia para o professor, que assim vai diversificando a

forma como dá as suas aulas, transformando-as em espaços de maior motivação para o aluno.

Porém, quando pensamos na elaboração de um portfólio, seja por parte do aluno, seja por parte do professor, colocam-se-nos algumas questões importantes, sobre as quais nos debruçaremos, sobretudo na vertente do portfólio de formação: o que é um portfólio e que pode trazer de importante à formação do professor? Qual a estrutura de um portfólio de formação? De que recursos dispõe o professor para poder reflectir sobre o seu processo de ensino? Que vantagens e inconvenientes tem este portfólio para a formação do professor?

Relativamente à primeira pergunta, a definição introdutória, ainda que relativa ao portfólio do aluno, parece-nos clara: não se trata de uma nova versão do *curriculum vitae*, mas de um conjunto de materiais, normalmente em forma de dossier, onde constam todas as produções individuais do seu autor/proprietário, possibilitando a percepção dos seus interesses, do seu crescimento e da sua evolução ao longo do tempo. É, assim, um documento imerso em reflexões e pensamentos críticos. Nesta perspectiva, acreditamos que o mesmo se poderá dizer relativamente ao portfólio do professor que, utilizando este instrumento de trabalho, poderá reflectir, exercer o dever de autocrítica e avaliar-se. Desta forma, tomará consciência dos seus pontos fortes e das suas debilidades, transformado o portfólio num instrumento de avaliação processual, o que corresponderá ao enfoque construtivista da aprendizagem (não esqueçamos que o professor, assumindo-se como um profissional competente, tem toda uma vida de aprendizagem pela frente, já que, evidentemente, nunca considerará que este seu processo está terminado).

No que diz respeito à segunda questão, convirá referir que não existe consenso teórico quanto a este assunto: se uns consideram que o portfólio deve obedecer a uma estrutura fechada, claramente definida, outros há que consideram o contrário, dando plena liberdade ao autor no que respeita ao seu conteúdo. Porém, há dois elementos essenciais para a sua construção: os documentos relativos ao processo de ensino/aprendizagem (fichas de trabalho, resultados de pesquisas elaboradas, documentos em suporte digital,...) e a reflexão crítica sobre o que o esse mesmo processo implica (A actividade correspondeu ou não às expectativas? O que é que

poderia ter corrido melhor?,...), sobre a imagem que tem de si próprio como professor, sobre porque é que reflecte sobre a sua actividade, sobre qual a sua visão do processo de ensino/aprendizagem, ou ainda sobre que metas alcançou e quais as que ficaram pelo caminho², sempre numa perspectiva de melhorar a sua actividade docente. O portfólio deve, pois, ter uma estrutura activa, dinâmica, a ser alterada e complementada sempre que tal se mostre necessário.

Quanto à terceira questão levantada, refira-se que o primeiro recurso passa, obviamente, por si próprio: cabe-lhe reflectir, estabelecer “porquês” (Porque é que esta actividade não correu como esperava? Porque é que os alunos não reagiram como eu esperava? Porque é que não aprenderam como eu esperava? Porque é que aprenderam melhor nesta aula, com esta actividade, do que noutras aulas diferentes desta? ...) e encontrar respostas para eles, pensando no que deve mudar na sua prática para que isso aconteça. O segundo passa, evidentemente, pelos alunos: o professor poderá sempre questioná-los sobre a sua prática pedagógica e, pelas suas respostas, reflectir e, eventualmente, melhorar a sua prática.

Relativamente à última questão, refira-se que o portfólio de formação está orientado para o formando, porque é ele que o elabora a partir dos seus objectivos, das suas metas e do reconhecimento dos seus pontos fortes e fracos. Está orientado para a prática lectiva, já que avalia sobretudo as decisões que tomou ao longo da sua construção (sempre feita a par do processo de ensino/aprendizagem). Está também orientado para o futuro, já que lança dados que permitem melhorar a actividade docente. Porém, o portfólio só é válido se o docente realmente se retratar nele, se aí colocar a sua alma, se aí se expuser como profissional e como ser humano, ou seja, se o assumir como o reflexo de si próprio e se estiver disposto a mudar, caso não goste particularmente do que nele vê.

O portfólio permite, assim, avaliar as capacidades de reflexão crítica, fazer pesquisas, encontrar soluções que ajudem a resolver problemas mais ou menos complexos e avaliar constantemente se os objectivos formulados para cada etapa estão ou não a ser concretizados. De facto, como se conclui no trabalho de Joyce Munarski

² http://marcoele.com/descargas/9/atienza_portafolio.pdf

Pernigotti, Liane Saenger, Ligia Beatriz Goulart e Vera Maria Zambrano Avila³, “o portfólio merece (...) um lugar de destaque no sentido de que dá a oportunidade a professores e alunos de reflectirem sobre suas trajetórias, interagindo e redefinindo coordenadas para sua caminhada”. Este instrumento de trabalho fica, pois, como um elemento que permite melhorar a sua competência docente.

É, pois, indiscutível, quer na perspectiva do aluno, quer na perspectiva do professor, a importância da elaboração de um portfólio cuidado e atento, correctamente organizado, de carácter reflexivo, como meio de verificar e balizar o crescimento e a evolução do seu autor. Com efeito, é esse carácter reflexivo que – permitimo-nos insistir neste aspecto – ajudará o seu autor a melhorar continuamente a sua prestação. No caso do professor, terá certamente um papel fundamental na contínua avaliação do seu trabalho, ajudando-o a tomar decisões fundamentadas e a encontrar estratégias que lhe permitam fazer face aos problemas com que, no seu dia-a-dia, se vai deparando, procurando fazer das suas aulas espaços de aprendizagem pelo e com prazer, tentando sempre encontrar estratégias que favoreçam o processo de ensino/aprendizagem.

Porque todos aprendemos melhor com o que nos dá prazer!!!

³ http://cursos.ead.pucrs.br/psi/professores/pagina_joyce/portfolio.html

III – O PAPEL DO MANUAL

O manual escolar tem desempenhado, ao longo das últimas décadas, um papel fundamental – diríamos mesmo primordial – no ensino em Portugal.

De facto, com regras claras de elaboração, certificação e selecção, o manual escolar é actualmente seleccionado para um período de tempo de 6 anos, como consta do Ponto 1 do Artigo 4º da Lei n.º 47/2006, de 28 de Agosto, que define este prazo de vigência para os ensinos básico e secundário, associando a sua longevidade à normal longevidade dos programas das disciplinas a que se refere. Este prazo pode ser alterado, de acordo com o Ponto 3 do mesmo Artigo, que se cita: “nos casos em que o conhecimento científico evolua de forma célere ou o conteúdo dos programas se revele desfasado relativamente ao conhecimento científico generalizadamente aceite, pode o prazo de vigência para o manual escolar da disciplina afectada ser fixado em período mais curto ou ser determinada a revisão do programa, mediante despacho do Ministro da Educação”.

Nesta mesma Lei, pode encontrar-se a definição que o Ministério da Educação dá para “manual escolar”: com efeito, entende-se aqui por “manual escolar” “o recurso didáctico-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, (o sublinhado é nosso) do processo de ensino e aprendizagem, concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico e para o ensino secundário, apresentando informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de actividades didácticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor” que não fica, porém, livre de encontrar outros recursos didáctico-pedagógicos de apoio à sua acção “e à realização de aprendizagens dos alunos, independentemente da forma de que se revistam, do suporte em que são disponibilizados e dos fins para que foram concebidos, apresentados de forma inequivocamente autónoma em relação aos manuais escolares”.

Trata-se, pois, do reconhecimento, por parte do próprio Ministério da Educação, da importância deste instrumento de trabalho que é ciclicamente colocado à disposição de Professores e Alunos, com o intuito de facilitar o processo de ensino/aprendizagem.

Na verdade, já todos fomos alunos e sabemos da importância que este recurso teve para nós: sentíamos que ajudava quando estava bem concebido, claro, cientificamente correcto e agradável à vista; sentíamos, em contrapartida, que dificultava quando era pouco claro, quando continha incorrecções científicas e quando era “maçudo”, “pesado” para o nosso grau de maturidade emocional e psicológica. E quantos de nós não olhámos, em algum momento da nossa vida escolar, para um texto demasiado denso, pouco adaptado às nossas vivências, às nossas expectativas ou aos nossos conhecimentos!

De facto, a grande maioria dos autores é unânime em assumir a importância do manual na sala de aula. Aliás, o manual escolar parece mesmo ser, como refere Lino Moreira da Silva, “o único tipo de livro que não está em crise”⁴. Porém, na sociedade de consumo em que indubitavelmente vivemos, há que lembrar que são muitos os manuais colocados, anualmente, à disposição dos professores, sendo igualmente verdade que nem todos são pautados por critérios rigorosos: muitos são os que aparecem sem grandes cuidados ao nível da organização, dos materiais propostos, das actividades sugeridas e até – pasme-se – sem grande rigor científico. Muitos deles não estão, também, adaptados ao grau de maturidade dos alunos a que se destinam. E por incrível que pareça, ainda que haja uma Comissão de Avaliação e Certificação dos manuais escolares, eles são publicados, postos à disposição dos docentes e por vezes mesmo adoptados pelas escolas antes do trabalho realizado por essa Comissão.

Cabe, pois, ao professor analisar cuidadosamente todos os manuais que lhe são propostos e fazer a selecção daquele que, no cômputo geral, lhe parece mais adequado e mais indicado, sempre consciente, porém, de que “um ensino com base apenas em manuais escolares, por melhores e mais bem utilizados que eles sejam, será sempre um ensino pobre e limitado”⁵. Essa é também, a ideia do próprio Ministério da Educação, ao referir na Lei anteriormente citada, a possibilidade (diríamos nós, a necessidade) de produção e utilização de outros recursos didáctico-pedagógicos de apoio ao processo de ensino/aprendizagem.

⁴ Silva, Lino Moreira da, “Manuais escolares e frequência de bibliotecas”, in Actas do I Encontro Internacional Sobre Manuais Escolares, pp 475

⁵ Id ibidem, pp 481

Para esta selecção, o Ministério da Educação propõe – será melhor dizer, exige – que se preencham grelhas de avaliação para todos os manuais analisados, das quais constam os seguintes parâmetros:

“Critérios de Apreciação de Manuais⁶”

Critérios de apreciação dos manuais para o ano lectivo de 2009/2010

1. Organização e Método

Apresenta uma organização coerente e funcional, estruturada na perspectiva do aluno;

Desenvolve uma metodologia facilitadora e enriquecedora das aprendizagens;

Estimula a autonomia e a criatividade;

Motiva para o saber e estimula o recurso a outras fontes de conhecimento e a outros materiais didácticos;

Permite percursos pedagógicos diversificados;

Contempla sugestões de experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente de actividades de carácter prático/experimental;

Propõe actividades adequadas ao desenvolvimento de projectos interdisciplinares.

2. Informação

Adequa-se ao desenvolvimento das competências definidas no Currículo do respectivo ano e/ou nível de escolaridade;

Responde aos objectivos e conteúdos do Programa/Orientações Curriculares;

Fornecer informação correcta, actualizada, relevante e adequada aos alunos a que se destina;

Explicita as aprendizagens essenciais;

Promove a educação para a cidadania;

⁶ Este esquema sistematizado dos critérios de avaliação dos manuais escolares foi retirado da página de internet do Ministério da Educação, em www.min-edu.pt – SERVIÇOS – DGIDC – Adopção de manuais on-line; os docentes, aquando da sua análise, preenchem grelhas onde constam todos estes parâmetros, que deverão ser avaliados com a menção de “Muito Bom”, “Bom”, “Suficiente” e “Insuficiente”.

Não apresenta discriminações relativas a sexos, etnias, religiões, deficiências, ...

3. Comunicação

A concepção e a organização gráfica ⁽¹⁾ do manual facilitam a sua utilização e motivam o aluno para a aprendizagem;

(1) Caracteres tipográficos, cores, destaques, espaços, títulos e subtítulos, etc;

Os textos são claros, rigorosos e adequados ao nível de ensino e à diversidade dos alunos a que se destinam;

Os diferentes tipos de ilustrações ⁽²⁾ são correctos, pertinentes e relacionam-se adequadamente com o texto;

(2) Fotografias, desenhos, mapas, gráficos, esquemas, etc.

4. Características materiais

Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização;

O formato, as dimensões e o peso do manual (ou de cada um dos seus volumes) são adequados ao nível etário do aluno;

Permite a reutilização.”

Trata-se, assim, de um trabalho rigoroso, que exige uma análise cuidada, um período de reflexão crítica, a avaliação dos prós e contras de cada manual (mesmo porque não há manuais perfeitos!) e uma tomada de decisão relativamente ao manual a adoptar. Estes manuais destinam-se a ser utilizados pelo aluno – protagonista do processo de ensino/aprendizagem – de forma não livre, porque apoiada pelo professor⁷: o aluno não é, assim, livre de escolher o que quiser, o que exige que o professor procure ainda com mais afinco seleccionar o manual mais adequado e utilizá-lo de forma coerente e crítica, de modo a tornar as suas aulas agradáveis.

A forma como o professor apresenta o manual, como o explora, como o complementa com outros instrumentos de trabalho, como, numa palavra, o utiliza como instrumento de trabalho, é determinante para que o aluno goste ou não das suas aulas, goste ou não da disciplina. É um facto que a quantidade de manuais escolares que o

⁷ Magalhães, Justino Pereira de, “Um apontamento para a história do manual escolar entre a produção e a representação, in *Actas do I Encontro Internacional Sobre Manuais Escolares*, pp 284

aluno tem de levar diariamente para a Escola, dentro da sua mochila, pode ser um “factor de risco” para sua a coluna vertebral: com efeito, quantos de nós já não dissemos, em algum momento, que o peso que o aluno carrega diariamente – porque não dizê-lo, os professores também – é “o peso da sabedoria”, tal a importância, o “peso” (agora figurativo!) dado ao manual escolar.

Relativamente ao que a experiência nos mostra, será importante fazer a distinção entre disciplinas (ou níveis, no que à Língua Estrangeira diz respeito) que preparamos com a ajuda de um manual e disciplinas ou níveis que necessitamos de preparar sem que qualquer manual esteja adoptado. Tendo já passado pelas duas situações, não temos dúvidas em considerar o manual escolar como um instrumento de trabalho muito útil: podemos talvez mesmo dizer que trabalhar uma disciplina sem qualquer manual adoptado, com a necessidade impreterível de produzir materiais diversificados para todas as aulas, pode ser, na perspectiva do professor, equivalente a trabalhar “sem rede”, isto é, sem um suporte básico que sirva de guia. De facto, ainda que o professor seja necessariamente e com muita frequência autor de materiais didáctico-pedagógicos de apoio ao processo de ensino/aprendizagem, é mais cómodo para ele saber que há um fio condutor ao qual o aluno pode sempre recorrer, seja para estudar para as aulas ou para se preparar para testes e exames.

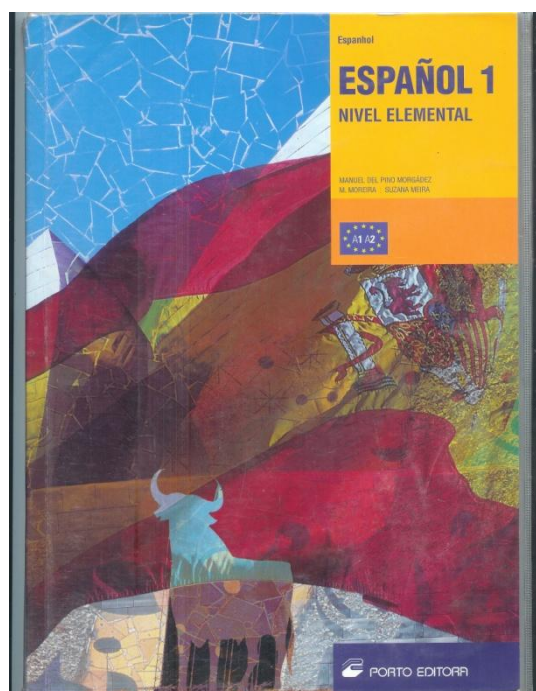
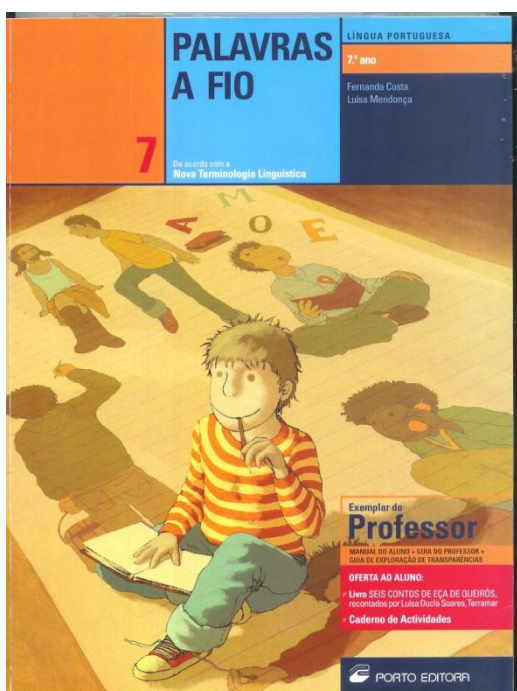
Falando concretamente do manual de Língua Portuguesa e do manual de Língua Estrangeira, será importante que nos debrucemos um pouco sobre a forma como desenvolvem – ou não –, no aluno, o gosto pela leitura, o prazer de ler, a vontade de ler cada vez mais para abrir os seus horizontes, alargar o seu mundo, fazer voar a sua imaginação para cantos nunca antes explorados. De facto, ler, saber ler, gostar de ler, ler correctamente, entender claramente aquilo que se lê é cada vez mais importante na sociedade actual: hoje, chegam-nos sistematicamente informações que temos de ler, assimilar, comentar, interpretar correctamente para as coisas mais elementares do nosso dia-a-dia, desde o preenchimento dos impressos de IRS, ao pedido de qualquer documento (on-line ou em suporte de papel, ...), à interpretação e “absorção” das notícias tal como nos são transmitidas pelos meios de comunicação social...

Estaremos nós e estarão os nossos alunos à altura deste tipo de exigências? Que importância têm as aulas de Língua (Portuguesa e Estrangeira) na aprendizagem para a vida? Como poderá o manual seleccionado contribuir para a formação integral dos alunos? Será o manual escolar um ponto de partida para o aluno, ou um mero instrumento de trabalho, que se encerra no fim único de aprender a matéria que é fundamental para “sacar” positiva no final do ano? Constituirá uma ajuda, ou uma dificuldade acrescida?

IV – MANUAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE ESPANHOL LÍNGUA ESTRANGEIRA

A – MANUAIS SELECIONADOS PARA ESTE ESTUDO

Ao longo deste trabalho, optámos por analisar – não tão ao pormenor como gostaríamos – dois manuais da Porto Editora adoptados, em muitas Escolas, para o 7º ano de escolaridade:



Mas porquê a escolha destes manuais?

No caso da Língua Portuguesa, a resposta é óbvia: trata-se do manual adoptado na nossa escola, sendo pois o manual com o qual alunos e professores trabalham diariamente.

No caso do Espanhol, porém, a resposta já não é tão linear: de facto, o manual que temos oficialmente adoptado é o Prisma A1, da editora espanhola Edinumen. No entanto, este manual, com o qual trabalhamos e que, como tal, conhecemos bem, não apresenta um único texto com perguntas de interpretação, se exceptuarmos pequenos textos (nem sequer exageramos se dissermos que são mesmo muito pequenos), de carácter informativo, por exemplo sobre a família ou sobre os meios de transporte em Madrid, pelo que não são sequer passíveis de grandes interpretações ou de grandes comentários, não exigindo, em nenhum momento, que o aluno possa pensar e dar a sua

opinião sobre este ou aquele tema. Não se trata, pois, de um manual que pudéssemos analisar no âmbito da leitura compreensiva, porque simplesmente não a tem. É, claramente, um manual que explora a função comunicativa e que apresenta um ou outro “textinho” apenas para apresentação de vocabulário. Porém, se é verdade que acreditamos que a função comunicativa da aprendizagem de uma nova língua é absolutamente fundamental, acreditamos também que a leitura pode ter – e tem – um papel primordial na aquisição dessa competência.

De facto, o objectivo da aprendizagem de uma língua estrangeira passa, obviamente, por tornar os alunos capazes de se expressarem correctamente nessa língua, em situação real de comunicação com falantes autóctones, seja no nosso país ou num país estrangeiro: vivendo numa região fronteiriça, em que em poucos minutos estamos em Espanha, é natural que queiramos que os nossos alunos, indo a esse país nalguns casos com relativa frequência, sejam capazes de comunicar com os falantes desse país. Porém, ler não ajuda também a desenvolver essa competência? Interpretar correctamente um texto não aumenta as capacidades de exercer a competência que se pretende desenvolver? Desenvolver o gosto pela leitura não aumenta também as probabilidades de que o aluno se interesse por ler nessa nova língua, aumentando assim a sua cultura? Não será a cultura – sempre presente nos livros – um elemento fundamental na aprendizagem de uma língua estrangeira?

Porque acreditamos nestas premissas, escolhemos um manual de uma editora portuguesa que pode ser utilizado por alunos de 7º e de 10º ano de escolaridade. Trata-se de um manual que apresenta já vários textos com questionários pertinentes e capazes de facilitar a aprendizagem da língua (vocabulário e estruturas sintácticas) e da cultura espanhola. São textos simples, evidentemente, mas cujo grau de dificuldade vai, naturalmente, aumentando à medida que o tempo avança e que avançamos também no estudo do Espanhol como Língua Estrangeira. Para além do mais, já permitem que, usando as perguntas que fazem parte do questionário de exploração ou fazendo outras, o aluno possa ser chamado a opinar ou a fazer julgamentos de valor, numa actividade que, para além de desenvolver o seu espírito crítico, lhes permite ainda aumentar a sua competência linguística e comunicativa.

B – BREVE APRESENTAÇÃO ESTRUTURAL DESTES MANUAIS

Relativamente ao manual de Língua Portuguesa, é constituído, no caso do exemplar do Professor, por um livro (inclui Guia do Professor nas margens laterais, com possibilidades de resposta para as várias actividades propostas, sugestões de exploração de imagens e transparências, ...), um Guia do Professor, um Guia de Exploração de Transparências, um Caderno de Actividades e um Dossier Digital. Este projecto dispõe, ainda, de um apoio complementar na internet, em www.escolavirtual.pt, com acesso gratuito para todos os professores que adoptem este manual, oferecendo recurso animados e interactivos que permitem complementar as aulas. Todo este material de apoio vem, evidentemente, ao encontro do exposto na lei n.º 47/2006, de 28 de Agosto, no que aos outros recursos didáctico-pedagógicos diz respeito.

Relativamente ao Dossier Digital, a parte que nos parece mais interessante é a das “Actividades Lúdicas”, nas quais se apresentam crucigramas, jogos de caça ao erro, de associação ou de escolha múltipla, bem como as respectivas soluções. São actividades que, pelo seu carácter diferente, conseguem, regra geral, motivar os alunos para a aprendizagem da língua e para o gosto pela disciplina.

Relativamente ao livro destinado ao aluno, refira-se que lhe é oferecido o livro Seis Contos de Eça de Queirós (recontados por Luísa Ducla Soares), publicado pela Editora Terramar, bem como o Caderno de Actividades.

Falando do manual propriamente dito, é importante referir que apresenta um dossier intitulado “Actividades Preparatórias” que, para além de levar ao alunos a olhar para o manual para preencher a ficha de observação do mesmo, permite a realização de uma avaliação de diagnóstico relativamente aos conhecimentos que o aluno possui.

O restante manual aparece dividido em seis temas predominantes: A – Em Família, B – Amigos, Amores, C – Confusões, D – Decisões, E – Olhares; e F – O Mundo em Notícia. Apresenta, ainda, um Apêndice Gramatical.

Ao longo de todo o manual são apresentados e explorados trinta e seis textos centrais, dos quais sete são poesias, um é um excerto de uma peça de teatro e outro é uma notícia. Quanto ao tipo de actividades propostas, veja-se a seguinte tabela:

TEXTOS APRESENTADOS PELO MANUAL PALAVRAS A FIO – 7º ANO

TEXTO	ACTIVIDADES DE PRÉ-LEITURA ⁸	INTERPRETAÇÃO		QUESTIONÁRIO	FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA
		ESCOLHA MÚLTIPLA	VERDADEIRO / FALSO		
Narrativo	18	7	3	27	27
Poesia	2	0	0	7	7
Teatro	1	0	0	1	1
Notícia	1	0	0	1	1

Facilmente se depreende, pela leitura desta tabela, que:

1. este manual incide particularmente sobre o texto narrativo, largamente maioritário relativamente aos outros tipos de texto;
2. o manual está estruturado de forma a que o aluno tem sempre o chamado “Ponto de partida” para o texto, o “Texto” em si, o “Estudo do texto”, “Como se diz” e “Gramática”, onde se explora o funcionamento da língua;
3. o “Ponto de partida” dá sobretudo indicações sobre o autor, sobre o tema do texto, sobre o tipo de texto e as suas características,...
4. o texto é sempre o ponto de partida para o estudo da gramática, ou seja, para a exploração do funcionamento da língua.

Relativamente ao livro de Língua Estrangeira, devemos dizer que se trata de um manual dirigido a dois públicos-alvo muito diferentes: de facto, o mesmo manual pode ser utilizado para o 7º e/ou para o 10º ano de escolaridade. Tratando-se de alunos com idades diferentes, com um grau de maturidade bem diferente, podemos, à partida, considerar que os textos nele presentes não estarão devidamente ajustados a todos os alunos a que se destinam. Porém, como o nosso trabalho incide sobre a leitura

⁸ Aqui entendidas como actividades que permitem ao aluno pensar sobre o texto ou pronunciar-se sobre o seu conteúdo antes mesmo de o ler. Não se entendem por actividades de pré-leitura, aqui, as simples informações sobre o tema do texto, o autor, o tipo de texto,...

compreensiva, debruçar-nos-emos principalmente sobre os textos apresentados, o tipo de perguntas apresentadas ou o tipo de actividades propostas no âmbito da leitura.

Este manual – Español 1, nivel elemental, da Porto Editora – é constituído por um Livro propriamente dito, um Caderno de Exercícios e um CD do qual constam algumas gravações que o professor poderá utilizar nas aulas.

Em termos temáticos, encontra-se dividido em dezasseis temas, que se harmonizam com o programa geral da disciplina. Em cada um dos dossiers, encontramos textos, explicações sobre o funcionamento da língua e exercícios para praticar esse mesmo funcionamento. Quanto aos textos em si, trinta e quatro no total – têm, na sua grande generalidade, um questionário cuja dificuldade, evidentemente, vai aumentando à medida que vamos progredindo no manual e, conseqüentemente, na aprendizagem da língua espanhola.

O manual apresenta, ainda, algumas canções e um glossário.

C – DIMENSÃO SELECCIONADA

Para este trabalho, pareceu-nos importante reflectir sobre a leitura compreensiva e as suas implicações em sala de aula.

Falar de leitura implica, necessariamente, um “projecto de vida”, tendo a escola um papel fundamental na sua concretização, já que pode – e deve – “desempenhar um papel social e cívico capaz de formar cidadãos autónomos e interventivos”⁹. Porém, facilmente verificamos que os alunos não só não lêem, como frequentemente não gostam de ler e isso pode ser resultado do facto de não saberem “ler”, ou seja, de não conseguirem compreender claramente o que lêem. Este problema é, aliás, tão actual e tão importante que tem sido amplamente debatido à escala internacional e foi, inclusivamente, tema central do projecto europeu *Signes et Sens*, que incluiu uma equipa de trabalho portuguesa da qual fizemos parte e cujo trabalho será amplamente utilizado ao longo deste estudo: ao contrário do que podemos pensar – que a escola portuguesa não consegue desenvolver nos seus alunos a capacidade de ler bem – outros

⁹ Prof. Sardinha, Maria Graça, “Literacia em leitura – identidade e construção da cidadania”

países (como a Bélgica, a França, a Polónia, a Roménia, ou a Turquia) sentem exactamente as mesmas dificuldades e as mesmas condicionantes. Há, pois, que encontrar estratégias que permitam superar estas dificuldades e, no âmbito deste estudo, consideramos importante reflectir sobre este tema e sugerir processos que visem a concretização deste objectivo: fazer dos nossos alunos melhores leitores!

Ora, o português e a língua portuguesa são, como facilmente se compreende, uma área curricular fundamental e transversal nas nossas escolas: se a língua portuguesa é um modelo de herança cultural, ensiná-la é, claramente, ensinar a ser cidadão. E os objectivos da disciplina de Língua Portuguesa passam, evidentemente, por aí: pelo desenvolvimento cognitivo, social, afectivo e cívico dos alunos, por fomentar o crescimento dos alunos como cidadãos de pleno direito, com capacidade reflexiva e crítica, capazes de compreender plenamente as mensagens que se lhes transmitem.

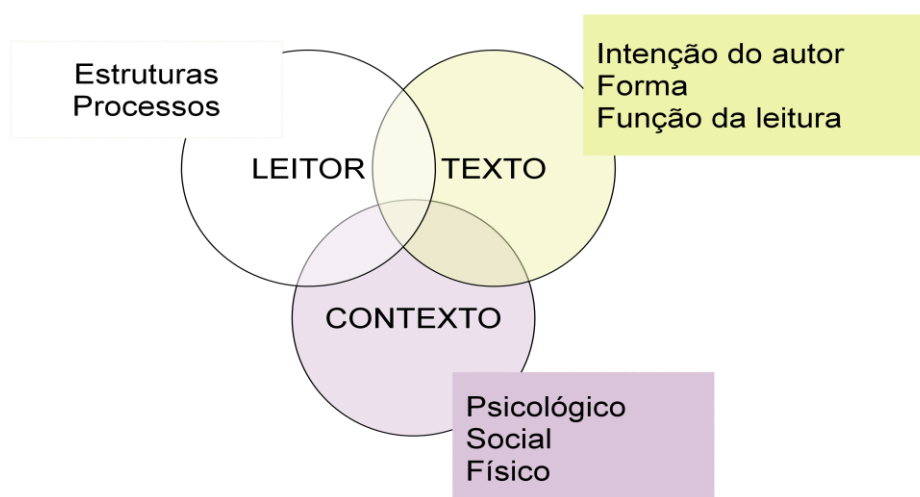
Quando falamos de leitura compreensiva, teremos, necessariamente, de nos referir a Jocelyne Giasson e ao seu livro La compréhension en Lecture, publicado em 1990 e já com várias reedições, tal a sua importância (existe traduzido para português por Maria José Frias, numa publicação da Editorial Asa em 1993). De facto, neste livro Jocelyne Giasson, que conclui que os alunos não compreendem verdadeiramente aquilo que lêem, reflecte sobre a compreensão leitora, procurando fornecer ao professor estratégias que o possam ajudar a levar a que os seus alunos sejam capazes de, de forma eficaz, adquirir competências de leitura e de compreensão dos textos. Para tal, apresenta um modelo interactivo de compreensão, um modelo de ensino explícito, bem como intervenções específicas consoante os diferentes processos de leitura, procurando encontrar transparência na ligação teoria/prática, isto é, levando a que a teoria possa, efectivamente, melhorar a prática.

Jocelyne Giasson, remetendo-se a uma concepção mais contemporânea da leitura, considera – e bem – que, durante o acto de leitura, o leitor chega ao sentido do texto utilizando o próprio texto, os seus conhecimentos e a sua intenção de leitura. Com efeito, a leitura implica a interacção de três dimensões diferentes¹⁰: o texto, o contexto e

¹⁰ Esta temática é também abordada por Susana Mira Leal, *in* “Ensinar a Língua, promover a cidadania – um desafio por/para cumprir”, *in* Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009 (pp. 2964-2978)

o leitor. Quanto à primeira, tem a ver com as condições de produção, com as características sócio-enunciativas, com a dimensão, o grau de complexidade, os temas tratados, o universo cultural e semântico a que se reporta, ... A segunda tem a ver com o contexto psicológico, social e físico do leitor, com a motivação para a leitura, com o tipo de leitura e respectivos objectivos, com as formas de interacção com o professor, com os colegas, com a família, com a comunidade que acompanha a leitura, com o ambiente de leitura, com o conforto que sente, com o tempo disponível, ... Quanto à terceira dimensão, refere-se aos processos cognitivos desenvolvidos, às capacidades fisiológicas, aos conhecimentos linguísticos (lexicais, sintácticos, semânticos e pragmáticos), aos conhecimentos e crenças sobre o próprio processo de leitura, Esta variável – leitor – pressupõe processos de elaboração, que permitem formular hipóteses, integrar o texto em conhecimentos interiores, ultrapassar o próprio texto (ir aquém e além deste) e fazer inferências não previstas pelo leitor, e processos metacognitivos, que gerem a compreensão e permitem ao leitor ajustar-se ao texto e à situação (identificação da perda de compreensão, ...).

Esta teoria poderá ser traduzida pelo seguinte esquema:

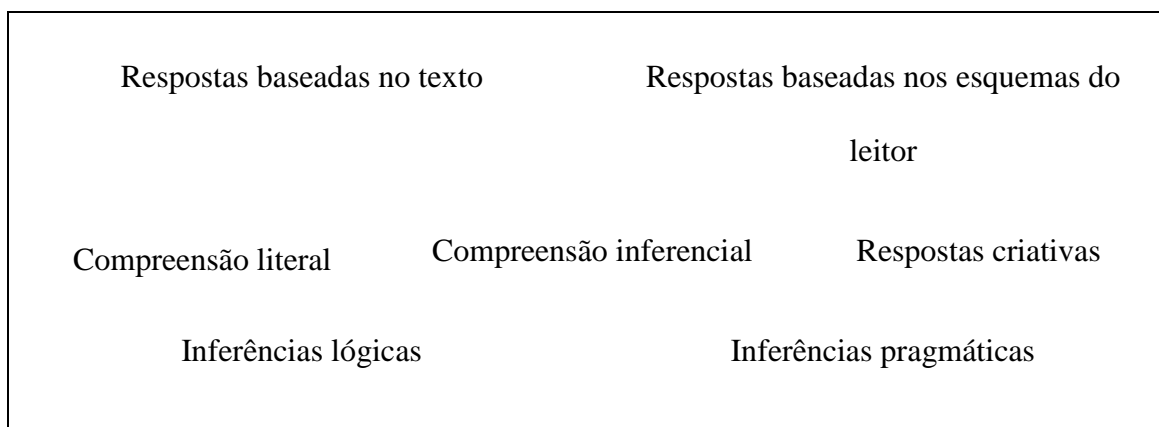


Nesta perspectiva, o aluno é protagonista activo neste processo, com o qual se deve envolver física e emocionalmente, procurando compreender claramente o que lê. Para isso, deverá colocar questões, interrogar-se e interrogar o professor, fazer críticas reflexivas, numa expressão, querer efectivamente compreender o texto, fazendo tudo o que está ao seu alcance para que isso aconteça.

Para além disto, falar de leitura compreensiva e de Jocelyne Giasson implica também, necessariamente, falar de inferências e referir o modelo conceptual de inferências de Cunningham (1987).

Este autor começa, efectivamente, por identificar o que pode considerar-se inferência e o que não pode considerar-se como tal, distinguindo a existência de inferências baseadas no texto e de inferências baseadas nos conhecimentos do leitor, a que poderemos chamar inferências criativas. De facto, Jocelyne Giasson remete claramente para este modelo quando, ao tratar a questão das inferências, refere que Cunningham não as considera isoladamente, mas as coloca em escala, como se vê na seguinte figura:

Escala das inferências de Cunningham¹¹



Continuando a seguir o raciocínio de Jocelyne Giasson, notamos que do lado esquerdo da figura encontramos as respostas que se baseiam exclusivamente no texto (questões de carácter literal) e à direita as que colocam em evidência os conhecimentos do leitor. Porém, não podemos esquecer que é o conjunto das partes atribuídas a cada um destes elementos que determina o tipo de resposta que o leitor vai dar, ou seja, que só com os dados que retira do texto e os conhecimentos que tem da vida e do mundo consegue interpretar correctamente todo o texto.

Mas, afinal, o que são as inferências? Inferência é tudo aquilo que ultrapassa a compreensão literal, aquilo que o texto não mostra com todas as letras, o que se

¹¹ Giasson, Jocelyne, *La comprensión en lecture*, pp 60 a 71

subentende em consequência dos conhecimentos já referidos e que se opõe à resposta literal, que não exige grande esforço do leitor para ser encontrada.

Cunningham distingue, porém, dois tipos distintos de inferências: as lógicas e as pragmáticas. As primeiras são baseadas no texto; as segundas baseiam-se nos conhecimentos ou esquemas do leitor. Quer isto dizer que as primeiras estão necessariamente incluídas no texto de forma explícita (por exemplo, se o texto diz que os dias são longos e está muito calor, facilmente deduzimos, por uma questão de lógica associada aos nossos conhecimentos, que estamos em pleno Verão), ao passo que as segundas estão subentendidas, mas não são necessariamente verdade (podemos, pelo mesmo exemplo, deduzir que a acção se passa numa zona de praia, mas isso pode não corresponder inteiramente à verdade: é possível que a acção se passe numa zona de praia, mas não é imperioso que isso seja verdade).

Relativamente às inferências criativas, à semelhança das pragmáticas, constituem-se quase exclusivamente nos conhecimentos do leitor e nos seus próprios esquemas: ao contrário da inferência pragmática, que será à partida mais ou menos comum a todos os leitores de um grupo semelhante (por exemplo, todos ou quase todos os alunos de uma mesma turma), a inferência criativa pode ser comum apenas a um grupo muito mais restrito de alunos. Não confundamos, porém, inferência criativa com imaginação ou julgamento por parte do leitor: ela advém, mais uma vez, dos conhecimentos anteriores do próprio leitor, e como nem todos os leitores de uma mesma turma, para recuperar o exemplo anterior, têm os mesmos conhecimentos, isso significa que também nem todos darão uma resposta idêntica.

A aula de Língua Portuguesa tem um papel fundamental a este nível: permite um contacto contínuo e diversificado com o texto escrito, permite a interacção oral e escrita com colegas, professor, ... Nesta perspectiva, é fundamental que o professor de Língua Portuguesa implemente estratégias que permitam a superação de dificuldades e desenvolvam o prazer da leitura.

Porém, os portugueses parecem ter alguma dificuldade relativamente à leitura: mais do que não gostar de ler, os portugueses não sabem ler, ou seja, não são capazes de interpretar correctamente um livro. Provavelmente, não gostam de ler porque não são

capazes de o fazer correctamente, não conseguem retirar prazer de algo que lhes coloca dificuldades e, conseqüentemente, não se envolvem no processo de leitura.

Considerando que ninguém nasce a saber ler, que se aprende a fazê-lo ao longo da vida, num processo contínuo e sistemático, a escola e os professores têm o dever de tentar, em qualquer momento do processo escolar, levar os alunos a aprender a ler correctamente e inclusivamente a gostar de o fazer.

Ora, ao contrário do que muito professores ainda parecem pensar – que uma vez ensinado o código, a compreensão em leitura é um dado adquirido –, o livro de Jocelyne Giasson mostra que não só é possível, como também absolutamente fundamental, ensinar a compreensão leitora, levando a que o aluno não se cinja à mera compreensão literal.

No contexto português, Fernanda Leopoldina Parente Viana e Iolanda da Silva Ribeiro, ambas professoras da Universidade do Minho, têm também trabalhado bastante esta problemática, procurando fornecer estratégias que permitam ao professor ensinar a compreensão leitora. Considerando a existência de vários tipos de questões que podem ser elaboradas relativamente a cada texto – questões literais, inferenciais e de reorganização da informação –, criaram a “Família Compreensão”, que o projecto Signes et Sens, com a sua autorização e colaboração, utilizou para os trabalhos, transformando-a na “Equipa Compreensão”. Será importante referir que, para a criação desta “Equipa”, para além das inferências referidas por Cunningham, considera-se ainda a existência de inferências críticas, essas sim incluindo julgamentos ou juízos do próprio leitor.

Esta “Equipa” é, então, constituída por personagens fáceis de conhecer e de entender, que favorecem, através da sua aplicação, o ensino/aprendizagem da competência do leitor no âmbito da compreensão. Trata-se de uma “Equipa de choque”: sem ela, o leitor não compreende nada do que lê e ainda que alguns leitores contem apenas com um ou outro dos seus elementos, é aquele que consulta todas as personagens que clarifica melhor o sentido dos textos que lê. Consoante o tipo de documento, consoante o próprio leitor, as personagens podem intervir em diferentes momentos da leitura, mas cada uma delas tem um papel muito específico a desempenhar e todas se complementam umas às outras. Estas personagens são:

- **Juvenal Literal:** trata-se de uma personagem que não gosta de trabalhar e que, como tal, necessita apenas de ver o texto para encontrar a resposta solicitada; por ser “preguiçoso”, se a informação não for evidente, não a descobre; também gosta de responder com as palavras do texto; sabe, no entanto, que a resposta tem mais valor quando utiliza as suas próprias palavras.
- **Conceição Reorganização:** é muito prática e gosta que tudo esteja bem organizado; se a informação não estiver ordenada, ela não descansa enquanto não a organiza; gosta de fazer esquemas e resumos do que lê e de dar títulos originais aos textos.
- **Durval Inferencial:** chamam-lhe “detective” porque adora resolver enigmas passo a passo; procura pistas que o texto lhe possa oferecer para descobrir a mensagem que o autor quer transmitir; com todas as pistas encontradas e com a sua experiência de vida, consegue invariavelmente resolver os enigmas que o texto lhe apresenta.
- **Francisca Crítica:** é a mais inteligente da família e adora meter o nariz em tudo; quando lê qualquer coisa, gosta sempre de dar a sua opinião, mas, para isso, tem de pensar bastante para tirar conclusões e... só depois fala! Mas adora o que faz!
- **Mário Dicionário:** é o colecionador da equipa; gosta de descobrir o significado das palavras ou expressões que não conhece e de fazer malabarismos com as frases; se não conseguir compreender alguma palavra ou expressão, mergulha no dicionário ou na gramática até saber o que significa; quanto mais palavras procura, mais palavras aprende e elabora um dicionário na sua própria cabeça, o que lhe dá mais hipóteses de conseguir entender um texto.
- **Vicente Consciente:** é o elemento mais discreto da Equipa, já que ninguém vê, do exterior, o trabalho que executa; porém, sem ele o resto da equipa não avança; é o seu coordenador, o seu “coach” ou treinador. A sua função consiste em observar muito atentamente para ver quem realiza o seu trabalho

com eficácia e quem deveria mostrar-se mais activo ou mais hábil; anima-os a todos e ajuda-os a ultrapassar o automatismo, a analisar os obstáculos que encontram e os comportamentos positivos a instaurar para brincar melhor ao jogo da leitura; é aquele que faz descobrir com lucidez as estratégias vencedoras da leitura: esta tomada de consciência permite a todos os membros da equipa tornarem-se donos do seu próprio jogo e encontrar sempre o significado pretendido, esteja ele visível ou oculto, subentendido.

Relativamente a este trabalho, procuraremos analisar estatisticamente os textos que constam do manual em apreço, bem como o tipo de questões que apresentam. Pegaremos, depois, num texto do manual de língua portuguesa em análise e utilizaremos a Equipa Compreensão, apresentada sob a forma de personagens vivas com as quais o aluno vai “jogar” ao que poderemos chamar “o jogo da compreensão”, numa tentativa de exemplificar como poderão ser abordados estes textos, visando tornar mais agradável a leitura por parte dos alunos e facilitando a sua compreensão do enunciado lido.

D – A LEITURA COMPREENSIVA NO MANUAL PALAVRAS A FIO (Língua Portuguesa, 7º ano)

SÍNTESE GERAL DOS TEXTOS – TIPO DE QUESTÕES APRESENTADAS

TEXTO	TIPOS DE QUESTÕES ¹²				
	PERGUNTAS LITERAIS	PERGUNTAS INFERENCIAIS			REORG.DA INFORM.
		LÓGICAS	PRAGMÁTICAS	CRÍTICAS	
“Conversa em Família” * ¹³	3	3	1	4	

¹² As questões aqui enumeradas referem-se, exclusivamente, à parte identificada no manual como “Estudo do texto”, isto é, à interpretação propriamente dita, já que são formuladas muitas outras questões nas partes identificadas como “Como se diz” (relativa a questões no âmbito do processo de escrita: vocabulário, recursos estilísticos, tipos de frases, etc.) e “Gramática”.

¹³ * Texto narrativo

“Planos” *	2	3			
“Sempre a mesma coisa” *	4	1	1	1	
“Tempos de infância” *	2	4		2	
“Anjo ou fada?” *	4		2	1	1
“O menino grande” #	3	3	1	2	
“Uma boa amizade” *	1	2		1	3
“Andar de cavalo a ver a flor” *	3	1		2	1
“Atrapalhação” *	1		1		1
“O amor é uma estupidez” *	2	1	1	1	
“Página de um diário” *	3	1	1	2	2
“Amores, amores” #	4		1	1	1
“Conflitos” *	1	2			
“Juramento” *	2	2	1	1	
“Os sapatos de ténis” *	2	2	1	1	
“O assalto” *	2	2	1		
“O amigo do alheio” *	4	2	5	1	1
“Epígrafe” # ¹⁴	3	2	1		
“Computomaniacos” *	6	2	2		
“Morta de fome” *	4	1	3	1	

¹⁴ # Poesia

“A grande decisão” *	2	1	1	1	2
“Chumbo” *	3	3			1
“Dilema” *	2	1		1	3
“Retrato” #	4	3		3	
“O búzio” *		2			
“Rotina” *	2	3			1
“A casa grande” *	11	5	2	1	1
“Ambientes” *	5	5	3	1	1
“O hienoso” *	4	3			
“Rola a chuva” e “Pregão do vendedor de lima” #	7	2	2		
“Mundos estranhos” *	5				
“Chicotadas” *	1	2		1	1
“Botânico pendura as suas obras de arte” ... ” & ¹⁵	1		2	3	1
“O sonho” § ¹⁶	5	2			1
“Poema do afinal” #	3	1	2	3	1
TOTAL DE TEXTOS: 35					
TOTAL DE QUESTÕES / TIPO:	111	67	35	35	23

¹⁵ & Texto informativo

¹⁶ § Teatro

Pela análise deste quadro, é fácil depreender que:

1. Os textos apresentados são predominantemente narrativos, havendo apenas seis poemas (sete, se considerarmos que, apesar de aparecerem juntos e referenciados, no índice, como um único texto, “Rola a chuva” e “Pregão do vendedor de lima” são, efectivamente, dois poemas de Cecília Meireles, com interpretação claramente diferenciada no manual e com apenas uma questão referente aos dois em conjunto, naquela que consideramos uma questão inferencial pragmática), um excerto de uma peça de teatro (O Sonho, de Alice Vieira) e uma notícia saída no jornal Público.
2. O aluno, pela multiplicidade de autores seleccionados no manual (refiramos, a título de exemplo, Margarida da Fonseca Santos, Alice Vieira, Fialho de Almeida, Sebastião da Gama, Ana Meireles, Anne Frank, João de Deus, Miguel Sousa Tavares, Cecília Meireles, José Cardoso Pires, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Bernard Clavel ou Anne Colmerateur, entre outros), pela gama diversificada de temas abordados, tomará conhecimento com várias realidades e com vários tipos de narrativa, podendo desenvolver o seu gosto pela leitura;
3. A diversidade de temas abordados e a pertinência de todos eles poderão seguramente ser aplicadas à consolidação de valores e atitudes perante os outros, o mundo e a vida. De facto, o primeiro Dossier chama-se “Em Família” e remete precisamente para a importância desta na nossa vida diária; o segundo Dossier intitula-se “Amigos, Amores” e fala de sentimentos, nomeadamente da amizade e do amor, como o próprio título indica; o terceiro Dossier tem o nome de “Confusões” e faz-nos reflectir sobre temas como o dos conflitos entre pessoas, da honestidade, da vida sem muito dinheiro, ...; o quarto Dossier chama-se “Decisões” e debruça-se sobre temas como o do vício nos computadores e na internet, sobre a decisão de comer por vício e não apenas por necessidade, sobre o dilema de estudar mais ou menos, de começar ou não a trabalhar cedo, *quicá* em prejuízo dos estudos, de ser ou não honesto relativamente ao dinheiro e ao trabalho,...; o quinto Dossier tem por título “Olhares” e faz-nos pensar sobre a forma como

vemos as pessoas e as coisas e sobre como a nossa perspectiva pode não ser a única correcta; o sexto Dossier chama-se “O mundo em notícia” e fala de mundos estranhos e de fantasmas, da escravatura e dos castigos que eram infligidos aos escravos, de uma exposição de arte moderna, de como os bobos podem ser reis e de como os reis podem ser bobos, ... São, enfim, temas que podemos considerar bastante importantes numa idade em que o aluno desenvolve, talvez como em nenhuma outra, o seu sentido crítico, a sua consciência do bem e do mal, os seus valores e a consciência da importância das suas atitudes;

4. As actividades propostas são variadas, à semelhança do que acontece com os textos, como se constata nos pontos anteriores;
5. Relativamente ao tipo de questões colocadas, predominam as de resposta literal, ou seja, as que estão claramente expostas no texto, imediatamente seguidas das inferenciais lógicas. Desta forma, na grande maioria dos casos não se exige que o aluno pense muito, mas apenas que saiba ver o que o texto lhe mostra, já que as primeiras têm a sua resposta de forma completamente explícita no texto e as segundas a têm de forma semi-explícita (isto é, o aluno não precisa de se esforçar muito a pensar para a encontrar: basta ler nas entrelinhas!);
6. As questões inferenciais pragmáticas, que mais exigem que o aluno reflecta, que ponha em acção os conhecimentos que tem da vida e do mundo, aparecem em terceiro lugar, a par das inferenciais críticas: de facto, com alguma frequência se pede que o aluno reflecta sobre o tema apresentado, que dê a sua opinião e que tire ilações do texto. Considerando, como vimos no ponto dois, a importância dos temas abordados, é fundamental que o aluno seja capaz de reflectir sobre eles e de tomar posição, sendo capaz de argumentar convenientemente as suas opções e as suas ideologias;
7. As questões relacionadas com a reorganização da informação são, de facto, as menos utilizadas, havendo mesmo vários textos que não pedem que isso seja feito. Nas vezes em que aparece, predomina o pedido de que o aluno dê outro título ao texto, ou que reorganize as ideias ou parágrafos apresentados

na questão, seguindo a ordem porque surgem no texto. Particularmente pensamos que, mais importante que reorganizar as ideias do texto através de frases soltas, será o aluno ser capaz de dar outro título ao texto, justificando-o convenientemente, porque isso demonstrará que entendeu efectivamente a mensagem que este lhe quis transmitir, absorvendo-a na sua mente e pensando sobre ela.

Com este manual, que poderá então fazer o professor para tornar as aulas de Língua Portuguesa interessantes e apelativas? Que estratégias poderá adoptar para ensinar o aluno a ler e a entender correctamente o que lê?

Voltamos aqui à Equipa Compreensão, com a qual nos propusemos trabalhar. E a primeira questão – pertinente, diga-se – coloca-se-nos de imediato: como apresentar esta “equipa” à turma? Como trabalhá-la nas aulas?

Sugerimos que, na primeira aula do ano – quando, pela primeira vez, o professor entra em contacto com a turma de 7º ano com a qual vai trabalhar ao longo de um ou mais anos (acreditamos que a continuidade do trabalho é importante, pelo que defendemos que o professor mantenha as mesmas turmas ao longo de todo o ciclo de estudos, o que, neste caso, significa até ao 9º ano de escolaridade), comece por tentar conhecer um pouco melhor as potencialidades do grupo que tem pela frente. Neste sentido – e porque cada turma é constituída por alunos diferentes, com gostos diferentes, com perspectivas e experiências de vida diferentes, com potencialidades diferentes –, propomos que, para melhor poder conhecer os gostos, os hábitos de leitura e as capacidades leitoras dos seus alunos, possa optar por um pequeno questionário. Este questionário, elaborado a pensar na apresentação, aplicação e praticabilidade da Equipa Compreensão, tem a mera – se mera se lhe pode chamar – pretensão de procurar conhecer um pouco melhor alunos com os quais nunca trabalhámos e de que, como tal, não sabemos gostos ou competências. Terá, assim, de ser elaborado numa linguagem clara e compreensível para alunos do 7º ano de escolaridade, sobre os quais se debruça este trabalho, devendo ser facilmente compreendido por todos eles para que surta o efeito desejado.

Eis, aqui, um possível questionário que nos permitirá identificar alguns destes aspectos:

PROPOSTA DE QUESTIONÁRIO

HÁBITOS / COMPETÊNCIAS DE LEITURA ¹⁷

1. Gostas de ler? Sim Não
2. Costumas ler com frequência? Sim Não
3. Que tipo de leitura fazes mais frequentemente?
- 3.1.Livros de aventuras
- 3.2.Livros de ficção científica
- 3.3.Romances
- 3.4.Livros policiais
- 3.5.Banda desenhada
- 3.6.Jornais
- 3.7.Nada, porque a leitura não me desperta interesse / porque normalmente não entendo o que leio (*risca o que não interessa*)
4. Costumas ler por obrigação (o que te mandam ler para a escola) ou lês também por prazer?
- Leio só por obrigação Leio por prazer
5. Quando lês, prestas mais atenção às palavras ou à mensagem que o autor quer transmitir? Às palavras À mensagem
6. Quando lês, entendes bem a mensagem? Sim Não

¹⁷ Este questionário poderá ser traduzido para espanhol e passado pelo professor da disciplina também na primeira aula do ano, com o mesmo objectivo que aqui sugerimos para a disciplina de Língua Portuguesa.

7. Costumas perceber o significado de todas as palavras que estão no texto / livro? Sim Não
8. Quando não entendes todas as palavras, costumavas procurar saber o seu significado? Sim Não
- 8.1. Se sim, diz como:
- 8.1.1. Procuro no dicionário;
- 8.1.2. Pergunto ao meu pai ou à minha mãe;
- 8.1.3. Pergunto ao meu professor;
9. Quando não entendes muitas palavras, perdes a vontade de ler? Sim Não
10. Já paraste de ler um livro por não compreenderes muitas palavras? Sim Não
11. Quando um texto / livro não tem imagens, achas mais difícil entender o que quer dizer? Sim Não
12. Preferes ler textos / livros com ou sem imagens? Com imagens Sem imagens
13. Consideras que as imagens dos textos / livros te ajudam a imaginar a acção do texto? Sim Não
14. Quando lês:
- 14.1. Preocupas-te apenas em procurar entender o que o autor quer transmitir, o que está claro no texto? Sim Não
- 14.2. Preocupas-te com o que poderá estar nas “entrelinhas”? Sim Não

- 14.3. Tentas tu próprio encontrar explicações para aquilo que não está claro? Sim Não
15. Costumas pensar sobre o que o autor escreve? Sim Não
16. Gostas de dar a tua opinião sobre os temas presentes no texto / livro? Sim Não
17. Costumas sempre estar de acordo com tudo o que o autor escreve no texto / livro? Sim Não
18. Se respondeste **não** à pergunta anterior, gostas de pensar em outras explicações para as coisas, de encontrar outras hipóteses de desenvolvimento para a acção (por exemplo, outras reacções possíveis para as personagens, outros finais possíveis e o porquê desses finais, outros títulos possíveis para o texto / livro,...)? Sim Não
19. Se o professor te der um texto desordenado, és normalmente capaz de o ordenar? Sim Não
20. És normalmente capaz de resumir um texto / livro de forma a que os teus colegas entendam a história? Sim Não
21. Pensas que é importante colocar todos os teus conhecimentos da vida e do mundo ao serviço da leitura? Sim Não
22. Antes de ler um texto / livro, gostas de imaginar o seu tema? Sim Não
23. E quando o estás a ler, gostas de imaginar a acção contada, como se fosse um filme? Sim Não
24. Consideras que os conhecimentos que tens te podem ajudar a compreender melhor o texto / livro? Sim Não
25. Pensas que saber interpretar um texto é importante? Sim Não

26. Para ti, ler:

26.1. É um prazer.

26.2. É uma obrigação por causa das aulas.

26.3. É uma “seca”.

27. Pensas que ler (podes assinalar mais do que uma opção):

27.1. Desperta a tua imaginação.

27.2. Te ensina muito sobre o mundo.

27.3. Te ensina a pensar melhor sobre algumas coisas.

27.4. Te ajuda a ter melhores notas na escola.

27.5. Desenvolve o teu espírito crítico.

28. Pensas que as aulas de Língua Portuguesa (podes assinalar mais do que uma opção):

28.1. São importantes, porque lemos muitos textos.

28.2. São importantes, porque nos ensinam a ler melhor.

28.3. São importantes, porque conhecemos novos autores.

28.4. São importantes, porque o português é a nossa língua.

28.5. Não são assim tão importantes.

----- FIM DO QUESTIONÁRIO -----

Depois de passado ao aluno, as respostas a este questionário deverão ser objecto de análise cuidada por parte do respectivo professor, que poderá, assim, ter uma ideia mais concreta, mais real, do público que vai ter pela frente e, assim o esperamos, das estratégias a utilizar para o cativar – não é essa a palavra utilizada pela Raposa, quando, em conversa com o Principezinho, refere que, se este a “cativar”, terão necessidade um

do outro e a sua vida, até agora monótona, ficará cheia de sol¹⁸? De facto, esse deve ser também o objectivo primordial do professor – de qualquer professor, evidentemente: o de cativar os seus alunos, de fazer com que eles gostem das aulas e das matérias estudadas e, conseqüentemente, se apliquem nessas mesmas matérias.

No caso da aula de Língua Portuguesa, é absolutamente fundamental que o aluno tenha o seu espírito aberto, a sua curiosidade desperta e um crescente interesse por esse projecto de vida que é a leitura, pois só isso lhe permitirá aperfeiçoar-se progressivamente nesse mesmo projecto.

Assim, sugerimos que o professor, após análise do questionário anterior, possa proceder ao ensino da capacidade de interpretar um texto. Começará pela apresentação da Equipa Compreensão à turma (podemos sugerir que o faça através de um jogo de cartas em que cada carta representa um elemento da Equipa). Depois, e na sequência das respostas obtidas no questionário, poderá fazer uma pequena dramatização desta Equipa, escolhendo um aluno – o que, mediante as respostas dadas, lhe pareça mais capaz de representar o papel¹⁹. Por exemplo, aquele que refere não gostar muito de pensar e se preocupa apenas em entender o que está claro no texto poderá desempenhar o papel de Juvenal Literal; aquele aluno que se preocupa em saber o significado de todas as palavras, indo à sua procura quando não o conhece, poderá representar o papel de Mário Dicionário; aquela aluna que até gosta de reorganizar ideias, de pensar em outros títulos, poderá ser a Conceição Reorganização; aquele ou aquela que sempre gosta de dar opiniões, de fazer críticas, de argumentar sobre este ou aquele tema poderá interpretar o papel de Francisca Crítica; um aluno que se preocupe em saber mais do que o que está claro no texto, fazendo constantes apelos aos seus conhecimentos do mundo e da vida, será o Durval Inferencial; finalmente, aquele que parece preocupar-se com todas as nuances da leitura, que lê por prazer, que considera que a leitura desenvolve vários domínios do saber e da cultura será o Vicente Consciente, o “chefe”

¹⁸ Saint-Exupéry, Antoine de, O Príncipezinho

¹⁹ À semelhança do questionário, também esta actividade poderá ser desenvolvida na aula de Língua Estrangeira, a partir do momento em que comece a aparecer, em contexto real, a necessidade de interpretar textos escritos.

ou mediador de toda a Equipa. Acreditamos que os alunos facilmente aderirão a este tipo de actividades, deixando-se “cativar” pela aula de Língua Portuguesa.

Peguemos, então, no texto “Conversa em família” – o primeiro texto do Dossier A do manual em análise (anexo 1) – e procuremos desenvolver esta actividade, analisando as questões apresentadas e propondo outras questões possíveis.

Este texto debruça-se sobre o tema da relação avós/netos, dos “trabalhos” que dá um idoso na família, da forma como esse idoso, consciente das suas limitações, se sente perante filha, genro e netos. Trata-se de um texto com supressões do livro O Peixe Azul, de Margarida Fonseca Santos. Parece-nos um texto de fácil leitura e compreensão, com vocabulário e estruturas adequados ao nível etário do seu público-alvo.

Este texto aparece acompanhado de imagens que ajudam a interpretá-lo melhor, uma vez que estão claramente relacionadas com o tema abordado (nelas vemos um velho num sofá com uma televisão em cima, um carro levando o mesmo velho a reboque, uma jovem à volta do frigorífico e um velho em cima de um colchão de água, no mar). De facto, acompanhar estas imagens permite-nos acompanhar o próprio desenvolvimento da história narrada.

Relativamente ao questionário apresentado, tem perguntas literais (exemplo: enumerar os argumentos apresentados pelo avô e os contra-argumentos dados pelo neto), inferenciais pragmáticas (sexo e idade provável das personagens, momento do dia e do ano em que se desenrola a acção, local onde se encontram as personagens, como se sentiu o avô no final da conversa, ...) e inferenciais críticas (“Parece-te que o discurso de Daniel e de Joana são próprios para jovens de doze e dezasseis anos? Justifica a tua resposta com elementos retirados do texto”).

Proponhamos, então, um questionário relativo a este texto, que será resolvido com a participação da Equipa Compreensão:

1. Depois de ler o primeiro parágrafo, indica:

1.1. Que personagens aí aparecem?

Tratando-se de uma questão literal, entrará em acção o Juvenal Literal, que indicará aos colegas de turma em que momento do texto está a comprovação

deste facto: aparecem no primeiro parágrafo avô e neto (“... *eu estava ali sozinho com o meu avô*”, linhas 2-3).

1.2. Em que momento do dia se desenrola a acção?

Precisamos, aqui, da interferência do Durval Inferencial, já que estamos na presença de uma questão inferencial pragmática. De facto, não sabemos concretamente a que horas se passa a acção e o facto de o avô estar a dormir enquanto vê televisão também não é particularmente significativo: poderíamos pensar que a acção se passa depois de jantar, mas essa inferência até pode estar errada já que o Durval, pelos conhecimentos que tem da vida e do mundo, sabe que, estando no Verão, os mais velhos gostam de dormir a sesta, pelo que a acção se poderá desenrolar ao princípio da tarde.

Claro que, perante esta resposta do Durval Inferencial, os colegas de turma poderão dizer: “pois, mas se fosse ao princípio da tarde, o rapaz andaria a passear com os colegas e não estaria em casa a ver televisão com o avô!”. Caberá ao Durval argumentar que o jovem não andava a passear porque todos os seus amigos já tinham ido de férias e ele não tinha com quem sair. Para além disso, os pais dele estavam a trabalhar no escritório, pelo que a acção pode perfeitamente desenrolar-se ao princípio da tarde.

Tratando-se de uma pergunta cuja resposta não aparece, de forma clara e inequívoca no texto, o professor deverá considerar as duas respostas possíveis como correctas: a acção tanto pode desenrolar-se ao princípio da tarde como depois do jantar.

1.3. E em que momento do ano?

Estamos aqui perante uma questão inferencial lógica: o Durval Inferencial poderá dizer-nos que, ainda de acordo com este parágrafo do texto, a acção se passará logicamente no princípio do Verão, já em período de férias escolares, eventualmente em Agosto, quando todos os colegas do jovem já foram de férias para o Algarve, para Trás-os-Montes ou para outros sítios (linhas 3-8).

1.4. Onde se encontram as personagens? Comprova a tua resposta com elementos retirados do texto.

Mais uma vez, trata-se de uma questão inferencial lógica, à qual o Durval Inferencial nos pode ajudar a responder: se avô e neto estão em casa a ver televisão e o avô até já está a dormir, podemos deduzir que se encontram na sala de estar (“A televisão estava uma bodega. Os meus pais continuavam os dois a trabalhar no escritório e eu estava ali sozinho com o meu avô, que já dormia, evidentemente”).

1.5. Avô e neto conversavam, até que o primeiro disse algo que provocou um vivo diálogo entre os dois. Que palavras foram essas? Por que razão provocaram estranheza no narrador? (questão que consta do manual)

Estamos, mais uma vez, perante uma primeira pergunta que é literal, sendo o Juvenal Literal perfeitamente capaz de responder (“Vão, então não vão?”). Quanto à segunda questão, trata-se de uma inferencial lógica, à qual o Durval também não terá dificuldade em responder: como sempre ia com eles, o neto não percebe porque é que, este ano, o avô não quer acompanhá-los nas férias (de facto, quando formula a pergunta no meio da conversa, o avô utiliza a terceira pessoa do plural, mostrando que ele próprio não iria).

1.6. Enumera os argumentos que o avô apresenta para justificar a decisão que tomou. De seguida, ao lado de cada argumento, escreve o contra-argumento do narrador (questão que consta do manual).

Mais uma vez, uma questão literal. No seguimento da dramatização da Equipa Compreensão, será o nosso amigo Juvenal a responder.

Argumentos do avô	Contra-argumentos do neto
Atrapalha a vida de todos no hotel.	Ninguém pensa assim.
A Joana quer sempre sair.	A irmã sai mesmo sem autorização.
O neto não sai para lhe fazer companhia.	Ele (neto) não sai porque não gosta de ir a discotecas.

1.7.Com a chegada da Joana, um dos dois interlocutores ganha um aliado novo. Qual deles? Porquê? (questão que consta do manual)

A primeira parte da questão é absolutamente literal e é respondida pelo Juvenal: é o neto que ganha um novo aliado. Porém, pode dar-se o caso de nem todos os alunos conhecerem a palavra “interlocutor”, pelo que entrará em cena o Mário Dicionário, que, com os seus conhecimentos, os ajudará a compreender o sentido desta palavra. Quanto à justificação, facilmente o Durval dirá que, pela resposta que dá ao avô (“Era só que o faltava. Ó avô, passaste-te?”), a Joana concorda com o irmão e nem põe a hipótese de o avô não ir com eles de férias para o Algarve.

1.8.No final da conversa, o avô saiu derrotado. Como se sentiu? Justifica a sua reacção. (questão que consta do manual)

Trata-se, mais uma vez, de uma pergunta literal, à qual o Juvenal responderá que se sentiu “aliviado”, que é a palavra que o narrador utiliza para descrever o estado de espírito do avô. Quanto à justificação da sua reacção, o Durval Inferencial dirá que se sentiu assim porque, na realidade, e embora dissesse o contrário, o avô queria acompanhá-los nas férias, como sempre acontecia.

1.9. Concordas com os netos, que querem levar o avô com eles de férias, como sempre?

Caberá à Francisca Crítica responder a esta questão, uma vez que se trata de uma resposta que exige reflexão, espírito crítico e argumentação da opinião: de facto, ela poderá responder como entender, seja favoravelmente ou contra a argumentação dos netos. Porém, terá ela própria que argumentar, defendendo a sua opinião. Claro que os outros alunos poderão, ou não, estar de acordo com a resposta que ela entender por bem dar, pelo que se poderá estabelecer uma espécie de mini-debate, com a mediação do professor, no qual os alunos serão levados a dar a sua própria opinião. Como o que está em causa na escola são também os valores, o ideal seria que todos estivessem de acordo quanto à ida do avô com eles durante as férias: acima de tudo, poderá chamar-se a atenção para o facto de que há muitas famílias que, por puro egoísmo, deixam os seus “velhos” (aqui em sentido carinhoso) abandonados em casa ou num qualquer lar durante

as férias, para que não tenham trabalho com eles. Será importante chamar a atenção para o “alívio” do avô ao sentir-se desejado pela família.

1.10. Dá outro título ao texto.

Estaremos, neste caso, perante uma questão de reorganização da informação, pelo que entrará em acção a Conceição Reorganização: só entendendo bem o texto se lhe poderá dar um título adequado, que poderá ser “Serei um estorvo?” ou “Férias (s)em família”, ou qualquer outro que a Francisca considere pertinente, desde que o justifique.

Refira-se, em complemento a esta dramatização, que o Vicente Consciente terá a função de observar atentamente o trabalho dos seus colegas, incentivando-os a que sejam mais hábeis e mais activos na interpretação do texto. De facto, sempre que surjam dúvidas – o que poderá não acontecer se cada uma das personagens envolvidas na “peça” se empenhar activamente na interpretação do papel que lhe foi destinado – o Vicente deverá colocar-se em acção, analisando os obstáculos que surgiram e fazendo descobrir comportamentos e atitudes positivos para que o jogo tenha sucesso. Com efeito, o seu papel poderá revelar-se fundamental para que a dramatização corra bem e os alunos descubram as melhores estratégias de leitura e de compreensão do texto.

À laia de conclusão sobre este tema, poderemos dizer que esta estratégia, devidamente aplicada em sala de aula, pode revelar-se um instrumento de trabalho útil e indispensável ao ensino da compreensão em leitura. De facto, permitimo-nos insistir na ideia de que o aluno só gosta de ler se entender, se compreender perfeitamente o sentido da mensagem que o autor lhe pretende transmitir. Ora isso só acontece se desenvolver estratégias que lhe permitam superar os obstáculos e encontrar soluções para os problemas com que se vai deparando. A actividade agora apresentada – repetimos, a ter lugar no início do ano lectivo e funcionando, aqui, apenas como um exemplo do que se pode (*quizás*, deve) fazer regularmente na aula de Língua Portuguesa – pode ser um ponto de partida para um ensino eficaz da compreensão leitora. Até porque, mais uma vez insistimos, o professor de Língua Portuguesa deverá ter um papel primordial no desenvolvimento das competências necessárias e do gosto pela leitura.

E – A LEITURA COMPREENSIVA NO MANUAL ESPANHOL 1, NIVEL ELEMENTAL (Espanhol, 7º ano)

SÍNTESE GERAL DOS TEXTOS – TIPO DE QUESTÕES APRESENTADAS

TEXTO	TIPOS DE QUESTÕES				
	LITERAIS	INFERENCIAIS			REORG. DA INFORMAÇÃO
		LÓGICAS	PRAGMÁTICAS	CRÍTICAS	
El león y los tres bueyes * ²⁰					1
Elia soy yo *	5	1	1	1	
El concurso *		1	1	1	
El acusica *	6				
Unos nacen con estrella, otros nacen estrellados *	4			1	
Una noticia inesperada *	6	1		2	1
La hora de la siesta *	3	2		1	
Historia del Carnaval & ²¹	3		1	2	
Me encantaría vivir como Harry Potter &	5	1		1	
La casa de mi abuela *	2			1	
¡Adónde vamos a parar! *	3				
El criado del rico mercader *	2				1
Mi diario *	3	1		1	

²⁰ * Texto narrativo

²¹ & Texto informativo

La niña Palillo *	2	1		1	1
Calvin y Hobbes # ²²	3	2		1	1
Cuando ir de viaje es una profesión &	1				1
TOTAL DE QUESTÕES / TIPO:	49	10	3	13	6

Pela análise deste quadro, parece óbvio que:

1. O manual em apreço apresenta relativamente poucos textos (sobretudo se o compararmos com o manual de Língua Portuguesa destinado aos mesmos alunos), facto que facilmente se compreende se nos lembrarmos que se trata de um manual para uma Língua Estrangeira de Iniciação. Com efeito, neste nível de aprendizagem os alunos não podem, evidentemente, ter vocabulário e conhecimento da língua que lhes permita interpretar cabal e eficazmente um texto. Essa aprendizagem vai-se desenvolvendo ao longo de um ano lectivo de trabalho, pelo que, naturalmente, o grau de dificuldade do texto vai aumentando progressivamente;
2. O manual em análise apresenta um texto por capítulo, isto é, um texto relativo a cada tema de aprendizagem: tem, pois, 16 temas de estudo, aos quais correspondem 16 textos;
3. Os textos não aparecem no início de cada dossier, mas antes mais próximos do final dos mesmos: indo ao encontro do que referimos no ponto 1 desta análise, procura-se que o aluno aprenda o vocabulário e as estruturas gramaticais e sintácticas relevantes para o estudo do texto. Assim, quando vai ler o texto já tem, teoricamente, conhecimentos suficientes para o interpretar correctamente. Parte-se, pois, da aprendizagem do vocabulário e

²² # Banda desenhada

da gramática para o texto, naquela que consideramos a estratégia mais adequada a este nível de ensino de uma língua estrangeira;

4. Os textos apresentados são predominantemente narrativos, havendo apenas uma banda desenhada e dois textos informativos. São, também, textos evidentemente relacionados com o tema em estudo, que procuram, pela sua simplicidade e, simultaneamente, pelo seu teor apelativo, criar no aluno a noção de que aprender esta língua é fácil e motivador;
5. Os textos que surgem são de interpretação bastante fácil – recordemos que estamos a falar de um manual para alunos que iniciam a aprendizagem de uma língua estrangeira –, predominando, obviamente, as questões literais. No final, as questões literais ganham a todas as outras juntas por 49 – 31: uma vitória arrasadora, diga-se, ainda que natural e compreensível! Assim, para a maioria das perguntas as respostas aparecem de forma clara no texto. Exige-se, pois, sobretudo que o aluno consiga ver o que o texto lhe quer mostrar, já que a resposta está explícita no texto;
6. Tratando-se de alunos que estão em pleno desenvolvimento do seu espírito crítico, é também de louvar o facto de haver já um número considerável de questões inferenciais críticas. Com efeito, com alguma frequência o aluno é chamado a dar a sua opinião, justificando-a e fundamentando-a, o que lhe dá a noção da sua própria evolução na aprendizagem da língua: quanto mais facilmente se exprimir, quanto mais fácil lhe for dar e defender a sua opinião, mais o aluno sentirá que está no bom caminho no que à aprendizagem desta nova língua diz respeito;

À semelhança do que já fizemos relativamente ao manual de Língua Portuguesa, também agora nos perguntamos: o que pode o professor fazer para, com este manual, desenvolver as habilidades de leitura e a capacidade de interpretação de um texto?

E também para responder pegamos na Equipa Compreensão e apresentamo-la à turma com a qual trabalhamos. Este procedimento não deverá, porém, ser realizado no início do ano lectivo (nesse momento apenas se fará, em português, a aplicação do

questionário anteriormente apresentado, como os mesmos objectivos que tem para a disciplina de Língua Portuguesa), mas quando os alunos forem já capazes de pôr em prática todas as personagens da Equipa Compreensão. Assim, deverá ser aplicado após algumas aulas e após a leccionação de determinadas matérias, nomeadamente gramaticais, que a seguir referiremos, de preferência utilizando o espanhol como língua de comunicação. Com efeito, o facto de se tratar de uma língua indubitavelmente semelhante à nossa, ainda que com muitas e notórias diferenças, permite que o professor se possa exprimir na nova língua, sempre atento, evidentemente, ao facto de, em cada momento, o aluno poder não entender o que está a explicar. Nessa situação, pode – e deve – o professor falar em português. Porém, a experiência diz-nos que, no caso do Espanhol de Iniciação, o aluno é normalmente capaz de compreender, sem grande dificuldade, o que o professor diz durante a aula, pelo que não haverá certamente necessidade de recorrer sistematicamente à nossa língua materna. Aliás, o facto de sentir que compreende o que o professor lhe está a querer dizer torna-se um factor extra de motivação: o aluno mostra-se mais atento e empenhado no processo de ensino/aprendizagem se sentir que o professor não lhe vai explicar tudo em português, que vai mesmo ter de se esforçar por entender e que é capaz de o fazer.

Peguemos, pois, num texto do manual em análise. Não o faremos com um dos textos iniciais, mas com um texto que esteja depois da leccionação de determinados conteúdos, como os verbos creer (“acreditar”) ou pensar (este com irregularidade na formação do seu presente do indicativo), “*estar a favor*” o “*estar en contra*”, “*estar de acuerdo*” o “*estar en desacuerdo*”, ... para que possamos já exigir que o aluno reflita e que seja capaz de dar a sua opinião e de argumentar. Assim, escolhemos um texto que se encontra na página 40 do manual, estudado ainda no primeiro período lectivo. Trata-se de um texto que pretende – e bem – transmitir valores e que tem uma “moral” subjacente. Procuraremos explorar essa “moral” da história, levando os alunos a opinar e a fazer ver o seu ponto de vista.

Vejamos, pois, o texto e proponhamos algumas questões que poderão ser colocadas e às quais os alunos já serão capazes de responder:

3

Háblanos de tus amigos



LEER PARA CONTAR



1. En este texto se hace referencia a diversos animales, entre otros a la marmota, a la ostra y al burro, ¿qué característica(s) asocias con cada uno de ellos?



- 1 nombrar – nomear
 2 rato – bocado (de tempo)
 3 espabilado – espevitado
 4 atajo – atalho
 5 listo – esperto

El concurso

La profesora propuso a los alumnos un juego para aprender cosas nuevas.

– Escuchad, vamos a hacer un juego – les dijo –. Uno de vosotros debe nombrar¹ un animal y los otros tienen que asociarlo a un adjetivo que lo defina. Por ejemplo, si yo digo ostra, una respuesta podría ser aburrido, aburrido como una ostra.

Javier se levantó el primero y dijo:

– Marmota.

10 Y enseguida Julián contestó:

– ¡Dormilona! Que duerme como una marmota.

Siguió Andrés, que soltó:

– Tortuga.

Y ¿qué contestaron los demás? Lo sabéis todos, seguro:

15 – Lento como una tortuga.

Maribel, que era muy habladora, tuvo que decir, cómo no:

– Papagayo.

– ¡Charlatán! – respondió Lola muy deprimida.

Y así siguieron un buen rato²: «Hormiga», «¡trabajadora!».

20 «Perro», «¡fiel!»...

Hasta que Guillermo, que era muy espabilado³, soltó:

– Burro.

– ¡Tonto!

Él les respondió:

25 – Estáis muy equivocados, los burros no son tontos, me lo ha contado mi madre. Aunque mucha gente no lo sabe, el burro es el animal que primero encuentra un atajo⁴ para llegar a un sitio. Tendría que decirse: «Burro», «¡listo⁵!».

Y la profe, muy impresionada, tuvo que dar la razón a

30 Guillermo:

– La verdad es que de vez en cuando hay que investigar un poco, porque a veces se dicen las cosas porque sí, sin pararse a pensar si son ciertas.

in *Cuentos para contar en 1 minuto y 1/2*, (adaptado)

40 cuarenta

Trata-se de um texto que descreve uma situação em sala de aula, com um questionário que a professora coloca aos alunos e com as respostas que os mesmos dão. Apliquemos, pois, um questionário concreto direccionado para a actuação da Equipa Compreensão:

1. ¿Qué propuso la profesora a los alumnos?

Estamos diante de uma questão literal, já que, na primeira frase, o texto diz: “La profesora propuso a los alumnos un juego para aprender cosas nuevas.” O Juvenal Literal pode, pois, responder sem problemas a esta questão.

2. Explica las asociaciones que se hacen en el texto (questão que está no manual):

a) La ostra es solitaria porque...	1. ... anda muy despacio.
b) La marmota es dormilona porque ...	2. ... encuentra el camino más corto.
c) El papagayo es charlatán porque ...	3. ... está encerrada en su concha.
d) La hormiga es trabajadora porque ...	4. ... tiene necesidad de invernar.
e) El perro es fiel porque ...	5. ... repite y repite lo que oye.
f) La tortuga es lenta porque ...	6. ... va siempre muy cargada.
g) El burro es listo porque ...	7. ... obedece a su dueño.

Estamos, agora, perante uma questão inferencial lógica, já que o texto não indica claramente cada uma destas associações. Assim, terá de ser o Durval Inferencial a responder a esta questão, apelando aos seus conhecimentos da vida e do mundo e a fazer as seguintes associações: a 3; b 4; c 5; d 6; e 7; f 1; g 2.

3. Guillermo di que el burro es listo. ¿Por qué lo es?

A esta questão literal responderá o Juvenal, pegando nas palavras do Guillermo: “El burro es listo porque es el animal que primero encuentra un atajo para llegar a un sitio.”

4. Guillermo sabe más que los otros sobre el burro. Justifica esta afirmación.

Esta pergunta, inferencial pragmática, terá de ser respondida, mais uma vez, pelo Durval, que terá de perceber que o Guillermo sabe mais que os outros porque, eventualmente, terá lido livros sobre isso, ou terá familiares que têm um burro e que lhe terão dito isso. Assim, deverá responder: “Él sabe más que los otros

sobre este animal porque probablemente ya ha leído algún libro sobre eso, o entonces porque su padre o su abuelo tienen un burro y se lo han dicho.”

5. ¿Por qué se impresiona la profesora con la respuesta de Guillermo?

Contamos de novo com a colaboração do Durval, que deverá responder: “La profesora se impresiona porque no pensaba que el alumno supiera tanto sobre este animal y que pudiera dar y justificar esta respuesta.” De facto, tratando-se de uma dedução, porque o texto não explicita esta situação, consideramo-la uma pergunta inferencial lógica.

6. ¿Cuál es la moraleja que se desprende del cuento?

Estamos perante uma pergunta inferencial pragmática, à qual o Durval deverá responder, utilizando os seus conhecimentos da vida e do mundo: “La moraleja es que a veces hablamos sin pensar en lo que decimos, pero sería mejor pensar antes de hablar.” De facto, como qualquer outra “moral da história”, esta deduz-se, não está claramente referida no texto.

7. ¿Estás de acuerdo con esta moraleja?

Para explicar o sentido da palavra “moraleja”, contamos com a ajuda do Mário Dicionário, que seguramente sabe o que ela significa. Relativamente à pergunta em si, estamos perante uma questão inferencial crítica, pelo que será a vez da Francisca entrar em acção e responder: “Sí, estoy de acuerdo, porque debemos siempre pensar antes de hablar: cuando hablamos sin pensar, a veces nos arrepentimos de lo que decimos, como pasó aquí con los chicos que respondieron que al burro se asociaba la palabra tonto. La verdad es que el burro no es tonto y es más listo que muchos otros animales.”

Para chefiar e orientar esta equipa, para a incentivar a trabalhar melhor, está sempre em acção o Vicente Consciente, num papel que já explicitámos antes.

Este seria, evidentemente – e à semelhança do que já propusemos relativamente ao manual de Língua Portuguesa, um trabalho a desenvolver repetidamente ao longo do ano lectivo, para os outros textos que aparecem depois deste no manual em apreço. Trata-se de um trabalho que nunca se esgota e que permite que os alunos aprendam,

cada vez mais, a interpretar um texto e desenvolvam o gosto pela leitura também em língua estrangeira.

F – CONCLUSÃO DA ANÁLISE DESTES DOIS MANUAIS

Comparar dois manuais de 7º ano tão diferentes como o de Língua Portuguesa e o de Língua Estrangeira é, evidentemente, comparar duas realidades diferentes e à partida praticamente incomparáveis.

De facto, os manuais aqui estudados ao nível da leitura compreensiva, ainda que destinados aos mesmos alunos têm, evidentemente, funcionalidades e graus de exigência absolutamente diferentes no que diz respeito à dimensão analisada. Se relativamente à disciplina de Língua Portuguesa se depreende que os alunos sabem falar, ler, escrever e interpretar textos, são capazes de expressar-se de forma mais ou menos correcta na sua língua materna e, por isso, suficientemente competentes para expressar ideias e opiniões, no âmbito do ensino/aprendizagem da língua estrangeira o caso é já completamente diferente, visto que é neste ano de escolaridade que começam a dar os primeiros passos nessa aprendizagem. Com efeito, podemos dizer que aquilo que para um aluno de 7º ano de escolaridade autóctone é quase inato – recordemos que ouvimos falar, de acordo com estudos médicos, desde que ainda estamos na barriga da nossa mãe, pelo que os sons e as palavras que vamos ouvindo e que vão organizar o nosso pensamento e expressar as nossas vivências são-nos, à partida, familiares –, como o é a capacidade de pensar e de se exprimir na sua língua materna, de opinar usando palavras que conhece e em cujo significado (denotativo e/ou conotativo) frequentemente nem precisa de pensar, para o mesmo aluno, aprendiz de uma língua estrangeira, tudo é novo e cada passo é apenas mais um na longa caminhada que vai ser a sua aprendizagem. De facto, não é logo que este aluno começa a ser capaz de pensar e de organizar as suas ideias nessa língua, pelo que também não é de imediato que adquire a capacidade de se expressar e de comunicar com ela: essa habilidade e essa capacidade serão o resultado de muito trabalho, de muito estudo, de muito interesse e de grande motivação no processo de aprendizagem, naqueles que consideramos os pilares fundamentais de um processo de ensino/aprendizagem de sucesso.

Desta forma, a presença da leitura significativa nestes dois manuais tem, pois, pesos diferentes, como pesos diferentes terão outras dimensões, já que diferentes – permitimo-nos insistir – são também os manuais e os objectivos que se propõem atingir.

No caso da Língua Portuguesa, acreditamos que os objectivos devem centrar-se nos seguintes aspectos:

- a) Aprofundar o gosto pessoal pela literatura;
- b) Valorizar a leitura como forma de conhecimento e como fonte de prazer;
- c) Desenvolver e estimular a leitura de diferentes géneros discursivos, fazendo uso de estratégias de leitura diversificadas;
- d) Ampliar o universo da leitura, utilizando inter-textos e trocando impressões acerca do conteúdo dos mesmos, desenvolvendo o espírito crítico dos alunos;
- e) Desenvolver a capacidade de expressão oral, adequando-a às diferentes situações de comunicação, sejam elas escolares ou extra-escolares, formais ou informais;
- f) Reconhecer diferentes formas de falar e compreender essa diversidade, através do conhecimento dos contextos em que surge;
- g) Compreender diferentes tipos de discurso, orais e escritos, em diversas variantes da língua portuguesa, incluindo os que respeitam a norma padrão da língua e outros mais actuais e utilizados pelos jovens (no texto “Conversa em família”, que analisámos, há inclusivamente algum vocabulário tipicamente juvenil);
- h) Ampliar conhecimentos semânticos, gramaticais e discursivos necessários à construção e compreensão dos sentidos dos textos, identificando mensagens explícitas e implícitas;
- i) Produzir diferentes géneros discursivos, consoante o tipo de textos em estudo;

No caso da disciplina de Espanhol, Língua Estrangeira II, os objectivos serão, necessariamente, bem diferentes, centrando-se na aprendizagem do vocabulário e das estruturas gramaticais que permitirão, a curto, médio e longo prazo, comunicar nesta língua. Assim, espera-se que o aluno seja capaz de, no final do ano, falar sobre si e sobre a sua família, descrever física e psicologicamente alguém, pedir e dar informações espaciais, falar relativamente aos meios de transporte, às suas actividades quotidianas, à saúde, ao ócio e tempo livre, ... Pretende-se, também que, ao longo do ano, o aluno vá sendo capaz de expressar opiniões, gostos e preferências, dando-se grande predominância à vertente comunicativa da língua.

Porém, a leitura é uma actividade fundamental para a aprendizagem de qualquer língua. E se o aluno gostar dos textos que lhe são apresentados no manual e nas aulas, se os entender com facilidade, se for capaz de encontrar estratégias que lhe permitam compreendê-los integralmente, então o caminho para que goste das aulas e da própria língua está aberto, mostrando-lhe novos horizontes e levando a que cada vez mais sinta prazer na leitura.

Para que o cumprimento dos objectivos anteriormente referidos seja possível, é necessário, pois, que os textos apresentados sejam diversificados e motivadores, bem como que o professor seja capaz de estimular e desenvolver, nos seus alunos, o gosto pela leitura, que seja capaz de os tornar leitores atentos e curiosos, com capacidade para seleccionar o que querem ler e, sobretudo, para compreender inteiramente o que lêem.

A utilização das estratégias que apresentámos – com a entrada da Equipa Compreensão em acção – permitirá que os alunos mais facilmente aprendam a “ler o sentido”, ou seja, aprendam a ver realmente o que o autor lhes quer dizer, a ser capazes de ler nas entrelinhas, de raciocinar sobre os temas apresentados; permitirá, enfim, torná-los mas autónomos e mais eficazes no processo de leitura.

V – CONCLUSÃO GERAL – PRIMEIRA PARTE

Um professor que se cinja aos manuais que utiliza, aos materiais que as próprias editoras lhe oferecem será sempre, seguramente, um profissional limitado, incompleto, sem capacidade criativa, sem habilidade de conquistar o seu espaço junto dos seus alunos e de, conseqüentemente, os conquistar.

O professor actual necessita, claramente, de ser um espectador atento do mundo, um ser humano desejoso de crescer contínua e ininterruptamente, um crítico da sociedade em que vive e dos problemas que a rodeiam e que a afligem, um organizador de informações, um orientador de aprendizagem, um criador de materiais pedagógicos, ... Sem necessitar de ser um super-homem, necessita, seguramente, de se superar a si mesmo em cada um das suas aulas, de se mostrar tão interessado em aprender como os próprios alunos, de se revelar sistematicamente nos conteúdos que ensina, ...

Relativamente ao processo de leitura, podemos considerar que é idêntico a uma relação amorosa: se os dois “amantes” se quiserem verdadeiramente, se se compreenderem totalmente, se forem capazes de interpretar olhares, de ler nas entrelinhas, de tirar conclusões relativamente aos gostos e anseios de cada um, de fazer ilações e de extrapolar sentimentos, de ver, em cada um de si, outros mundos e outras perspectivas, de se verem como um desafio mútuo de aprofundamento da paixão, a relação poderá ser um sucesso. Da mesma forma, se o leitor amar verdadeiramente o que a está a ler, se entender realmente o que lê, se for capaz de ler nas entrelinhas e de tirar ilações, se conseguir alargar os seus horizontes através da leitura, se procurar sempre aperfeiçoar o seu processo de leitura e a capacidade que tem para ler, será sempre um amante atento e apaixonado, um defensor absoluto da leitura e do poder que ela nos traz.

Porque ler também é poder.... Poder aprender continuamente... Poder conhecer outros mundos, outras culturas, outras vidas, outras ideias, outros conceitos... Poder voar nas asas da imaginação... Poder ser-se o que se quiser... Poder tudo o que quisermos imaginar...

Queiramos, então, e façamos com que os nossos alunos também queiram: desenvolvamos neles o gosto pela leitura, o prazer de ler. Só assim nos tornaremos uma sociedade mais completa, mais capaz, mais harmoniosa, mais crítica e mais competente.

SEGUNDA PARTE

PORTFÓLIO DE FORMAÇÃO

I – CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA



Este é o Kercas, a mascote da Escola Secundária de Afonso de Albuquerque

A Escola Secundária de Afonso de Albuquerque situa-se na parte mais alta da cidade da Guarda, junto ao Parque da Cidade e ao Estádio Municipal, numa zona mais batida pelo vento e mais sujeita ao frio rigoroso do Inverno.



Mapa da Cidade, onde se vê a localização da Escola Secundária de Afonso de Albuquerque

Criada em 1855 e inicialmente designada por Liceu Nacional da Guarda, tem sofrido várias alterações ao longo do tempo. Essas alterações passaram por mudança de instalações (as actuais, existentes há cerca de 40 anos, são, efectivamente, as terceiras) e

por ampliação do edifício, em resposta ao aumento gradual e significativo do número de alunos que a frequentam.

Entre a primeira e a actual designação, esta Escola teve vários nomes oficiais, o último dos quais foi o de “Escola Secundária com 3º Ciclo de Afonso de Albuquerque”. E se referimos esta anterior designação isso prende-se com o facto de que se trata, efectivamente, de uma escola que os alunos podem frequentar desde o 7º até ao 12º anos de escolaridade (mais ou menos, sem retenções pelo meio, entre os 12 e os 17/18 anos de idade). Para o 7º ano, recebe sobretudo alunos provenientes dos Agrupamentos de Escolas da Região Urbana da Guarda e de São Miguel, factor que leva a que os seus alunos sejam maioritariamente de origem urbana. Alguns, provenientes sobretudo do Agrupamento de Escolas da Sequeira, vêm de aldeias mais ou menos distantes – depende –, o que leva a que tenham de perder tempo nos transportes públicos. Relativamente ao 10º ano, para além de manter o grosso dos seus alunos do ensino básico, recebe alunos vindos sobretudo dos arredores, que procuram os Cursos Gerais, Tecnológicos ou Profissionais que a Escola oferece. Tratando-se da maior escola da cidade da Guarda, grande tem sido, desde sempre, a rivalidade – acreditamos que positiva – com a outra Escola Secundária da cidade (antiga Escola Técnica), uma rivalidade que nos leva a, logo que sai o ranking das escolas, por exemplo, ver em que lugar ficou cada uma delas, quase sempre podendo dizer que ficámos bem à frente da Escola Secundária da Sé. De facto, orgulhamo-nos de, ano após ano, ficar entre as 100 melhores escolas do país, facto que, pelas condições de interioridade que a que estamos sujeitos, nos parece bastante meritório. Refira-se que, relativamente às duas Escolas, há, apesar da saudável rivalidade, uma política de colaboração, pelo que inclusivamente os cursos que oferecem são discutidos aquando da constituição da rede escolar para cada ano lectivo.

Actualmente, a Escola Secundária de Afonso de Albuquerque faz parte do núcleo de escolas que estão a ser objecto de uma remodelação profunda, que passa pela quase demolição de muitas das suas infra-estruturas e pela construção de um edifício novo, moderno, eficiente e capaz de responder aos desafios da sociedade actual.

Para melhor agilizar a evolução das obras, e para que não fosse necessário recorrer a uma mudança física de instalações, pelo menos para algumas turmas, optou-

se por fasear as obras do seguinte modo: instalaram-se monoblocos no espaço anteriormente destinado a estacionamento; depois, numa primeira fase, libertou-se metade da escola para que possam decorrer as obras; numa segunda fase, quando a primeira parte dos trabalhos estiver concluída, ocuparemos as novas salas e libertaremos as que agora estão a funcionar, para que possam, também elas, ser objecto de transformação. Desta forma, funcionamos actualmente em dois espaços distintos, ainda que ambos dentro do recinto escolar normal: aproximadamente metade das aulas funcionam nas antigas salas de aulas, enquanto que as restantes funcionam em monoblocos.

Nas imagens seguintes podemos ver esta escola antes e depois das obras, numa perspectiva clara das alterações que vai sofrer:



← Antes das obras... Durante as obras... →





Depois das obras... Escola (vista aérea) e Átrio de Entrada...

O velho exercício do “descubra as diferenças” é bastante fácil, não?

Após concluídas as obras de recuperação, a escola apresentar-se-á com novo figurino, exterior e interior, sendo que todas as salas passarão a estar equipadas com computador e projector de vídeo, facilitando o uso das novas tecnologias em sala de aula. Também os espaços destinados a alunos e a pessoal docente e não docente terão uma cara nova, tornando-se mais agradáveis, atractivos e, sobretudo, mais funcionais. Enquanto isso não acontece, porém, teremos de continuar a adaptar-nos a esta situação de obras lado a lado com as aulas.

Relativamente ao número de alunos e à oferta formativa que apresenta, observe-se a seguinte tabela, que nos mostra tratar-se de uma escola com uma oferta bastante diversificada, que tenta responder às necessidades de vários tipos de alunos, seja no ensino regular, seja no ensino recorrente nocturno, passando pelos adultos que fazem certificação:

ENSINO BÁSICO			
ANO	N.º DE TURMAS	N.º DE ALUNOS	OPÇÕES QUE OFERECE
7º ano	4	112	Oficina de Artes
8º ano	3	75	
9º ano	4	111	Educação Visual Educação Tecnológica
Cursos de Educação e Formação	1	15	Empregado de Mesa e Bar
	1	19	Assistente Comercial
Programa de Integração, Educação e Formação (P.I.E.F.)	1	9	Curso de Fotografia
TOTAL DE TURMAS / ALUNOS	14	341	

ENSINO SECUNDÁRIO			
ANO	N.º DE TURMAS	N.º DE ALUNOS	CURSOS QUE OFERECE
10º ano	5	129	Ciências e Tecnologias
	1	21	Línguas e Humanidades
	1	26	Curso Tecnológico de Desporto
	1	20	Curso Profissional de Técnico Auxiliar Protésico
	1	20	Curso Profissional de Técnico de Informática de Gestão

	1	9	Curso Profissional de Técnico de Restauração
11º ano	4	107	Ciências e Tecnologias
	2	33	Línguas e Humanidades
	1	28	Curso Tecnológico de Desporto
	1	10	Curso Profissional de Técnico de Análise Laboratorial
12º ano	4	118	Ciências e Tecnologias
	1	31	Línguas e Humanidades
	1	21	Curso Tecnológico de Desporto
	1	15	Curso Tecnológico de Acção Social
	1	16	Curso Profissional de Técnico de Design de Equipamento
	1	6	Curso Profissional de Técnico de Análise Laboratorial
TOTAL DE TURMAS / ALUNOS	27	610	

ENSINO RECORRENTE (Sistema de Ensino por Módulos Capitalizáveis)			
ANO	N.º DE TURMAS	N.º DE ALUNOS	CURSOS QUE OFERECE
12º	1	23	Ciências e Tecnologias
12º	1	11	Ciências Sociais e Humanas
TOTAL DE TURMAS / ALUNOS	2	34	

Para além destes cursos, refira-se, como aspecto importante, que esta escola tem também um Centro Novas Oportunidades, que certifica alunos com o Ensino Básico (9º ano) e com o Ensino Secundário (12º ano), sendo muitos os adultos que já obtiveram certificação nesse Centro, inclusivamente Assistentes Operacionais da mesma escola, que aproveitaram a oportunidade para prosseguir e/ou concluir os seus estudos.

No que diz respeito a professores, será importante referir a existência dos seguintes docentes:

DISCIPLINA / CÓDIGO	N.º DE DOCENTES
290 – Educação Moral e Religiosa Católica	1
300 – Português (incluindo Português/Francês e duas docentes de Espanhol, com licenciatura concluída ou em fase de conclusão)	25
330 – Inglês	9
350 – Espanhol	1
400 – História	7
410 – Filosofia	7
420 – Geografia	5
430 – Economia	6
500 – Matemática	12
510 – Física e Química	15
520 – Biologia e Geologia	14
530 – Educação Tecnológica	6
550 – Informática	5
600 – Educação Visual	6
620 – Educação Física	13
Técnicos dos Cursos C.E.F.'s e P.I.E.F.	6
TOTAL DE DOCENTES:	137

No que diz respeito a este quadro docente, refira-se que se caracteriza pela estabilidade, já que a grande maioria faz parte do anteriormente designado por “Quadro

de Escola”, pelo que se pode seguir, de uma maneira geral, o critério da continuidade aquando da distribuição do serviço docente. Este critério implica que as turmas possam, regra geral, manter a grande maioria dos seus professores ao longo do ciclo de estudos, o que facilita o desenrolar do processo de ensino/aprendizagem. Relativamente aos Técnicos acima mencionados, são contratados anualmente, em função das necessidades da Escola, isto é, consoante os cursos C.E.F. e P.I.E.F. que funcionam.

Para além destes docentes, a Escola tem ainda um Serviço de Psicologia e Orientação, no qual estão integradas uma Psicóloga Escolar e uma Docente do Ensino Especial, que acompanha alunos com necessidades educativas especiais.

Relativamente a pessoal não docente, veja-se o seguinte quadro:

CATEGORIA	N.º DE FUNCIONÁRIOS
Assistentes Operacionais	51
Serviços Administrativos e S.A.S.E.	14 (12 + 2)
Guardas-nocturnos	3
TOTAL:	68

Relativamente ao Projecto Educativo de Escola, pode ler-se no Capítulo I que, numa perspectiva de promoção da igualdade de oportunidades, se pretende promover o sucesso e prevenir o abandono escolar dos alunos, bem como “desenvolver a qualidade do serviço público de educação e das aprendizagens dos alunos mediante:

- A diversificação da oferta formativa;
- A redução do insucesso escolar global, durante o triénio 2009 – 2012, para uma taxa próxima dos 8%, com base nas classificações internas finais;
- A prevenção e redução do abandono escolar para menos de 2% no 3º Ciclo e de 5% no ensino secundário;
- A redução do diferencial global entre a avaliação interna e a externa em 2 valores no ensino secundário e em 0,30 no ensino básico;

- A implementação, avaliação e aperfeiçoamento de mecanismos de ocupação plena dos alunos em caso de ausência dos professores titulares das disciplinas.²³

São, efectivamente, objectivos consideravelmente ambiciosos, sobretudo quando falamos de uma escola que se pauta por graus de exigência bastante elevados. De facto, consideramos – e certamente falo por todos os professores da escola – que os objectivos aqui mencionados devem ser acompanhados por um grau de rigor e de exigência acentuados, para que os nossos alunos possam continuar a ter sucesso após a saída para o ensino superior ou para o mercado de trabalho. Refira-se, também, que os próprios objectivos estabelecidos para os professores no âmbito da sua avaliação se centram nos aqui apresentados para a escola, pelo que os professores são muito conscienciosos relativamente às avaliações dos discentes.

II – TURMAS DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO:

A – CARACTERIZAÇÃO DO 7º D

A turma D do 7º ano de escolaridade é constituída por 28 alunos, dos quais treze são rapazes e quinze são raparigas. Só um aluno é repetente neste ano de escolaridade, havendo também uma aluna com retenções no estrangeiro. As idades estão compreendidas entre os 11 e os 14 anos e a grande maioria reside na cidade propriamente dita (21), sendo que só 7 se deslocam de aldeias periféricas. As habilitações literárias dos pais são variáveis, havendo 4 pais e 2 mães com o 2º ciclo, 4 pais e 3 mães com o terceiro ciclo, 12 pais e 13 mães com o ensino secundário e 6 pais e 5 mães com um curso superior. Também as profissões que desempenham são bastante heterogéneas, havendo, por exemplo, serralheiros, professores, bancários, 1 camionista,... Trata-se, pois, de uma turma em que nem todos os pais podem

²³ Retirado do **Projecto Educativo de Escola (P.E.E.)** da Escola Secundária de Afonso de Albuquerque

acompanhar os estudos dos seus filhos, ajudando-os quando necessário. São alunos que, nos seus tempos livres, gostam de praticar desporto, ver televisão, ler, ver filmes e ouvir música.

Trata-se de uma turma demasiado grande para que se possa trabalhar bem, até porque é constituída por alunos demasiado infantis e irrequietos, conversadores e distraídos, como se pode ler em todas as actas das reuniões do Conselho de Turma já efectuadas. É porém, uma turma com muita “massa cinzenta”, com resultados escolares muito razoáveis o que mostra que, se para além dos números, o nosso Ministério da Educação se preocupasse com o sucesso escolar efectivo (refira-se que, para este ano lectivo, se tivéssemos mais um aluno no 7º ano de escolaridade, teríamos uma turma a mais; porém, como matematicamente os alunos cabiam em 4 turmas, não foi autorizada a criação da quinta turma, em claro prejuízo do processo de ensino/aprendizagem), estes alunos poderiam ter excelentes resultados.

Considerando as características desta turma, o Conselho de Turma considerou, na reunião intercalar de Novembro, que é importante desenvolver competências que facilitem a inclusão de todos os alunos, proporcionar o seu desenvolvimento integral e contribuir para o seu desenvolvimento sócio-afectivo, criar hábitos de vida saudável, contribuir para a construção da identidade dos alunos e da sua consciência cívica, proporcionar aprendizagens que, de forma interdisciplinar, lhes forneçam um conjunto de saberes que lhes permitam uma boa inserção sócio-escolar, criar um conjunto de “defesas” potencialmente inibidoras de comportamentos desviantes e desenvolver competências que permitam a resolução dos problemas de aprendizagem diagnosticados. São, aliás, estes os objectivos que constam do Projecto Curricular de Turma.

Relativamente à disciplina de Espanhol L.E. II – Iniciação, os resultados escolares têm sido bons:

1º PERÍODO – CLASSIFICAÇÕES				2º PERÍODO – CLASSIFICAÇÕES			
NÍVEL 2	NÍVEL 3	NÍVEL 4	NÍVEL 5	NÍVEL 2	NÍVEL 3	NÍVEL 4	NÍVEL 5
0	11	11	6	1	10	11	6

Obviamente, os resultados do 1º período são ligeiramente melhores do que os do 2º, uma vez que, tratando-se de uma língua de iniciação, o grau de dificuldade vai aumentando e os conhecimentos exigidos vão sendo cada vez maiores, pelo que as classificações reflectem esse facto.

B – CARACTERIZAÇÃO DO 11º D

Esta turma é constituída por 28 alunos, dos quais 26 iniciaram o ano lectivo com 15 anos, um com 16 e outro com 22 anos. São, na grande maioria, alunos que residem na cidade da Guarda, havendo apenas 9 que vivem em aldeias envolventes.

Do Projecto Curricular de Turma constam os seguintes objectivos, idênticos, aliás, aos de muitas outras turmas, até porque o que queremos para os nossos alunos em geral passa pela concretização destes pressupostos:

- Desenvolver competências que facilitem a inclusão de todos os alunos;
- Proporcionar o seu desenvolvimento integral;
- Contribuir para o desenvolvimento sócio-afectivo dos alunos;
- Criar hábitos de vida saudável;
- Contribuir para a construção da identidade dos alunos e da sua consciência cívica;
- Desenvolver competências para aumentar as capacidades do pensamento;
- Proporcionar um conjunto de aprendizagens que, de forma interdisciplinar, forneçam aos alunos, um conjunto de saberes que lhes permitam uma boa inserção sócio-escolar;
- Criar um conjunto de “defesas” potencialmente inibidoras de comportamentos desviantes;
- Desenvolver competências que permitam a resolução dos problemas de aprendizagem diagnosticados;
- Desenvolver actividades do interesse dos alunos.

A minha parte da turma, porém, é muito diferente da turma real que os outros docentes da mesma têm.

De facto, os alunos que têm Espanhol de Continuação, nível 5, são apenas 8 – 6 raparigas e 2 rapazes –, e todos fazem parte do grupo que iniciou o ano lectivo com 15 anos. São alunos sem retenções no seu historial, sem classificações inferiores a 10 no ano lectivo transacto e todos com aspirações à frequência do ensino superior. Destes 8 alunos, apenas 1 vive numa aldeia próxima da Guarda, sendo que todos os outros residem na cidade.

Como alunos, são empenhados e participativos, envolvendo-se nas actividades desenvolvidas. As dificuldades que alguns deles revelam centram-se mais nas disciplinas de Matemática e Física e Química A, onde têm resultados mais baixos. Porém, em termos do Espanhol, os seus resultados são consideravelmente bons, tendo sido atribuídas as seguintes classificações no final dos 2 primeiros períodos lectivos:

1º PERÍODO – CLASSIFICAÇÕES			2º PERÍODO – CLASSIFICAÇÕES		
10 - 13	14 - 16	17 - 20	10 - 13	14 - 16	17 - 20
2	4	2	1	3	4

Os resultados aqui apresentados reflectem, inequivocamente, o trabalho desenvolvido pelos alunos no âmbito desta disciplina, que, por ser de um nível elevado, é também de grande exigência. Porém, o facto de se tratar de uma turma muito pequena, que favorece a existência de um clima de grande cumplicidade entre professora e alunos, que permite que se desenvolvam actividades que, em turmas com outras características, não seriam viáveis, leva, efectivamente, a este tipo de resultados: de facto, trabalhar com 8 alunos dentro de uma sala de aulas e trabalhar com 28, como acontece em tantas, é completamente diferente!

Tenho a sorte – e o mérito, acredito – de os ter sempre do meu lado, de sentir que respondem afirmativamente a tudo o que lhes solicito, de saber que não me falham um trabalho de casa, mesmo que seja em épocas em que andam às voltas com muitas provas de avaliação e/ou com testes intermédios. Falo em sorte, claro, porque nem sempre é fácil juntar alunos assim numa mesma turma. Falo em mérito também, porque se não os tivesse “cativado” (voltamos à palavra de O Principezinho) desde o ano passado, em que já foram meus alunos, esse clima talvez não existisse. É, de qualquer

forma, uma turma onde é muito agradável trabalhar e da qual vou sentir falta já no próximo ano, em que deixam de ter a Língua Estrangeira II no *curriculum*!

C – PRÁTICA PEDAGÓGICA – 7º D

Relativamente às aulas assistidas pela Professora Noemí Pérez, decorreram nos dias 26 Novembro, 25 de Fevereiro e 6 de Maio²⁴, sempre em aulas de meio-bloco (45 minutos) e obedeceram sempre à planificação anual, aqui em anexo (Anexo 2).

Na primeira destas aulas, em que começávamos a estudar a Escola, foi dada aos alunos a seguinte ficha de trabalho:

 **PARA EMPEZAR**

A Situar los espacios

 1. Pedro está enseñándoles la escuela a sus amigos; escucha y completa las frases.



²⁴ Tínhamos acordado, a Professora Noemí e eu, que eu teria um total de nove aulas assistidas, em vez das seis necessárias.

2. ¿Qué pueden hacer los alumnos en...?

- a. En la biblioteca
- b. En la sala de informática
- c. En el gimnasio
- d. En la cafetería
- e. En la sala de alumnos
- f. En el patio de recreo
- g. En las clases
- h. En los laboratorios

navegan en internet

1

hacen tablas de gimnasia

2

aprenden y escuchan a los profesores de las diferentes asignaturas

3

juegan a la pelota; charlan entre ellos

4

escuchan música y pasan el tiempo

5

se toman el bocadillo a media mañana y beben un zumo

6

se hacen experimentos de física, química y biología

7

leen libros, estudian y hacen los deberes

8



3. En mi mochila hay... Escucha y completa:

¡OJO!

clase = aula

asignatura = disciplina

una r _ l

un _ t che

u b _ í r f

u a g _ a d b r r r

_ á z

_ a p t s

u a c l c _ a _ a

unos r t u a o r e s

u c u d r o

u _ b o

4

Enséñanos tu instituto

B

Organizar el tiempo

1. Mira este horario de un instituto español.

1º ESO*	Lunes	Martes	Miércoles	Jueves	Viernes
09:15	<i>Pintura / Dibujo</i>	<i>Religión</i>	<i>Tecnología</i>	<i>Lengua Española</i>	<i>Lengua Española</i>
10:15	<i>Inglés</i>	<i>Lengua Española</i>	<i>Lengua Española</i>	<i>Estudios Sociales</i>	<i>Religión</i>
11:15	<i>Recreo</i>	<i>Recreo</i>	<i>Recreo</i>	<i>Recreo</i>	<i>Recreo</i>
12:45	<i>Estudios Sociales</i>	<i>Tutoría</i>	<i>Matemáticas</i>	<i>Matemáticas</i>	<i>Francés</i>
13:45	<i>Ciencias Naturales</i>	<i>Inglés</i>	<i>Francés</i>	<i>Inglés</i>	<i>Educación Física</i>
14:30	<i>Almuerzo</i>	<i>Almuerzo</i>	<i>Almuerzo</i>	<i>Almuerzo</i>	<i>Música</i>
15:30	<i>Tecnología</i>	<i>Educación Física</i>	<i>Ciencias Naturales</i>	<i>Ciencias Naturales</i>	<i>Tarde libre</i>
16:30	<i>Matemáticas</i>	<i>Matemáticas</i>	<i>Estudios Sociales</i>	<i>Tecnología</i>	

* 1º Educación Secundaria Obligatoria

¡OJO!

a. ¿Qué diferencias encuentras con tu horario? ¿Qué semejanzas?

- horas
- asignaturas
- día libre
- almuerzo

los lunes = às 2.ª-feiras
 estudiar = estudar
 preguntar = perguntar

b. Ahora contesta:

- ¿Cuáles son las asignaturas que más te gustan? Justifica.

- ¿Cuáles son las asignaturas que no te gustan? Justifica.

- ¿Cuál es tu día de la semana preferido? ¿Por qué?

- ¿Prefieres las clases por la mañana o por la tarde?

A aula foi estruturada de acordo com o seguinte roteiro:

Contenidos:

Los espacios de la escuela: situarlos y caracterizarlos. Hablar de nuestra escuela.

El material que usamos en clase: repaso.

El horario y las asignaturas: práctica del verbo gustar.

1. La profesora pregunta la fecha a un alumno mientras escribe los contenidos en la pizarra;
2. Para motivar a los alumnos, la profesora les pregunta si saben decir qué espacios existen en la escuela en español. Ellos ya sabrán decir, por ejemplo, “biblioteca” o “aula”, palabra que podrán referir (ya lo hemos visto como “falso amigo”);
3. La profesora distribuye las fichas de trabajo.
4. Los alumnos escuchan a Pedro, que nos presenta su escuela y completan los espacios en la ficha; para que tengan tiempo para escribir y para verificar si lo han hecho correctamente, escuchan de nuevo esta presentación (5-6 minutos).
5. La profesora corrige el ejercicio 1.
6. La profesora les da, a los alumnos, unos 3-4 minutos para hacer el ejercicio 2 (“¿Qué pueden hacer los alumnos en...?”); después lo corrige (4-5 minutos); podrán ser referidas otras actividades que pueden hacerse en estos espacios (10 minutos):

- En la biblioteca: Navegar en internet y hacer búsquedas;
Estudiar, hacer los deberes o hacer trabajos varios
Leer
Ver películas
Escuchar música con head phones ...
- En la sala de informática: Aprender las lecciones
Navegar en internet con el apoyo del profesor ...
- En el gimnasio: Hacer tablas de gimnasia
Jugar al baloncesto, al vóley, al fútbol, correr, ...

En la cafetería: | Pasar el tiempo
 Comer o beber algo
 Escuchar música
 Jugar al fútbol
 Estar con los amigos
 Charlar
 ...

- En la sala de alumnos: | Escuchar música
 Estar con los amigos
 Charlar
 ...
- En el patio de recreo: Normalmente, podrían estar al aire libre, tomar el sol,... pero ahora no lo hay en el espacio exterior, debido a los trabajos de reconstrucción de la escuela.
- En las clases: | Aprender las materias de las diferentes asignaturas
 Escuchar a los profesores
 Hacer pruebas de evaluación y fichas de trabajo
 Presentar trabajos
 ...
- En los laboratorios: hacer experimentos de física, química y biología

7. ¿Cuál es el espacio de la escuela que te gusta más? ¿Por qué?

8. Los alumnos realizan el ejercicio 3 (3-4 minutos) que después es corregido en clase;

9. ORGANIZAR EL TIEMPO:

9.1. La profesora les presenta el horario de la página 3

9.2. Los alumnos aprenden los nombres de las diferentes asignaturas del horario y ven las diferencias y los puntos comunes con respecto a su propio horario: ¿Qué asignaturas tienen o no? ¿Qué otras diferencias hay?

DIFERENCIAS	PUNTOS COMUNES
<p>Las horas de los recreos y del almuerzo</p> <p>Estudios sociales</p> <p>Tecnología</p> <p>Francés</p> <p>Música</p> <p>Tutoría *</p> <p>* (el tutor acompaña a los alumnos durante su proceso formativo, con la finalidad de obtener resultados más satisfactorios y conocer los intereses y necesidades para ayudarlo en la formulación de su propio proyecto de vida; se constituye como un espacio educativo que permite el seguimiento en el proceso de formación de los estudiantes, así como en el planteamiento y desarrollo de estrategias dirigidas a estimular habilidades y destrezas de los jóvenes)</p>	<p>Lengua portuguesa</p> <p>Pintura / dibujo: Educación Visual</p> <p>Inglés</p> <p>Ciencias Naturales</p> <p>Matemáticas</p> <p>Lengua extranjera: español</p> <p>Educación Física</p> <p>Geografía</p> <p>Física y Química</p> <p>Historia</p> <p>Religión</p> <p>Educación Tecnológica / Oficina de Artes</p> <p>Estudio Acompañado</p> <p>Proyecto</p> <p>Formación Cívica</p>

Conclusiones:

1. Los alumnos portugueses tienen mucho más asignaturas que los alumnos españoles;
2. Los alumnos portugueses empiezan las clases más temprano que estos alumnos españoles;
3. El horario de almuerzo es muy diferente.

9.3.Respuesta al cuestionario de la página 3

9.4.Los alumnos hablan un poco de su horario y de sus preferencias:

9.4.1.1. ¿Qué asignaturas les gustan más? ¿Por qué?

9.4.1.2. ¿Qué asignaturas les gustan menos? ¿Por qué?

(Si no hay tiempo para hacer y corregir todos los ejercicios,
los que falten los alumnos los harán como deberes de casa)

REFLEXÃO SOBRE AS ACTIVIDADES PROPOSTAS/ DESENVOLVIDAS:

Considerando que estávamos a começar o estudo de um novo tema, considerando que o manual adoptado na escola é muito limitado em termos de materiais propostos, optei por elaborar esta ficha de trabalho, tentando motivar mais os alunos para a aprendizagem desta matéria.

O roteiro de aula, que me abstenho de traduzir para português, porque acredito que será muito fácil de ler, mesmo em espanhol, foi integralmente cumprido e os alunos responderam activamente ao que lhes solicitei. Tratando-se de uma turma difícil, é necessário estar em constante actividade, não podendo haver momentos de pausa, para que os alunos não “desliguem” do que estamos a fazer, não se desconcentrem, pelo que estas aulas são sempre muito exigentes para o professor. Para manter o ambiente de sala de aula, foi mesmo necessário mandar sair uma das alunas – a mais velha da turma, com retenções no seu percurso escolar no estrangeiro, com graves problemas de comportamento dentro desta turma e já com 9 registos de ocorrências à data desta aula; a aluna foi enviada para a chamada “Sala de Acompanhamento”, onde realizou as tarefas previamente indicadas por mim, tendo regressado, como sempre acontece, no final da aula, para mostrar os exercícios realizados. Esta atitude levou a que também os outros alunos acalmassem um pouco mais, participando de forma mais ordeira no desenvolvimento da aula.

Esta ficha de trabalho, para além de trazer matéria nova para o contexto da aula, também aproveitava para rever conteúdos já estudados, como o material escolar ou as horas do dia. Estas actividades de revisão permitem verificar se os conteúdos anteriormente leccionados estão sabidos e, ao mesmo tempo, interligar os vários conteúdos leccionados/aprendidos, para que os próprios alunos não os considerem

“estanques”: de facto, tudo o que se aprende ao longo do tempo faz parte de um conjunto global e é esse conjunto que vai permitir a comunicação.

Relativamente à gravação, é um facto que funciona, porque, enquanto estão a ouvir, estão mais concentrados no seu trabalho, mais calmos e mais atentos à matéria, pelo que esta é uma actividade que repito com alguma frequência nas minhas aulas, sendo o computador e as colunas portáteis um material indispensável em muitas delas, ora com gravações deste tipo, ora com canções com espaços para completar ou com vídeos para ver.

Depois da aula, reflectindo sobre a mesma, acredito que correu bem, que os alunos aprenderam o que estava programado para a aula, que se empenharam no processo de ensino/aprendizagem e que procuraram responder activa e ordeiramente – nem sempre o conseguindo, evidentemente – ao que eu lhes solicitava.

Na segunda aula assistida nesta turma (em Fevereiro), em que os íamos começar a falar das rotinas diárias, foi-lhes dada a seguinte ficha de trabalho, que começava por uma revisão dos verbos pronominais e seguia para as rotinas diárias:

LAS RUTINAS DIARIAS

Para hablar de tu rutina de todos los días vas a necesitar verbos reflexivos, es decir, verbos que se usan con un pronombre reflexivo. Éste es el caso cuando hablas de higiene personal y de cambios de posición del cuerpo.

Ya conoces un verbo reflexivo: **llamarse**. ¿Te acuerdas de su conjugación?



Yo **me llamo**

Tú **te llamas**

Él / Ella / Usted **se llama**

Nosotros (-as) **nos llamamos**

Vosotros(-as) **os llamáis**

Ellos / Ellas / Ustedes **se llaman**

Fíjate:

1. **los pronombres reflexivos son: me / te / se / nos / os / se**
2. En el **infinitivo** de un verbo reflexivo, el pronombre reflexivo aparece **al final** del verbo y se escribe en una sola palabra con el verbo: **llamarse**. En el **presente**, el pronombre aparece **antes** del verbo: **me llamo**.



Levantarse: yo me levanto



Acostarse: yo me acuesto

3. Cuando el verbo reflexivo está en el infinitivo, el pronombre está al final del verbo, pero tiene que ser de la misma persona que el sujeto:

Ejemplos:- No quiero levantarme, mamá. / - Tienes que levantarte, hijito.

-¿Tenemos que lavarnos las manos antes de comer? / -Sí, tenéis que lavaros las manos.

EJERCICIOS:

1. Aquí tienes una lista de verbos que van a ayudarte a hablar de las rutinas diarias:

Acostarse (cambio -o- > -ue-)	Almorzar (cambio -o- > -ue-)	tener clases	Vestirse (cambio -e- > -i-)	hacer los deberes
cenar	coger el autobús	ducharse	despertarse (cambio -e- > -ie-) y levantarse	desayunar

1.1. Ahora observa las imágenes y describe las rutinas de Paula:

- acostarse almorzar tener clases vestirse hacer los deberes cenar
 coger el autobús ducharse despertarse y levantarse desayunar



a.



b.



c.



d.



e.



f.



g.



h.



i.



j.

1.2. Relaciona los elementos de las dos columnas:

a. aspiradorb. tazac. cepillo de dientesd. radioe. champúf. cubiertosg. jabónh. pantalonesi. televisiónj. peinek. máquina de afeitarl. ordenadorm. estuche de maquillajen. cuaderno

1. peinarse

2. vestirse

3. ver películas

4. lavarse los dientes

5. lavarse el pelo

6. tomar café

7. jugar videojuegos

8. afeitarse

9. maquillarse

10. aspirar

11. hacer los deberes

12. comer

13. escuchar música

14. lavar la ropa

1.3. El ordenador de Paula está estropeado: no da espacios. Rescribe las frases, separando las palabras:

a. Todos los días me levanto a las ocho, me ducho y desayuno.

.....

b. Enseguida me lavo los dientes y voy al autobús para ir al instituto.

.....

c. Asisto a las clases y a las doce como un bocadillo y bebo zumo.

.....

d. Cuando llego a casa hago los deberes y luego meriendo.

.....

e. A veces ayudo a mi madre poniendo la mesa.

.....

f. Antes de cenar veo un poco de televisión con mi hermano menor.

.....

2. Quieres saber cómo es la rutina de tus compañeros de clase.

- 1) Prepara las preguntas para una encuesta.
- 2) Contesta tú a las preguntas de la encuesta.

Modelo: ¿A qué hora / despertarse / tú/ durante la semana?
¿A qué hora te despiertas durante la semana?
Me despierto a las seis y media.

ENCUESTA

1. ¿Levantarse/ tú/ a la misma hora todos los días?

2. ¿A qué hora /irse/ tú/ de casa/ los miércoles?

3. ¿A qué hora /irse/ tú/ del colegio/ los viernes?

4. ¿Con qué frecuencia / lavarse/ tú / el pelo?

5. ¿Ducharse / tú/ por la mañana o por la noche?

6. ¿Bañarse/ tú/ antes de acostarse?

7. ¿Cuándo / maquillarse/ tú?

8. ¿Con qué frecuencia / afeitarse/ tú?

9. ¿Cuántas veces al día / cepillarse/ tú / los dientes?

10. ¿Siempre lavarse/ tú/ las manos antes de comer?

11. ¿A qué hora/ acostarse/ tú/ normalmente?

12. ¿Dormirse/ tú/ en clase/ a veces?

13. ¿Dónde / estudiar/ tú / cuando / querer / concentrarse?

14. ¿Adónde ir/ tú/ para divertirse?

15. ¿Dónde encontrarse/ tú / con los amigos?

16. ¿Dormirse /tú /inmediatamente / cuando / acostarse?

17. ¿Despertarse / tú / durante la noche / a veces?

18. ¿Sentarse / tú / siempre en el mismo lugar en clase?

19. ¿Cómo/ sentirse / tú / los lunes por la mañana?

20. ¿Calentarse / tú / antes de hacer ejercicio?

21. ¿Qué hacer / tú / para / divertirse?

1. Deberes para casa (clase siguiente): describe las rutinas diarias del personaje que estás creando desde el principio del curso.

Quanto à aula, foi estruturada de acordo com o seguinte roteiro:

Contenidos:

Las rutinas diarias: los verbos reflexivos y su construcción.

Resolución de una ficha de trabajo

1. Un alumno escribe la fecha y los contenidos en la pizarra;
2. La profesora pregunta qué hora es.
3. La profesora pregunta a los alumnos a qué hora se han levantado, a qué hora han llegado a la escuela, a qué hora han empezado las clases, a qué hora se van a dormir durante la semana,...
4. La profesora distribuye las fichas de trabajo.
5. La profesora repasa la construcción de los verbos pronominales y reflexivos, partiendo del verbo llamarse.
6. La profesora pregunta a los alumnos si conocen otros verbos reflexivos. Ellos podrán indicar otros, como desplazarse, levantarse, lavarse,...
7. Llamada de atención para la posición de los pronombres (en infinitivo: después del verbo y pegado a él; en presente de indicativo: antes del verbo).
8. El pronombre reflexivo en infinitivo: colocación del pronombre correcto.
9. Verbos que expresan rutinas diarias: ¿cuáles son? ¿Qué irregularidades presentan y en qué personas?
10. Las rutinas diarias de Paula: resolución de los ejercicios 1.1. y 1.2.
11. Reestructuración de frases: su corrección – resolución del ejercicio 1.3.
12. Inicio de la resolución del ejercicio 2.
13. Deberes para casa: lo que falte del ejercicio 2.

REFLEXÃO SOBRE AS ACTIVIDADES PROPOSTAS/DESENVOLVIDAS:

Mais uma vez, o roteiro foi escrupulosamente cumprido: é claro que a ficha era demasiado grande para ocupar só um meio-bloco de 45 minutos, mas isso estava

claro no próprio roteiro, onde se indicava já esse facto e onde constava já o trabalho que os alunos teriam que fazer em casa. Com efeito, creio que é mais fácil e mais produtivo dar-lhes uma ficha completa, com toda a matéria que se pretende para esta unidade, devidamente organizada e agrafada, que eles facilmente incluem na sua pasta da disciplina. Refira-se que, para além do caderno diário, sempre muito utilizado nas minhas aulas, os alunos têm também uma pequena pasta, onde colocam todas as fichas que lhes dou nas aulas; eles sabem que, no canto superior direito de cada ficha, devem colocar a data em que lhes foi dada, bem como o número da lição em que isso aconteceu, para facilitar o estudo e a consulta, quando necessário. Por este motivo, não escandaliza que a ficha fosse tão grande...

No que concerne ao trabalho de casa proposto no exercício 4 da ficha de trabalho, devo referir que foi apenas trabalho da aula seguinte. Com efeito, os alunos andam, desde o início do ano lectivo, a construir uma personagem: começaram por recortar uma fotografia de alguém que não conhecemos (disse-lhes expressamente que não queria a fotografia de ninguém famoso, para que não ficassem “colados” a essa personalidade) e depois, por cada coisa que aprendem, vão acrescentar dados a essa personagem. Neste momento, a personagem, que no trabalho fala na primeira pessoa do singular, tem nome, nacionalidade, profissão, gostos e preferências, tem uma caracterização física e psicológica, sabemos que roupas gosta de vestir, em que meios de transporte prefere andar, quais são as suas rotinas diárias, ... Tem sido um trabalho interessante, que os alunos têm desenvolvido com gosto e com muito cuidado. No final do ano, espero conseguir pô-las a dialogar umas com as outras, num “jeu de rôle” ou “juego de role” já prometido aos alunos. Creio que vai ser uma experiência muito boa!

Relativamente a esta aula concretamente e ao comportamento dos alunos, devo dizer que se portaram efectivamente muito bem, certamente melhor do que é costume, o que também revela algo sobre o seu carácter e sobre a relação que têm com a professora de espanhol: de facto, se não gostassem das aulas e se não me respeitassem bastante não agiriam desta forma, mostrando inclusivamente que se preocupam pelo meu desempenho quando sabem que estou a ser avaliada! É verdade que a turma estava já desde o final do primeiro período com um comportamento diferente – eles também vão crescendo, não é? – mas é também verdade que, nesta aula, estiveram ainda melhor. Achei fantástico!

Quanto à forma como a matéria foi leccionada, sempre privilegiando o aspecto comunicacional sem, no entanto, descurar a parte gramatical e escrita, que considero fundamentais, creio ter resultado: os alunos provaram, nas aulas seguintes, que estiveram atentos e que aprenderam a matéria, uns com mais outros com menos dificuldade, mas entenderam-na e estudaram-na logo de seguida. Para além do mais, a estratégia de os mandar rever “as horas” como trabalho de casa da aula anterior a esta resultou na perfeição porque, como quase sempre acontece, a maioria deles, de facto, reviu esse tema, pelo que a participação na aula foi mais intensa e mais segura do que se esse trabalho não tivesse sido efectuado.

No que diz respeito à aula do dia 6 de Maio, na qual começámos a estudar o tema “Planes y Proyectos” e as perífrases de futuro e de obrigação, foi dada aos alunos a seguinte ficha de trabalho:

PLANES Y PROYECTOS

A – Las vacaciones de verano están llegando y estás pensando hacer un viaje, pero no sabes dónde. Estás buscando ideas en internet y descubres una página web en la que Alejandro, que vive en Madrid, te invita a conocer su ciudad:

iHola, amig@ internauta!
Te invito a visitar Madrid,
mi ciudad.

Visita todos los lugares, son horas y horas de diversión.

Madrid

Museo de cera.
 Vas a conocer a Induráin, Frankenstein...

Parques y jardines.
 Vas a ver bonitos monumentos.

PARQUE DE ATRACCIONES
 Vas a tener muchas sensaciones fuertes.

Planetario de Madrid
Planetario.
 Vas a pasear por el Sistema Solar.

Imax, el cine en tres dimensiones.
 Vas a descubrir la vida de los animales prehistóricos.

Museo del Prado.
 Vas a visitar la mejor pinacoteca del mundo.

ZOOLOGICO DE LA CASA DE CAMPO
Zoológico de la Casa de Campo.
 Vas a admirar miles de animales de los cinco continentes.

Ahora di:

1. ¿Qué enlace vas a pulsar para...

1.1.... montar en la montaña rusa? _____

1.2.... ver leones y elefantes? _____

1.3.... visitar monumentos? _____

1.4.... ver personajes famosos? _____

1.5.... conocer la vida de los dinosaurios? _____

1.6.... descubrir cuadros de Goya? _____

1.7.... admirar fotos del espacio? _____

2. ¿Te gusta viajar? ¿Por qué?

3. Después de visitar esta página web, ¿crees que te gustaría visitar Madrid?

4. ¿Qué te gustaría más visitar? ¿Por qué?

5. ¿Qué medio(s) de transporte podrías utilizar para llegar a Madrid?

6. ¿Cómo te desplazarías dentro de la ciudad? ¿Por qué?

B – Ahora lee el siguiente diálogo:

Juan – Oye, ¿qué vas a hacer en Nochevieja?

María – Pienso ir a una fiesta que van a organizar unos amigos míos. ¿Y tú?

Juan – Yo quiero ir al pueblo de mis padres, pero no sé si voy a poder, porque ellos prefieren quedarse aquí.

María – Mi familia va a pasar todas las fiestas en el pueblo, pero yo voy a quedarme porque tengo que trabajar.

Juan - ¿Pero el día 31 debes trabajar?

María – Sí, hay que abrir la tienda hasta las dos y mi jefe no puede estar porque tiene que ir a Sevilla para pasar la noche con los suyos.

Juan – Bueno, ¿y tú y yo cuando nos vamos a ver?

María – Podemos quedar después de las fiestas. ¿Qué tal el día 10?

Juan – Vale, pues entonces hasta ese día.

1. ¿Has visto? En el texto aparecen varios **verbos seguidos de infinitivo**. Ése es al caso de **vas a hacer**, pero hay más. Búscalos y añádelos a la lista del cuadro:

Ir a		}	+ Infinitivo

2. Con estas construcciones expresamos diferentes cosas (deseos, intenciones...); además, ellas también nos permiten hablar de acciones en futuro. Vuelve a leer el texto y escribe en las nubes todas las frases en las que tengas estas perífrasis:



Así es, con la perífrasis **IR A + INFINITIVO** podemos hablar de nuestros planes y proyectos, porque expresa un futuro próximo o inmediato; podemos acompañarla de las siguientes marcas temporales:

- Esta tarde
- Esta noche
- El próximo mes
- Este verano
- La próxima semana
- El mes que viene
- Mañana
- ...

Ejemplos: Esta noche voy a ver a Pedro.

Pasado mañana vamos a empezar el trabajo.

¿Vas a comprarte un coche este año?

Sara no va a venir a trabajar hoy.

Para expresar la intención de hacer algo en el futuro podemos usar otra forma que has visto en el texto anterior. Se trata de **PENSAR + INFINITIVO**. Mira:

El día treinta y uno pienso ir a una fiesta.

Podemos decir VOY A IR a una fiesta y, en realidad, expresamos lo mismo, pero ahora conoces una forma más para hablar de tus intenciones, planes y proyectos para el futuro.

Y ahora, algunos ejercicios prácticos más:

Cuando haces proyectos puedes utilizar la perífrasis IR + A + INFINITIVO u otras:

Mira el ejemplo: *Estas vacaciones, voy a viajar: quiero conocer la ciudad de Madrid.*

1. Haz cinco frases en las que hables de tus proyectos para las vacaciones y utilices las perífrasis que estás estudiando:

- 1.1. _____
- 1.2. _____
- 1.3. _____
- 1.4. _____
- 1.5. _____

2. Completa la tabla siguiente sobre tu porvenir (habla de profesiones, de familia, de casas,...). Justifica por qué lo vas o no a hacer.

Lo que voy a hacer...	Lo que no voy a hacer...
<i>Ej.: Voy a viajar hacia China porque quiero conocer la cultura de ese país.</i>	<i>No voy a ser árbitro de fútbol porque espero ser médico.</i>

3. En el texto también están otras perífrasis que expresan la obligación (“tengo que trabajar”; “debes trabajar”; “hay que abrir”). Mira como funcionan:

<p>TENER QUE + INFINITIVO</p> <p>Utilizamos esta estructura cuando queremos expresar una obligación inexcusable o recomendar algo enfáticamente:</p> <p><i>No puedo acompañarte, porque tengo que ir al médico.</i></p> <p><i>Sale de casa a las siete, porque a las ocho tiene que coger un tren.</i></p>
<p>DEBER + INFINITIVO</p> <p>Sentimos la obligación, pero no es inexcusable. Usamos esta estructura también para dar un consejo.</p> <p><i>Debo estudiar, pero es que no me apetece.</i></p> <p><i>Debes dejar de fumar.</i></p>
<p>HAY QUE + INFINITIVO</p> <p>Expresamos una obligación impersonal, generalizada.</p> <p><i>Para viajar allí hay que tener un pasaporte visado.</i></p> <p><i>Hay que apretar este botón para apagar el ordenador.</i></p>


 **Escribe, usando las tres estructuras de obligación, qué es necesario hacer para:**

Ganar mucho dinero en poco tiempo.

Aprender bien un idioma.

Olvidar pronto un amor.

Conseguir un buen trabajo.

2.5.  **Escribe tus ideas y dinos qué cosas hay que hacer para conocer bien a la gente de tu ciudad.**

REFLEXÃO SOBRE AS ACTIVIDADES PROPOSTAS/DESENVOLVIDAS:

O plano de aula foi integralmente cumprido e a aula, à semelhança das anteriormente descritas, também me parece ter resultado: os alunos participaram activamente, como sempre fazem, e falaram sem dificuldade dos temas anteriores, que faziam parte do início do plano de aula (de facto, começo sempre as minhas aulas por questões relativas à(s) matéria(s) anterior(es), para que eles sintam que tudo o que estudamos é importante e não deve ser esquecido).

D – PRÁTICA PEDAGÓGICA – 11º D

Quanto à aula do dia 26 de Novembro, no âmbito do tema “Jóvenes de hoy” (constante da planificação em anexo (Anexo 3), falámos dos jovens mileuristas. Como para estes alunos não há nenhum manual adoptado, como inclusivamente não há nenhum manual que siga os temas estipulados no Marco Comum Europeu de Referência e no Programa Curricular da disciplina, todos os materiais dados aos alunos são criados por mim, sendo que eles andam a construir o seu próprio manual com todas as fichas que lhes dou.

Pensei, para esta aula, em mais uns pequenos documentários. Contando com a sua curiosidade em saber o que é isto dos jovens mileuristas, fui procurar no youtube pequenos vídeos sobre o tema. Qual não é o meu espanto quando encontro um vídeo em que a protagonista é precisamente a jovem que inventou o termo! Que melhor material teria para motivar os alunos? Foi precisamente por aí que começámos: vimos este vídeo e depois um outro, filmado em Barcelona, onde esta jovem e outras falam da sua experiência pessoal. Os alunos aderiram muito bem ao tema e participaram com muito interesse.

Como acredito que a gramática é também um aspecto fundamental nas aulas de língua estrangeira, a aula estava programada para rever a frase condicional, no âmbito da qual iríamos mesmo ouvir e completar a canção “Si yo fuera un Chico”, de Beyoncé.

A ficha de trabalho que lhes foi dada nesta aula foi a seguinte:

RETRATO DE UNOS JÓVENES HIPERCUALIFICADOS, QUE PASARON POR LA UNIVERSIDAD, PERO ESTÁN CONDENADOS A VIVIR CON SUELDOS PRECARIOS

Los mileuristas – definición:

A mediados de agosto llegó una carta a este periódico que anunciaba la aparición de una nueva clase social. Se titulaba *Soy mileurista* y decía, entre otras cosas, lo siguiente: "El *mileurista* es aquel joven licenciado, con idiomas, posgrados, másters y cursillos (...) que no gana más de 1.000 euros. Gasta más de un tercio de su sueldo en alquiler, porque le gusta la ciudad. No ahorra, no tiene casa, no tiene coche, no tiene hijos, vive al día... A veces es divertido, pero ya cansa (...)". La autora, Carolina Alguacil, de 27 años, reside en el centro de Barcelona y trabaja en una agencia de publicidad. Inventó el término - y decidió escribir la carta - después de pasar unos días en Alemania y comparar, con un sentimiento a medio camino entre la rabia y la envidia, cómo vivían sus amigos berlineses y cómo vivían ella y sus amigos españoles.

Artículo adaptado de:

www.elpais.com/articulo/portada/generacion/mil/euros/elpdmpor/20051023elpdmgor_1/Tes

REPORTAJE

ANTONIO JIMÉNEZ BARCA 23/10/2005

Pertenecen a la generación más preparada de la historia de España. Rondan la treintena, son universitarios y saben idiomas. Pero los bajos sueldos, la sobreabundancia de titulados y los cambios sociales les han impedido llegar a donde pensaban llegar. Comparten piso; no tienen coche, ni casa, ni hijos y ya se han dado cuenta de que el futuro no estaba donde creían.

(...) Carolina comparte su casa con otras tres chicas de 25, 29 y 29 años. Ninguna gana lo suficiente como para alquilarse un apartamento. Pagan 360 por cabeza y conforman una extraña familia unida cuyos miembros hace un año no se conocían de nada. "Toda la gente con la que voy es así", añade Carolina, "tengo una amiga que trabaja en una editorial de Madrid por 1.000 euros; mi hermano es ingeniero en Andalucía y lo mismo, mi cuñada es licenciada en Medio Ambiente y también. Todos estamos igual, y no es

que vivamos mal, porque para algunos somos unos privilegiados, pero no es lo que esperábamos".

Un reciente informe de la Unión Europea, el Eurydice, le da la razón: sólo el 40% de los universitarios tiene en España un trabajo acorde con su nivel de estudios, y la tasa de paro entre los titulados de 25 y 34 años es del 11,5%, una de las más altas de Europa, que se sitúa en un 6,5%. (...)

Los nacidos entre 1965 y 1980, esto es, los españoles que, en un extremo de la horquilla, van dejando atrás la juventud, como Carolina y sus compañeras, y en el otro comienzan a apropiarse del poder, disfrutaron de una niñez dorada, de unos padres abnegados y responsables y de un país moderno y optimista que navegaba viento del desarrollismo en popa. Sortearon dos crisis económicas (la del 74 y la del 92), pero nadie dudó por entonces de que esa generación, la más preparada de la historia de España, la más numerosa, la del *baby boom*, no fuera a vivir mejor que la precedente, que todas las precedentes.

Lógicas expectativas

Y no ha sido así, y en eso radica buena parte del problema, según apunta el sociólogo Enrique Gil Calvo. "Con estos jóvenes se crearon unas lógicas expectativas. La generación anterior, la mía y la de mis hermanos menores (yo nací en el 46), creció con las vacas gordas, pudo cumplir el sueño de matar al padre, esto es, de superarlo en todo: mejor casa que los padres, mejores trabajos... Pero para estos *mileuristas*, que han tenido, paradójicamente, mejores oportunidades en forma de estudio, el futuro no estaba donde debía de estar", explica.

Carolina dispone de dos horas para comer. Hoy acude a un restaurante de a siete euros el menú que no puede permitirse siempre. Pide un guiso indio con garbanzos y cuenta: "Yo quería trabajar en el cine, como productora o algo así, pero pronto me di cuenta de que no podría. Bueno. Eso pasa. Y no me desanimo. Lo peor es que no sé lo que va a pasar conmigo. Una familia como la de mis padres ya no es el objetivo, pero ¿cuál es el objetivo?".

Ella no experimenta ninguna sensación de fracaso. Pero habla de un desánimo grande al definir la actitud de muchos de sus amigos o conocidos. Porque conforme va cumpliendo años, el *mileurista* se va cargando de amargura. (...)

Y los más jóvenes de esta generación tampoco lo tienen más fácil. Daniel Castillejo, sevillano de 29 años, lo ejemplifica: "Soy arquitecto, hablo tres idiomas, y no llego a 1.000 euros de sueldo al mes por trabajar, sin contrato, en un estudio. Jamás he tenido un contrato, ni vacaciones, ni pagas extras, voy en un coche de hace 15 años y este mes he renunciado a comprar diariamente el periódico porque no me puedo permitir gastar 30 euros más. Vivo de alquiler con mi novia y yo no creo que nos hayan estafado: yo creo que nos están tirando a la basura". (...)

Más que amigas... A MEDIO CAMINO...

Carolina, Laura, Ainara y Belén

Ya es de noche cuando vuelve en autobús a su casa. Allí se encuentran ya sus tres compañeras de piso. Se sientan en el sofá del salón. Laura Caro tiene 29 años, es economista, especialista de marketing y ahorra para pagarse un segundo máster; Ainara Barrenechea tiene 24, cursó derecho y trabaja en el departamento de contabilidad de una gran empresa; Belén Simón, de 29 años, hizo historia del arte y se gana la vida en un centro cultural. Se preguntan unas a otras que qué tal el día. Son más que compañeras de piso: son amigas. O, tal vez, la frase es al revés. Son más que amigas: son compañeras de piso. Y con la casa, comparten su vida. (...)

Y sobre todo, con sus 1.000 euros al mes, se han quedado colgadas, a medio camino de la emancipación (independientes de sus padres, dependientes de sus compañeros de piso), asistiendo estupefactas, junto con millones de jóvenes, al meteórico aumento del precio de la vivienda: en 1993, un piso de 100 metros en una capital de provincia costaba en España, de media, 91.000 euros. Hoy, ese mismo piso vale 228.000. Los que compraron hace 10 años habrán hecho la inversión de su vida. Los que no pudieron, vivirán condenados a compartir piso toda su existencia. (...)

Sus padres crecieron deprisa y se cargaron de responsabilidades pronto. A la edad de Carolina, o Laura, sus padres ya habían comprado (o casi) una casa. Carolina sólo cuenta con la cama de su habitación, una mesa de estudio que duerme plegada en un rincón y un aparador rojo de diseño donde coloca sus libros. (...)

En el apartamento de Barcelona, las cuatro chicas discuten sobre esto. Y Carolina asegura: "Sí, no sabemos lo que será de nosotros. Esta cosa de vivir al día da libertad, porque no tienes nada fijo y puedes permitirte, en un momento dado, irte lejos, sin

consultarlo con nadie, romper con todo. Eso es verdad. Pero yo echo de menos cierta seguridad. Lo del día a día lo llevamos haciendo tanto tiempo que... ya cansa". (...)

Son las once de la noche. El piso de Carolina, Laura, Ainara y Belén comienza a poblarse: amigos y amigas de una o de otra que se dejan caer, que se suman a la conversación. Se sacan latas de cerveza que abarrotan la mesa bajera. Se habla mucho, se ríe, se hacen planes para salir. Carolina sonrío: "Así es siempre, viene gente imprevista, mucha gente, como cuando éramos estudiantes, es una vida como de eterno estudiante. Lo malo es que ya no somos estudiantes. Es divertido, pero..."

Pero ya cansa.

http://www.elpais.com/articulo/portada/generacion/mil/euros/elpdmpor/20051023elpdmgpor_1/Tes

Después de leer el texto, contesta a las siguientes preguntas:

1. ¿Cuál es el tema del texto?
2. ¿Cómo se caracterizan estos jóvenes?
3. ¿Por qué crees que estos jóvenes todavía no han llegado al éxito que esperaban?
4. ¿Cómo resuelven los jóvenes este problema de falta de dinero para vivir lejos de la casa paterna?
5. ¿Crees que éste es un fenómeno español o una cosa más alargada? Justifica.
6. ¿Esta generación de la que estamos hablando es un producto de qué? ¿Cómo se caracteriza con respecto a la generación de sus padres?
7. ¿Qué expectativas había con respecto a estos jóvenes? ¿Te parecen cumplidas o no? Justifica.
8. ¿En qué consisten las "lógicas expectativas" de que habla el texto?
9. Para estos jóvenes mileuristas, los valores han cambiado. Da un ejemplo y coméntalo.
10. ¿Cómo se sienten los jóvenes mileuristas de los que habla el texto?
11. El mileurista, con el paso de los años, "se va cargando de amargura". Y tú, ¿cómo te sentirías en su piel? Justifica.
12. ¿Qué influencia podrá tener este tipo de problema en la sociedad europea?
13. ¿Conoces a jóvenes que estén trabajando de algo, cuando efectivamente deberían ser otra cosa, resultado de sus estudios?
14. Establece las diferencias entre esta generación y la generación anterior.
15. Di cómo organizarías tu vida si ganaras menos de mil euros al mes.
16. Da un título al texto y justifícalo.

Y AHORA... UN RATITO DE GRAMÁTICA...

LAS ORACIONES CONDICIONALES

“Di cómo **organizarías** tu vida **si ganaras** menos de mil euros al mes.”

REGLAS:

PROBABILIDAD EN EL PRESENTE O EN EL FUTURO	EJEMPLOS:
SI + PRES. DE INDICATIVO → PRES. DE INDICATIVO	Si ganas menos de mil euros al mes esperas más tiempo antes de salir de casa de tus padres.
SI + PRES. DE INDICATIVO → IMPERATIVO	Si ganas menos de mil euros al mes, espera más tiempo antes de salir de casa de tus padres.
SI + PRES. DE INDICATIVO → FUTURO	Si ganas menos de mil euros al mes, esperarás más tiempo antes de salir de casa de tus padres.
POCA PROBABILIDAD EN EL PRESENTE O EN EL FUTURO	
SI + IMPERF. DE SUBJ. → CONDICIONAL	Si ganaras menos de mil euros al mes esperarías más tiempo antes de salir de casa de tus padres.
IMPOSIBILIDAD EN EL PASADO	
SI + PCPERF. DE SUBJ. → CONDICIONAL	Si hubieras ganado menos de mil euros al mes, ahora estarías todavía viviendo en casa de tus padres.
SI + PCPERF. DE SUBJ. → CONDICIONAL COMPUESTO	Si hubieras ganado menos de mil euros al mes, habrías esperado más tiempo antes de salir de casa de tus padres.

EJERCICIOS:

A

1. Si fueras un joven mileurista, probablemente no conseguirías tener tu propio piso.
2. Si no consiguieras tener tu propio piso,...

B

Completa las frases con los verbos indicados entre paréntesis.

1. Si yo _____ (ser) un joven mileurista, seguiría viviendo en casa de mis padres.

2. Si ellos ganaran más dinero, _____ (independizarse) más temprano.
3. Si estudiamos mucho, _____ (tener) más posibilidades de conseguir un empleo mejor.
4. Si quieres tener un buen empleo, _____ (estudiar) lo más posible.
5. Si tú _____ (descuidarte), pasarás tu vida en casa de tus padres.
6. Los jóvenes no estarían tanto tiempo en el paro si los gobiernos _____ (tomar) medidas para ayudarlos.
7. Si Juan hubiera estudiado más, _____ (conseguir) un trabajo mejor.
8. El verano pasado Paula _____ (encontrar) un empleo fijo si hubiera leído el anuncio en el periódico.
9. Si ellos hubieran leído el periódico ayer, _____ (enterarse) de que esta empresa está buscando a trabajadores cualificados.
10. Si vosotros leyerais los periódicos, _____ (estar) más informados.
11. Si tú no _____ (ser) tan inconsciente, no te _____ (ocurrir) abandonar los estudios.
12. Si yo estuviera en tu piel, _____ (querer) salir lo más rápidamente posible de casa de mis padres.
13. Si nosotros hubiéramos sido prudentes, _____ (aprobar) en los exámenes.
14. Si los jóvenes no pueden pagar solos un piso, _____ (poder) compartirlo con otros jóvenes.
15. Si _____ (querer, yo) pintar mi piso, ¿tú me ayudarías?
16. Si no _____ (ser, tú) tan impaciente, no _____ (tener) tantos problemas.
17. No te molestarías tanto con los precios del alquiler de un piso si _____ (tener) más dinero.
18. Los jóvenes mileuristas serían más felices si _____ (poder) constituir su familia.
19. Si las parejas de mileuristas _____ (ganar) más dinero, tendrían más hijos.

20. Si los gobiernos no cambian esta situación, la población europea _____ (ser) cada vez más envejecida.

Si Yo _____ Un Chico - Beyoncé

Si yo _____ un chico,
sólo por una vez
Yo _____ como _____,
con lo que vea primero y me _____

_____ a buscar,
chicas por montón
Mis amigos que _____ leales
siempre _____ a acompañarme hasta el fin,
cada noche a mentir

Si yo _____ un chico,
_____ que _____ saber
Comprender mucho mejor,
lo que _____ amar a una mujer.

_____ escuchar,
pues _____ el dolor,
de perder a quién _____
porque _____ lo que _____
y _____ sin saber que pasó.

Si yo _____ un chico,
pero _____ no lo _____,
Los chicos _____ de molde
y nosotras _____ de corazón

Se _____ que _____,
los del sexo superior
Pero cuando lo _____
los _____ nuestra seducción, seducción

Si yo _____ un chico,
_____ que _____ saber
comprender mucho mejor,
lo que _____ amar a una mujer.

_____ escuchar,
pues _____ el dolor,
de perder a quién _____
porque _____ lo que _____

y _____ sin saber qué pasó.

_____ muy tarde ya _____ para regresar,

Perdonarte otra vez,

ya no lo _____ a lograr

El lugar que ocupabas tú

ya no _____ más

Pero _____ un chico, ¿qué le _____ a hacer?

No _____ comprender,

que se _____ al comprender mejor

y amar en serio a una mujer

No _____ escuchar,

No te _____ el dolor

Hasta que _____ a quien _____

porque _____ lo que _____

y _____ sin saber que pasó

Pero _____ un chico...

★★★★★

ACTIVIDADES COMPLEMENTARES - ACTIVIDADES “MILEURISTAS”

1) Con sentido del humor los problemas parecen menos serios, ¿verdad? Mira los siguientes pósters y explica qué ves. ¿Te parecen divertidos? ¿U opinas que son una humillación? ¿Por qué?



2) El perfil del milleurista. Sabes que eres un milleurista cuando...

El perfil de un milleurista

★ Edad:

★ Estado civil:

★ Habitación:

★ Sueldo:

★ Formación/Estudios:

★ Historial laboral:

3) ¿Eres bueno administrando tu dinero? ¿Crees que puedes vivir con 1000€ al mes? Imagina que eres un mileurista. Demuéstranos si eres capaz de distribuir tu presupuesto mensual... No te olvides de incluir tus pequeños caprichos... ☺

El presupuesto del mileurista

Sueldo: 1000€

Comida:

Alquiler o hipoteca:

Transporte:

Ocio (especificar):

Ahorro:

Extras (especificar):

4) Compara tu presupuesto con tu “vecino”. ¿Fue difícil llegar a fin de mes? ¿Te pareció una situación estresante o, por el contrario, crees que podrías vivir cómodamente con sólo 1000 euros al mes?

5) “¡Yo también soy mileurista!”. Imagina que eres un mileurista. Por favor, explícanos tu caso para escribir un artículo en un periódico de tirada nacional. Cuantos más detalles nos des, ¡mejor!

Quanto ao roteiro de aula apresentado à formadora, foi o seguinte:

Contenidos:

Los jóvenes y el trabajo: jóvenes mileuristas.

Comentario de pequeñas películas sobre el tema.

Lectura e interpretación de un texto.

Las oraciones condicionales con SI: reglas, usos y ejercicios.

10. La profesora pregunta la fecha a un alumno mientras escribe los contenidos en la pizarra;
11. Para motivar a los alumnos, la profesora les pregunta si saben a quién o a quiénes se refiere la expresión “jóvenes mileuristas”, que forma parte de los contenidos. Descomposición de la palabra “mileurista” (mil + euros): jóvenes que ganan cerca de mil euros al mes.
12. Los alumnos ven y escuchan el pequeño documental “Generación Mileurista”:

Comentario: ¿Qué edad tienen estos jóvenes?

2 empleos: ¿Para qué tener dos empleos?

¿Es fácil mantenerlos?

Posibilidad de independizarse. Problemas:



el precio del alquiler
pagar agua, luz, gas,
comida, transporte
necesidades básicas

solución: compartir un piso

13. Respuesta a la pregunta: **¿los jóvenes deben tener esperanza?**
14. La profesora distribuye las fichas de trabajo. Lectura del texto con la definición de mileurista y su comentario: ¿mileurista corresponde a lo que los alumnos esperaban que fuera?
15. Los alumnos ven y escuchan el pequeño documental “Yo soy mileurista”:

Carolina, una de las chicas de las entrevistas, es la inventora de la palabra; comparte el piso con Laura, Ainara y Belén y ahora son más que amigas.

¿Qué dice? → Le cuesta mucho:

(PIZARRA)

tener un empleo fijo/inseguridad laboral

ahorrar

tener una vivienda propia

planear una familia o hacer planes de futuro

16. En silencio, los alumnos leen el texto “Reportaje”. Comentario: problemas referidos; soluciones encontradas por los jóvenes; diferencias entre estos jóvenes y la generación de sus padres; sentimientos y actitudes de estos jóvenes,...
17. A la vez, los alumnos leen el texto en voz alta; siempre que necesario, la profesora corrige la lectura o explica algunas cosas (vocabulario, ideas principales,...).
18. Los alumnos responden al cuestionario relativo al texto, que después es corregido en la pizarra u oralmente (unas preguntas podrán ser escritas en la pizarra, otras no, para no ocupar demasiado tiempo de clase).
17. Partida de la cuestión número 15 (“*Di cómo organizarías tu vida si ganaras menos de mil euros al mes*”) para el estudio de las **oraciones condicionales con SI**: ¿de qué tipo de frase se trata? Tiene un si... → frase condicional.
18. Las reglas de la condición con SI y el grado de probabilidad (cuadro de la ficha).
19. Resolución de los ejercicios A y B.
20. Audición de la canción “Si Yo Fuera Un Chico”, de Beyoncé; completamiento de espacios con las formas verbales conjugadas.
21. Inicio de la resolución de las “Actividades Complementares – Actividades Mileuristas”

(Si no hay tiempo para hacer y corregir todos los ejercicios, los que falten los alumnos los harán como deberes de casa. El último ejercicio - “**¡Yo también soy mileurista!**” – es para entregar a la profesora la clase siguiente)

REFLEXÃO SOBRE AS ACTIVIDADES PROPOSTAS/DESENVOLVIDAS:

No que diz respeito a esta aula, as actividades programadas foram integralmente cumpridas.

Os vídeos utilizados – que podem ser vistos no DVD que acompanha o trabalho – foram bem interpretados e bem entendidos pelos alunos. O texto foi correctamente estudado e as respostas dos alunos, devidamente motivados, foram pertinentes e correctas. A gramática – sempre uma revisão, porque no ensino secundário não se ensinam conteúdos gramaticais novos, apenas se consolidam os estudados no ensino básico – foi entendida e os exercícios praticados resultaram bastante bem, como a professora Noemí Pérez inclusivamente referiu. Quanto às actividades que levaram para casa, trouxeram-me textos giríssimos, que mostravam claramente que a matéria tinha sido entendida. No que diz respeito à gramática revista, o teste de avaliação sumativa também mostrou que não havia dúvidas, porque os exercícios foram correctamente resolvidos.

Também a canção apresentada foi uma actividade conseguida: trata-se de uma canção que, na altura, se ouvia diariamente na rádio, ainda que na versão inglesa, quando nesta aula, evidentemente, se ouviu a versão espanhola. O facto de cantoras como Beyoncé ou Nelly Furtado, que não vêm de países de língua espanhola, cantarem nesta língua mostra a vitalidade do espanhol na actualidade. O facto de ouvirmos, em espanhol, uma canção que conhecemos leva-nos a gostar ainda mais desse momento da aula. Para além do mais, trata-se de uma canção que ilustra claramente as regras da frase condicional, que explorámos nesta aula, pelo que pode considerar-se que veio muito a propósito.

Creio que se tratou de uma aula interessante, na qual os alunos aderiram muito bem ao que lhes solicitei.

A aula do dia 25 de Fevereiro versou sobre a Sida, um tema integrado no dossier “Infecciones”. Como já tínhamos estudado os aspectos técnicos e científicos desta doença, optei pela questão humana, pelas consequências que uma tal doença provoca no próprio doente e nos que o rodeiam, pelas implicações sociais que traz. Mais uma vez, os alunos pareceram gostar do que estávamos a estudar.

Como alguns deles gostam muito de teatro – duas das alunas fazem mesmo parte, actualmente, de um grupo de teatro da Guarda –, sugeriram a elaboração e representação de uma pequena peça de teatro sobre os comportamentos de risco e a

Sida. Aceitei a sugestão e, na aula anterior, eles escreveram um pequeno sketch sobre este tema. Dei-lhes, porém, algumas indicações importantes: a peça não poderia demorar mais de 20 minutos a representar e o texto teria de ter muitos verbos no “pretérito perfecto”, para que pudéssemos rever esse tempo verbal na aula. Eles estiveram muito bem e cumpriram o que lhes tinha dito.

Quanto às fichas que lhes foram entregues, foram as seguintes:

Ficha 1:

EL PRETÉRITO PERFECTO DE INDICATIVO

14.1.2. Pretérito perfecto

Se utiliza para hablar de acciones ocurridas en el pasado pero que se relacionan con el presente.

verbo auxiliar haber	verbo principal participio pasado
he	hablado aprendido partido ...
has	
ha +	
hemos	
habéis	
han	

marcadores temporales	
hoy	este mes
esta mañana	este año
esta tarde	ya
esta noche	nunca
este fin de semana	algunas veces
esta semana	...

Participios regulares

cantar cant-**ado**
beber beb-**ido**
vivir viv-**ido**

Participios irregulares

ser **sido**
ver **visto**
poner **puesto**
escribir **escrito**
abrir **abierto**
volver **vuelto**
hacer **hecho**
romper **roto**
decir **dicho**

PRETÉRITO PERFECTO		
(yo)	he	cantado
(tú)	has	cantado
(él/ella/Vd.)	ha	cantado
(nosotros/-as)	hemos	cantado
(vosotros/-as)	habéis	cantado
(ellos/-as/Vds.)	han	cantado

.... **USO**

1. El Pretérito Perfecto, que también se llama Perfecto Compuesto, algunas veces expresa un pasado muy reciente. Se usa con marcadores temporales como *hoy, esta mañana, este verano, este fin de semana, hace un rato*, etc.:

*He no **be visto** a mi hermana.*
*Este verano **hemos estado** en Marbella.*

2. También se usa sin marcador temporal y expresa un pasado sin determinar:

*He **perdido** el reloj, no sé dónde.*
*¿Cuándo **ha llegado** la carta?*

3. Se usa para preguntar (e informar) sobre experiencias personales, con marcadores como *ya, todavía no, alguna vez, nunca*, etc.:

*¿**Has estado alguna vez** en América del Sur?*
*Yo **nunca he fumado** puros.*
*María **se ha casado tres veces**.*

EJERCICIOS**1. Completa las frases siguientes. Cambia el verbo que está en infinitivo en Pretérito Perfecto:**

1. Esta semana _____ (IR, yo) tres veces a la piscina.
2. Hoy _____ (VER, nosotros) una película de Almodóvar.
3. Para ella la música _____ (SER) muy importante, toda su vida la _____ (DEDICAR) a preparar los conciertos.
4. Este año no _____ (LLOVER) mucho.
5. Esta mañana _____ (ESTAR, ellos) muy tranquilos.
6. Nunca _____ (OÍR, yo) algo semejante.
7. Nunca _____ (DECIR, vosotros) nada en contra de su opinión.
8. ¿Dónde _____ (TRABAJAR, tú) antes de venir aquí?
9. ¿ _____ (ESCRIBIR, tú) la carta para tus padres?
10. ¿Cuánto años _____ (JUGAR, ustedes) al tenis?

2. Completa y responde a las preguntas utilizando el pretérito perfecto:

1. ¿Alguna vez _____ (VIAJAR, usted) a México?

Respuesta: _____

2. ¿En tu vida _____ (HACER, tú) alguna tontería que no quieres recordar?

Respuesta: _____

3. ¿Sabes si María _____ (VOLVER) ya de vacaciones?

Respuesta: _____

4. ¿ _____ (VER, ustedes) el monte Fuji, de Japón?

Respuesta: _____

5. ¿Por qué _____ (PONERSE, vosotros) estos trajes tan horribles?

Respuesta: _____

3. Lee este texto y completa los huecos con los verbos en pretérito perfecto.

Hoy 1. _____ (*levantarse*) a las diez y 2. _____ (*desayunar*). A las once, 3. _____ (*salir*) a la calle y 4. _____ (*ir*) al supermercado. Luego 5. _____ (*volver*) a casa y 6. _____ (*guardar*) todas las cosas que 7. _____ (*comprar*). Finalmente 8. _____ (*preparar*) la comida. Después de comer, 9. _____ (*limpiar*) mi habitación y luego 10. _____ (*leer*) un poco. Más tarde 11. _____ (*llamar*) a Carmen y 12. _____ (*pasar*) por la cafetería donde 13. _____ (*tomarse*) un café con ella. Luego 14. _____ (*ir*) a cenar a casa y después 15. _____ (*ver*) un concurso muy divertido en la tele. A las once y media 16. _____ (*acostarse*). Hoy 17. _____ (*ser*) el último día de mis vacaciones. Creo que 18. _____ (*tener*) un día lleno.

www.ihmadrid.com (adaptado)

4. Escribe el verbo entre paréntesis en pretérito perfecto o indefinido de indicativo:

1. ¿Por qué no _____ (venir, tú) a clases ayer?
2. Esta mañana, _____ (tomar, nosotros) un desayuno que estaba buenísimo.
3. Estoy muy cansado porque anoche _____ (llegar, yo) muy tarde de la fiesta.
4. Juan _____ (decir) esta mañana que no puede venir esta tarde a ayudarnos.
5. estoy un poco enfadado contigo por lo que _____ (ocurrir) el otro día.
6. La semana pasada, cuando fuimos al centro comercial, _____ (comprar, nosotros) unos zapatos que nos _____ (gustar) muchísimo.
7. Ya _____ (comprar, yo) tu regalo de cumpleaños.
8. Ayer, _____ (bañarse, nosotros) en la playa.
9. hace cinco años, _____ (ir, yo) de viaje a París y _____ (divertirse) muchísimo.
10. Mi abuelo _____ (emigrar) a Venezuela en 1955 y _____ (estar) muchos años allí.

11. Últimamente, la selección española de fútbol _____ (ganar) muchos partidos. Bueno, el año pasado _____ (entrar) un nuevo entrenador y desde ahí casi sólo _____ (tener) victorias.
12. El año pasado, _____ (gastar, yo) mucho dinero durante mis vacaciones. Este año _____ (controlarse) más y no _____ (gastar) tanto.
13. ¿Alguna vez _____ (visitar, tú) la Sagrada Familia? _____ (estar, nosotros) allí la semana pasada y nos _____ (gustar) muchísimo.
14. Vamos a ver chicos, ¿quién _____ (escribir) en la pizarra que el profesor es tonto?
15. El mes pasado _____ (leer, tú) siempre el periódico, pero este mes todavía no lo _____ (comprar).

Ficha 2

Lee el texto con atención y contesta a las preguntas.

SER SEROPOSITIVO... TESTIMONIO DE UN POSITIVO

Enero del año 1989.

Las cosas venían y se estaban dando para que todo en mi vida y carrera artística fuera un éxito: acababa de firmar un contrato que me prometía un gran cambio en mi vida como músico. Pasaron siete días y todo cambió de una manera insospechada. Me apareció un cuadro gripal con 40° de fiebre por más de una semana. Las medicinas que me recetaron no produjeron ningún cambio ni mejoría y los exámenes dieron resultados totalmente alterados y no correspondían a los síntomas que tenía en ese momento. (...)

Los diferentes exámenes se repitieron volviendo a dar resultados que no correspondían a los síntomas que manifestaba. Se hizo una junta médica y se determinó atacar mi enfermedad misteriosa (...). Al día siguiente de iniciado el tratamiento, la fiebre desapareció y me quedaron sólo señas de ganglios inflamados por todo el cuerpo, ahora debía tener reposo absoluto, por el tiempo que fuera necesario y hasta que se desinflaran los ganglios.

Pasó el tiempo y al Dr. Thompson lo notaba muy interesado en mi estado de salud, siempre me llamaba para que fuera a controlarme y me hacía unos exámenes en forma gratuita. Así pasaron los meses hasta llegar a Agosto. Me habló y me informó de los nuevos resultados de los exámenes: era para él, el primer caso detectado tan precozmente y que tenía el Síndrome de Inmuno Deficiencia Adquirida, que tenía que

cuidarme y que por cualquier cosa que me pasara lo llamara. Lo que también recuerdo es que me comentó que según sus cálculos, lo habría adquirido entre Octubre y Diciembre de 1988 y que todo este tiempo había sido el período de ventana y que tratara de hablar con la o las personas con las que había tenido sexo entre tales fechas para que tomaran las precauciones necesarias y no siguieran transmitiendo el virus a más personas.

En un momento me sentí realmente solo y lo único que pensaba y quería era irme lo más lejos posible y morirme. Arrancarme donde nadie me conociera, o comenzar una vida nueva y olvidar todo.

Pasaron unos pocos días, traté de hacer memoria y recordar con quienes había tenido sexo y confeccioné una lista con cuatro personas. Me junté con cada una de ellas y fue una experiencia agotadora, la que menos posibilidades tenía, resultó ser la culpable.

Viví escondiéndome por casi cinco años, evadiendo mi casa, familiares y amigos. Seguía haciendo mis cosas, pero ya no era el mismo. Me faltaba una motivación, y sobre todo, una persona amiga a mi lado, para desahogarme, y llorar por esos años de pesada angustia y soledad.

El año 1991, se lo conté a mi mejor amiga y se alejó de mí, la volví a ver cuatro años después; un buen día llegó y me pidió disculpas, al poco tiempo falleció.

El año 1993, falleció la persona que me había infectado, en ese momento, se me cayó el mundo. Teniendo todos los medios económicos a su alcance, no fueron suficientes para detener su muerte. (...)

Entré en una gran depresión, donde no tenía ganas de hacer nada, mal humor, maldecía todo lo que me rodeaba, y nada me importaba. Tenía el caos en mi casa, y una de mis hermanas se sentó a conversar conmigo una mañana. Recuerdo que era Abril, lloré con ella y le conté lo que me estaba pasando, me abrazó, lloramos, y me dijo que ahora me quería más que antes. Ese día no quise llegar temprano a mi casa, porque sabía que ella había contado todo a mi familia. Al día siguiente, fui despertado por mis padres, me abrazaron, lloraron y me retaron por no haber hablado antes, lo más rico que me sucedió, es que ahora los siento más cerca que antes. Debería haber sido más valiente y haber contado lo sucedido desde el comienzo.

Hoy pertenezco al grupo consumidor de antirretrovirales, con ellos comenzaron mis problemas económicos, ya que trabajaba exclusivamente para palear los gastos de mi tratamiento. Con el tiempo quedé sin trabajo y me sentí discriminado. (...)

Trabajé en una institución privada "sin fines de lucro", durante 5 años, apoyando la creación y formación del primer banco de medicamentos para personas con el HIV SIDA, lo que hizo sentirme útil, aprendí a ser más tolerante y a no discriminar entre las personas. Hoy comienzo a trabajar nuevamente después de tanto tiempo y me siento una

persona sana. Hoy trato de aprovechar al máximo mi tiempo, desarrollándome como persona, ya que no se cuánto tiempo más tengo de vida como cualquiera de ustedes.

Junio 1999

<http://www.vihsida.cl/paginas/testimonios.html>

1. ¿Cómo estaba la vida de este positivo cuando le apareció el cuadro gripal?
2. El narrador habla de su “enfermedad misteriosa”. Justifica el uso de este adjetivo.
3. El Dr. Thompson le dijo cuál era su enfermedad. ¿Después, qué consejo le dio y por qué?
4. ¿El narrador siguió este consejo? ¿Cómo define esa experiencia?
5. Después de saber cuál era su enfermedad, ¿cómo se sentía el narrador?
6. Las personas que le querían reaccionaron de forma diferente.
 - 6.1. Indica a quién contó lo que pasaba con él.
 - 6.2. ¿Cómo se sintió el narrador después de haberlo contado a su mejor amiga?
 - 6.3. Su mejor amiga tuvo una reacción de rechazo, pero después cambió su actitud: ¿qué la habrá hecho cambiar?
 - 6.4. ¿Por qué llevó tanto tiempo a contar sobre su enfermedad a su hermana?
 - 6.5. Explica la diferencia entre la reacción de su mejor amiga y la de sus familiares.
 - 6.6. ¿Cómo se sintió el narrador con la reacción de sus familiares?
 - 6.7. ¿Te parece que la sociedad en general reacciona como su mejor amiga o como sus familiares? Justifica.
7. Con respecto al trabajo, ¿qué cambios se produjeron en su vida después de conocida su enfermedad?
8. “Hoy trato de aprovechar al máximo mi tiempo”: ¿te parece ser ésta una buena actitud? Justifica tu respuesta.

FUNCIONAMIENTO DE LA LENGUA:

1. ¿Cuál es el tiempo verbal predominante en este texto?
2. Subraya todas las formas verbales que están en pretérito indefinido.

3. Fíjate en el segundo párrafo: si lo empezáramos, por ejemplo, por “Este año,...”, ¿qué cambios tendríamos que hacer? Justifica.
4. Cambia todas las formas verbales que anteriormente has subrayado a pretérito perfecto.

Completa las frases siguientes. Cambia el verbo que está en infinitivo en Pretérito Perfecto:

1. Esta semana (IR, yo) ----- tres veces a la piscina.
2. Hoy (VER, nosotros) ----- una película de Almodóvar.
3. Para ella la música (SER) ----- muy importante, toda su vida la (DEDICAR) ----- a preparar los conciertos.
4. Este año no (LLOVER) ----- mucho.
5. Esta mañana (ESTAR, ellos) ----- muy tranquilos.
6. Nunca (OÍR, yo) ----- algo semejante.
7. Nunca (DECIR, vosotros) ----- nada en contra de su opinión.
8. ¿Dónde (TRABAJAR, tú) ----- antes de venir aquí?
9. ¿(ESCRIBIR, tú) ----- la carta para tus padres?
10. ¿Cuánto años (JUGAR, ustedes) ----- al tenis?

Completa y responde a las preguntas utilizando el pretérito perfecto:

1. ¿Alguna vez _____ (VIAJAR, usted) a México?

Respuesta: -

2. ¿En tu vida _____ (HACER, tú) alguna tontería que no quieres recordar?

Respuesta: -

3. ¿Sabes si María _____ (VOLVER) ya de vacaciones?

Respuesta: -

4. ¿_____ (VER, ustedes) el monte Fuji, de Japón?

Respuesta: -

5. ¿Por qué _____ (PONERSE, vosotros) estos trajes tan horribles?

Respuesta: -

A aula seguiu o seguinte roteiro, que foi cumprido, tal como planificado:

Contenidos:

Presentación de un pequeño teatro sobre el SIDA.

El pretérito perfecto de indicativo – formación y usos (repaso). Ejercicios prácticos.

Pretérito perfecto y pretérito indefinido – contraste (repaso).

Lectura y comentario del texto “Testimonio de un positivo”.

1. La profesora pregunta la fecha a un alumno mientras escribe los contenidos en la pizarra;
2. Los alumnos presentan su teatro (15 minutos);
3. Comentario del teatro: ¿qué importancia puede tener para los jóvenes de hoy?
 - 3.1. Muchos de los verbos del teatro estaban en Pretérito Perfecto de Indicativo: la profesora distribuye las fichas de trabajo sobre este tiempo verbal, donde se puede ver:
 - 3.2. Formación;
 - 3.3. Marcadores temporales;
 - 3.4. Usos;
 - 3.5. Ejercicios;
4. Diferenciación entre el Pretérito Perfecto y el Pretérito Indefinido:
 - 4.1. Noción de tiempo (repaso):

Pretérito Perfecto	Pretérito Indefinido
acción pasada, terminada, pero en un tiempo que todavía no ha terminado	acción pasada, terminada, en un tiempo también terminado

hoy	anoche
esta mañana	ayer
esta noche	anteayer
esta semana	hace dos días
este mes	la semana pasada
este año	esa semana
nunca	el mes pasado
todavía no	ese mes
siempre	el año pasado
ya	ese año
alguna vez,	en el 98
...	en 2008
	con fechas concretas: el lunes, el día 5 de enero
	...

5. Resolución de ejercicios con el pretérito perfecto.
6. Resolución de ejercicios con los dos tiempos mezclados.
7. Ejercicios de práctica controlada: cada alumno deberá hacer dos frases idénticas, en las que utilice estos dos tiempos, con diferentes marcadores temporales. Como ejemplo, la profesora les dirá:

La semana pasada leí 100 páginas del último libro de Dan Brown, pero esta semana todavía no he leído nada.

o

La semana pasada fuimos a Barcelona. Esta semana ya hemos hecho prueba de evaluación a portugués.

8. Introducción al estudio del texto “Testimonio de un positivo”: porque el SIDA no es solamente científica, técnica, es importante saber las consecuencias personales (psicológicas, familiares, sociales, de trabajo,...) que tiene en las personas. Para eso, nada mejor que partir de un testimonio de alguien que tiene SIDA.
9. Si hay tiempo, los alumnos empiezan a contestar a las preguntas sobre el texto. Si no hay tiempo, llevan como deberes de casa algunas de las preguntas, que la profesora les indicará antes de terminada la clase.

REFLEXÃO SOBRE AS ACTIVIDADES PROPOSTAS/DESENVOLVIDAS:

Creio que esta aula também foi bem conseguida. Os alunos começaram por representar o pequeno sketch sobre a Sida, num trabalho curiosamente bem preparado. E digo curiosamente porque quase não tiveram tempo para o fazer; por isso mesmo, representaram lendo, embora pretendam representá-lo para todos os alunos de Espanhol, no Dia do Espanhol, a decorrer durante o terceiro período. Demoraram 10 minutos, exactamente, como se pode ver no pequeno filme, cujo som não é o melhor porque o gravei com uma máquina fotográfica, do fundo da sala, mas que pode também ser visto no DVD que acompanha o trabalho.

Ao contrário do que normalmente faço – partir do texto para a gramática, para esta aula decidi partir da gramática para o texto. Assim, começámos com a representação teatral e fomos para a revisão do “pretérito perfecto”, começando por explicar e resolver a Ficha 1. Só depois disso partimos para a Ficha 2, que evidentemente não terminámos, como também estava previsto no roteiro.

Estruturalmente diferente, correu também muito bem. Mais uma vez, os alunos foram incedíveis no empenho que colocaram nesta aula, que é aliás o mesmo que colocam em todas as aulas de Espanhol.

Quanto à última aula assistida nesta turma, no dia 6 de Maio, foi sobre o tema “Viajes” e a ficha que foi dada aos alunos foi a seguinte:

LOS VIAJES...

¡Vámonos de viaje! ¿Qué tal te parece la idea? Las vacaciones de verano están casi llegando y... después de un curso difícil y de los exámenes finales, nada mejor que viajar.

Empezamos por esta canción y después partimos a conocer los destinos que propones.

VÁMONOS – Café Takuba

Toma tus cosas y vámonos ya
 si no corremos nos van a dejar
 Ponte tu casco y tu traje espacial
 la carretera no puede esperar.

¿Dónde vamos?

Las nubes viajan detrás del cristal
 y las montañas se vienen y van
 Yo te regalo esta flor que encontré
 en tu cabello que bien, mírate.

¿Dónde vamos?

¿Dónde estamos?

Y nuestra casa se quedó allá atrás
 Allá adelante ¿qué iré a encontrar?
 por mientras canto

Tu TuruTu TururuTururururu, Tu TuruTu TururuTururururu

En este camino no hay nadie más
 tú eres la reina y yo soy el rey
 En esta arena te hice un collar
 es de conchitas duras de Carey.

Nuestra casa se quedó allá atrás (no se veía más)
 Allá adelante ¿que iré a encontrar? (no sé qué vamos a encontrar)
 y mis amigos kanji ya no están (y mis amigos dónde están)
 como las olas que vienen y van (como las olas)

Canto

Tu TuruTu TururuTururururu, Tu TuruTu TururuTururururu.

II – FUNCIONAMIENTO DE LA LENGUA:

Cuando hacemos planes, expresamos una idea de futuro. Para eso, tenemos dos posibilidades:

PERÍFRASIS DE FUTURO (IR A + INFINITIVO) Y FUTURO IMPERFECTO DE INDICATIVO



En general, expresa mayor seguridad de que lo vamos a hacer



En general, expresa menor seguridad de que lo vamos a hacer

FUTURO IMPERFECTO DE INDICATIVO – FORMACIÓN Y USOS:



USOS: El futuro imperfecto se usa para hablar de **acciones futuras** y aparece con marcadores temporales como **luego, más tarde, el próximo año, mañana, en el año 2050, el mes que viene,...**

¿Ya has hecho los deberes? → No, los **haré** luego.

También se usa para expresar **duda** o **probabilidad**:

Tendrá unos 27 años. / No ha venido a trabajar: ¿**estará** enfermo?

FORMACIÓN:

El futuro imperfecto tiene las mismas terminaciones en las tres conjugaciones:

	CANTAR	BEBER	VIVIR
Yo	Cantar -é	Beber -é	Vivir -é
Tú	Cantar -ás	Beber -ás	Vivir -ás
Él /ella / usted	Cantar -é	Beber -é	Vivir -é
Nosotros (-as)	Cantar -emos	Beber -emos	Vivir -emos
Vosotros (-as)	Cantar -éis	Beber -éis	Vivir -éis
Ellos / ellas / ustedes	Cantar -án	Beber -án	Vivir -án

Algunos verbos irregulares:	<p>Decir: diré, dirás, etc.</p> <p>Hacer: haré, harás, etc.</p> <p>Poder: podré, podrás, etc.</p> <p>Poner: pondré, pondrás, etc.</p> <p>Querer: querré, querrás, etc.</p> <p>Saber: sabré, sabrás, etc.</p> <p>Salir: saldré, saldrás, etc.</p> <p>Tener: tendré, tendrás, etc.</p> <p>Venir: vendré, vendrás, etc.</p> <p>Caber: cabré, cabrás, etc.</p> <p>Haber: habrá, habrás, etc.</p> <p>Valer: valdrá, valdrás, etc.</p>
------------------------------------	--

Ahora practica un poco este tiempo verbal:

1. Completa los huecos con el verbo en *itálico> en futuro imperfecto de indicativo:*

- 1.1. No *tengo* tiempo para ti hoy y tampoco _____ tiempo para ti mañana.
- 1.2. Ella no *dice* nada. Además ella nunca te _____ nada de seguro.
- 1.3. Usted no *quiere* ir al cine hoy pero seguro que _____ ir al cine mañana.
- 1.4. Nosotros *podemos* ir de excursión y _____ ir de excursión con nosotros.
- 1.5. Hoy *encuentran* a Roberto en el café. Mañana lo _____ en el cine.
- 1.6. *¿Vienes* a la fiesta con alguien? *¿_____* a la fiesta con Marta?
- 1.7. No *hay* entradas. No _____ entradas para mañana, si no las compras

hoy.

1.8. Ella se *pone* su traje largo hoy pero se _____ un traje corto la próxima _____ vez.

1.9. En general Roberto *sale* de casa a las 8, pero mañana _____ a las 11.

1.10. En esta sala no *cabe* tanta gente. En esta sala nunca _____ tanta gente.

1.11. Esta tarde nos *quedamos* en casa. Mañana también nos _____ en casa.

1.12. Ellos *vienen* mañana, pero ellas _____ la semana que viene.

1.13. El próximo sábado *hacemos* una excursión a Montreal. Pero dentro de dos semanas _____ una excursión de cinco días, que parece fantástica, a Nueva York.

1.14. Hoy por la noche *salgo* con mis amigos. Mañana _____ con ellos.

1.15. Este fin de semana *hay* huelga de taxis. El próximo _____ huelga de autobuses.

1.16. Hoy por la tarde no *estamos* en casa. Mañana por la tarde tampoco _____ en casa.

1.17. El próximo viernes no te *puedo* dar la respuesta. Te la ____ dar dentro de una semana.

1.18. Hoy *podemos* ir juntos al cine. Mañana también _____ ir al cine.

1.19. Hoy no te *devuelvo* el dinero. Te lo _____ dentro de dos días.

1.20. Hoy *tengo* solamente una hora libre. El jueves próximo _____ tres horas libres.

1.21. Vuestra hermana *se pone* el vestido verde hoy. Ella _____ su vestido rojo mañana.

1.22. Hoy *me despierto* muy temprano, pero mañana _____ mucho más tarde.

1.23. La estudiante *hace* un examen hoy y dice que (hacer) _____ otro la próxima semana.

1.24. Hoy *me acuesto* muy temprano porque mañana _____ muy tarde.

2. Contesta a las preguntas utilizando el futuro imperfecto:

- 2.1. ¿Se lo has dicho ya? No, se lo _____ mañana, te lo prometo.
- 2.2. ¿Ha habido problemas hoy? No, pero de seguro _____ problemas mañana.
- 2.3. ¿Han tenido ustedes dificultades? No, pero seguro que _____ dificultades mañana.
- 2.4. ¿Han venido ya tus amigos? No, todavía no han venido, solamente _____ mañana.
- 2.5. ¿Han podido ustedes hablar con el director? No, pero _____ hablar con él mañana.
- 2.6. ¿Ha sabido María la noticia? No, María _____ la noticia mañana.
- 2.7. ¿Te has puesto ya el vestido nuevo? No, pero me lo _____ mañana para la fiesta.
- 2.8. ¿Ustedes ya han hecho los ejercicios? No, sólo los _____ mañana.
- 2.9. ¿Ha salido el Sr. Molina ya de viaje? No, el Sr. Molina _____ de viaje mañana.
- 2.10. ¿Él ha querido hablar con su abogado? No, pero seguro que _____ hablar con su abogado mañana.

3. Transforma el infinitivo en una forma correcta del futuro simple:

- 3.1. La próxima semana (empezar) _____ ese ciclo de películas que (tener, nosotros) _____ que discutir en las clases.
- 3.2. Me recibió con una sonrisa culpable. Yo le pregunté, aunque ya sabía la respuesta: "Supongo que me lo (hacer, tú) _____ mañana, ¿verdad?"
- 3.3. No tienes remedio, nunca (cambiar) _____, siempre (ser) _____ el mismo.
- 3.4. Siempre estás criticando. ¡Ya está bien! (tener) _____ muchos defectos pero cuando los necesitas, los buscas.
- 3.5. (Cometer) _____ muchos errores en su vida, pero le sirven para aprender.
- 3.6. Tú lo (hacer) _____ sin protestar, porque te lo mando yo.

3.7. ¡Qué miedo! ¿Quién (llamar) _____ a estas horas? ¿(Ser) _____ los vecinos que (sentirse) _____ solos y (venir) _____ a buscar compañía?

3.8. Tú (decir) _____ lo que quieras, pero a mí ese chico me parece extraño.

3.9. ¿Por qué le (dar, él) _____ un regalo? ¿(Ser) _____ su cumpleaños hoy?

3.10. ¿Dónde (estar) _____ los chicos? - Están en la biblioteca, pero dicen que (Salir, ellos) _____ a dar una vuelta.

3.11. ¡Qué peinado tan bonito! ¿Se lo (hacer) _____ ella misma?

3.12. Voy a decirle lo que pienso de él ahora mismo. ¿(Ser, tú) _____ capaz?

3.13. No me lo discutas, estoy segura. ¡Lo (saber) _____ yo, que me he pasado la vida explicándolo!

3.14. ¿Quién le (anunciar) _____ la noticia a nuestros padres? - Yo, creo que (ponerse) _____ muy contentos de saberla.

3.15. He dicho que no lo (aceptar, yo) _____. Otros lo (hacer) _____ pero yo, no.

4. Imagina que puedes viajar al pasado y que informas a la gente de las novedades que le esperan. Utiliza los verbos indicados en la forma adecuada:

Ej.: teléfonos móviles: *Habrán teléfonos móviles muy pequeños y sin cable para hablar desde cualquier sitio.*

4.1. Comida rápida (comer): _____

4.2. Tarjetas de crédito (pagar): _____

4.3. Internet (conocer): _____

4.4. Televisión (ver): _____

4.5. Tren de alta velocidad (viajar): _____

4.6. Escaleras mecánicas (haber): _____

4.7. Cámara de vídeo (grabar): _____

4.8. Correo electrónico (enviar): _____

4.9. Placa vitrocerámica (cocinar): _____

4.10. Ordenadores (hacer y guardar trabajos): _____

5. Los viajes también se hacen por necesidad. Escucha la canción, completa los huecos y coméntala.

CUANDO _____ EN VOLVER

(Pedro Suarez Vertiz)

Cuando _____ en volver

Aquí _____ tus amigos, tu lugar y tu querer

Y te _____

_____ que el tiempo no pasó

Y te _____ con todo el corazón

_____ hasta muy tarde

Y no _____ descansar

Las palabras de tu madre _____ a sonar

Cuando tú te estás _____ por un poco de amor

Hijito _____ adelante _____ al corazón

_____ sacar los tormentos de tu corazón

Pues el dolor no es eterno y pronto _____ el sol,

_____ el sol (hey)

Cuando _____ en volver

Aquí _____ tus amigos, tu lugar y tu mujer

Y te _____

_____ que el tiempo no pasó

Y te _____ con todo el corazón

Puede ser que en tu tierra no _____ a dónde ir
Puede ser que tus sueños no _____ lugar
Pero solo en tu cuarto tu _____ que admitir
Que _____ haber pobreza pero nunca soledad (hey)

_____ sacar los tormentos de tu corazón
Pues el dolor no es eterno y pronto _____ el sol,
_____ el sol (hey)

Cuando _____ en volver
Aquí _____ tus amigos, tu lugar y tu mujer
Y te _____
_____ que el tiempo no pasó
Y te _____ con todo el corazón

_____ sacar los tormentos de tu corazón
Pues el dolor no es eterno y pronto _____ el sol,
_____ el sol (hey)

Cuando _____ en volver
Aquí _____ tus amigos, tu lugar y tu mujer
Y te _____
_____ que el tiempo no pasó
Y te _____ con todo el corazón

Cuando ya tú _____ acá
Trabaja hasta las lágrimas como lo _____ allá
Sólo así _____ que tu país no fracasó
Sino que tanto amor te relajó
Y te _____
_____ que el tiempo no pasó
Y te _____ con todo el corazón

6. Elige uno de los temas siguientes:

A – Escribe esta noticia imaginaria. Para ello, describe las características del producto, sus funciones, sus posibles aplicaciones en la vida cotidiana y los cambios que producirá en la vida de la gente:

LAS CÁMARAS “HOLOGRÁFICAS” SUSTITUIRÁN A LAS CÁMARAS FOTOGRÁFICAS

Próximamente se lanzarán al mercado las revolucionarias cámaras “holográficas”, que podrán reproducir la realidad a través de hologramas. El invento nació en Corea y tendrá un precio de 2.000 euros.



B – Ya has estudiado el medio ambiente. Ahora vas de viaje y vas a visitar la floresta de Amazonia, que está siendo destruida poco a poco.

Escríbele un poema de esperanza en el que utilices el futuro imperfecto de indicativo. ¿Qué harás para protegerla? ¿Cómo la defenderás de los ataques humanos? ¿Qué actitudes puede esperar de ti?...

REFLEXÃO SOBRE AS ACTIVIDADES PROPOSTAS/DESENVOLVIDAS:

Também esta aula me parece ter resultado bastante bem. Conhecendo os alunos como conheço, o facto de, em grupos de dois, terem preparado um roteiro de viagem na aula anterior e de o terem apresentado nesta aula foi uma boa estratégia (curiosamente, e sem que eu o tivesse imaginado, duas das alunas, que haviam preparado uma viagem ao Dubai, precisaram de dois minutinhos antes da aula para se vestirem com roupas tradicionais das mulheres desse país, o que mostra o seu entusiasmo e o seu empenho nas aulas).

Em termos de actividades, as canções inicial e final também resultaram bem, funcionando a primeira como motivação para o tema e a segunda como consolidação da gramática revista – o futuro imperfecto de indicativo.

III – CONCLUSÃO:

É um facto que as aulas assistidas são importantes para que possamos ser avaliados e, evidentemente, para que possamos aprender cada vez mais, nomeadamente com os comentários que a professora Noemí Pérez sempre faz, com muito cuidado e com muita pertinência: na verdade, sendo espanhola autóctone, há sempre coisas que aprendemos quando a ouvimos falar, dúvidas que tiramos, ensinamentos que levamos para a vida.

Porém, é um facto também que as minhas aulas assistidas em nada diferem das normais, nem nas actividades propostas, nem nas fichas criadas: são tantas as que elaboro que, para constarem deste trabalho, ocupariam largas centenas de páginas (sem qualquer exagero, acredite-se!). Aliás, confesso inclusivamente que algumas das actividades que melhor resultaram e que mais prazer me deu desenvolver nem sequer aconteceram nas aulas assistidas: de facto, actividades como o “jeu de rôle” ou “juego de role” que com alguma frequência praticamos nas aulas de língua estrangeira, podem revelar-se muito interessantes e mostrar competências que, de outra forma, são mais difíceis de avaliar, nomeadamente no que diz respeito à capacidade comunicativa dos alunos cujo desenvolvimento, como professores de língua estrangeira, nos preocupamos em facilitar e em acompanhar. Com efeito, ver o quanto se empenham neste tipo de

actividades é fantástico, porque o seu envolvimento é total e muito conseguido: esforçam-se realmente por fazer o melhor possível, o que traz resultados muito engraçados.

É também um facto que a apresentação de trabalhos por parte dos alunos resulta normalmente bastante bem, porque se sentem mais importantes e mais envolvidos no que estão a aprender. Isso aumenta a sua auto-estima, até porque se esforçam realmente para que o professor e os colegas gostem do que estão a ver e os avaliem positivamente. Por outro lado, ajuda-os também a compreender que o trabalho do professor não é fácil e que a sua contribuição nas aulas é preciosa, nomeadamente através de um comportamento adequado e de uma participação positiva.

É um facto, ainda, que a música, os pequenos filmes sacados do youtube, os PowerPoints, as fichas de trabalho pessoalmente elaboradas, a preocupação em que as aulas sejam criativas e interessantes, para que os alunos respondam com maior entusiasmo e se envolvam mais profundamente no processo de ensino/aprendizagem, ... são parte integrante do desempenho de uma profissão que adoro, de uma forma de estar na vida que pretendo graciosa, inteligente e capaz de deixar marcas positivas nos alunos com os quais trabalho. Para além do mais, são a prova inequívoca de que o manual escolar, por muito bom que possa ser (e não é sequer o caso daquele com que trabalho), nunca é perfeito, podendo – e devendo – sempre ser complementado com outros materiais. De facto, voltamos à questão inicial, quando disse que um professor não deve cingir-se ao manual adoptado: claramente, não falava de teoria, mas de prática efectiva em sala de aula. Porque o mais importante são os alunos e a forma como aprendem! Porque se aprende tanto mais e tanto melhor quanto mais se gosta das aulas! E é para isso que trabalho, como todos os outros professores que se importam, se empenham e fazem os possíveis – e às vezes quase os impossíveis – para que os seus discentes aprendam os conteúdos programáticos, claro, mas também valores e atitudes. Porque a escola também cá está para educar!

Como o contacto directo com os seus falantes autóctones e com a cultura que representa também é importante, organizo e participo visitas de estudo: no corrente ano, levámos os alunos de 10º, 11º e 12º anos a Barcelona durante cinco dias e os alunos do 9º ano a Santiago de Compostela durante dois dias. Para além do mais, participei em

todas as actividades previstas (dia de São Valentim, Natal, ...), bem como no dia do Espanhol, no âmbito dos quais os alunos se envolveram, fazendo postais, decorando a sua sala de aulas, ...

Quanto ao papel a desempenhar, defendo que um professor não tem a obrigação de saber tudo, de ser um dicionário ambulante – e bem sabemos como os alunos, sobretudo em língua estrangeira, colocam as questões aparentemente mais impensáveis –, mas tem, isso sim, a obrigação de procurar descobri-lo: se um aluno pergunta algo cuja resposta não sabemos, devemos dizê-lo claramente (ele compreenderá isso melhor do que compreenderá uma possível tentativa de fuga à resposta), acrescentando que vamos procurar saber e trazer a resposta para a aula seguinte. De facto, penso que um professor estuda e aprende ao longo de toda a sua vida, sendo essa uma característica inerente à sua profissão e, se realmente gostar do que faz, à sua própria personalidade. E também acredito que um professor pode aprender muito sobre a vida com os seus alunos; para isso, deve saber ouvi-los quando necessário, procurar entender os seus problemas e as suas dificuldades, encontrar estratégias que lhe permitam ajudá-los a superar essas dificuldades.

Este ano de estágio pedagógico em nada difere, devo insistir, da minha prática lectiva, que já leva 20 anos (não posso deixar de referir que esses 20 anos têm uma importância fundamental na professora que sou hoje): são 20 anos a ensinar língua estrangeira, 20 anos a aprender, a tentar ser cada vez melhor, a procurar que os meus alunos gostem de estar nas minhas aulas e, evidentemente, aprendam o que lhes pretendo ensinar. Têm sido 20 anos fantásticos, felizmente sempre – ou quase sempre – com alunos que me deixaram marcas muito positivas, que recordo com saudade e que me alegro de encontrar quando a vida o permite; 20 anos de partilha e de entrega a esta profissão; 20 anos que, curiosamente, fizeram aumentar a minha paciência e a minha fé nas pessoas, até porque os alunos de hoje, embora com as mesmas idades cronológicas, nada têm a ver com os alunos de há 20 anos atrás; 20 anos que me fizeram ganhar grandes amigos em muitos alunos com os quais trabalhei e que, quando chegam ao ensino superior, vêm à minha procura, na minha escola (é assim que a sinto!), para lhes assinar as fitas de finalistas, naquela que é sempre uma situação que me deixa muito orgulhosa; 20 anos em que não fui perfeita – de todo! – mas em que dei o meu melhor, e mais do que isso ninguém nos pode exigir; 20 anos em que realmente me senti realizada

com o que fiz; 20 anos que se prolongarão, se Deus me ajudar e me der saúde, por bem mais de outros tantos.

Espero, pois, continuar a trabalhar e a aprender, mantendo um espírito jovem (trabalhar constantemente com jovens também ajuda, não é?) e procurando encontrar novas – sempre novas – estratégias para motivar os alunos.

De facto, e lembrando uma publicidade actual (aqui sem qualquer tipo de marketing à mistura!), posso concluir: se podia ter escolhido outra profissão? “Se calhar até podia... mas não era a mesma coisa!!!”

IV – BIBLIOGRAFIA:

1. Costa, Fernanda, e Mendonça, Luísa, Palavras a Fio (Língua Portuguesa, 7º Ano), Porto Editora (ISBN n.º 978972317018)
2. Morgádez, Manuel del Pino, e outros, Español 1, Nivel Elemental (Espanhol Iniciação), Porto Editora (ISBN n.º 9789720313515)
3. Lei n.º 47/2006, de 28 de Agosto – Manuais escolares
4. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009 (pp. 2964-2978)
5. Projecto Educativo de Escola – Esc. Sec. de Afonso de Albuquerque (Guarda), pág. 3, 2009
6. www.inforef.be – Projet Signes et Sens
7. <http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM1.pdf>, “Literacia em leitura – identidade e construção da cidadania”
8. http://marcoele.com/descargas/9/atienza_portafolio.pdf
9. <http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=15407&chapterid=11533>
10. http://cursos.ead.pucrs.br/psi/professores/pagina_joyce/portfolio.html
11. <http://www.esaag.pt>

V - ANEXOS

Ponto de partida

1. Título da obra: *O Peixe Azul*; autora: Margarida Fonseca Santos.
2. O travessão no início de vários parágrafos revela a presença de diálogo.

A. Em família

Ponto de partida

1. O texto que vais ler é um excerto das primeiras páginas de um livro de aventuras. Qual é o título da obra? E quem é o seu autor?
2. O título “Conversa em família” aponta para a existência de diálogo, o que, aliás, pode ser confirmado pela simples observação da mancha gráfica do texto. O que permite tirar esta conclusão?

TEXTO

1

CONVERSA EM FAMÍLIA

A televisão estava uma bodega. Os meus pais continuavam os dois a trabalhar no escritório e eu estava ali sozinho com o meu avô, que já dormia, evidentemente. Isto de estar de férias em Lisboa é um bocado chato. Os meus amigos já tinham ido para o

5 Algarve, para Trás-os-Montes, para montes de sítios. Mas nós ainda cá estávamos. Só mais esta semana, dizia a minha mãe, mas pelo suspirar do meu pai, parecia que ia ser um bocadinho mais. Eu acho que uma semana é imenso tempo!

O meu avô acordou e sorriu com aquele sorriso de quem quer

10 fingir que não dormiu. Entrei no jogo, não custava nada.

- Estás a gostar, avô? Eu acho uma seca medonha.
- Não digas essa palavra, Daniel, isso não quer dizer nada.
- Pronto, uma chatice. Está melhor?

O meu avô tirou os óculos e esfregou os olhos.

- 15 – Se queres que te diga, nem sei bem. Não estou a prestar atenção. Claro, estavas a dormir, pensei. Mas não disse nada, óbvio.

– Eu já me deitava.

- Podes ir, avô, não tem problema.
- Ficas aqui sozinho...

20 – Com o pai e a mãe lá dentro.

– Pelo ar daquelas contas, não te vão fazer companhia nenhuma. Sabes que isto de gerir uma empresa...

– ... tem muito que se lhe diga, já sei. O pai está sempre a dizer isso. E não é bem uma empresa, é mais um negócio.

25 – Seja o que for, dá trabalho. E indo de férias...





- D – Se formos, claro.
 – Vão, então não vão?
 Fiquei a olhar para ele. O meu avô achava que íamos de férias de certeza, o que eu duvidava, mas ele não se incluía. Não percebi.
- 30 D – Até parece que não vais connosco.
 – E não vou, Daniel, este ano não vou.
- D – Porquê?
 – Estou velho, só dou trabalhos. Fico aqui e fico muito bem. A porteira ficou de me vir trazer comida todos os dias e de ver se
- 35 preciso de alguma coisa...
- D – ... como se fosses um gato de estimação. A mãe sabe disto?
 – Não, ainda não.
- D – Logo vi.
 (...)
- 40 Levantei-me e desliguei a televisão. Já me estava a irritar demasiado. Sentei-me numa cadeira em frente ao meu avô. Ele estava com os olhos cheios de sono, mas não me comoveram.
- D – Diz lá essa parvoíce outra vez.
 – Estás a falar com o teu avô...
- 45 D – Que parece que perdeu o juízo.
 – Sabes, Daniel, eu acho que atrapalho muito lá no hotel. Vocês ficam todos presos por mim, eu acabo por ir à praia sem me apetecer, depois à noite ficam todos a olhar uns para os outros sem saber se é mau sair e deixar-me em casa, só trabalhos.
- 50 D – Que estupidez, avô, ninguém pensa assim.

A. Em família

- A tua irmã quer sempre sair.
 - E sai, mesmo sem autorização, ou não é?
 - E tu?
 - Eu o quê?
 55 - Não sais porquê?
 - Não curto aquelas discotecas.
 - Curtes...
 - Não gosto de ir a discotecas, só isso. Aliás, nem tenho idade para lá entrar. A Joana já tem dezasseis, agora eu com doze... -
 60 De repente lembrei-me que o meu avô pensava que era por ele ficar na pensão que eu não saía. - Não é por tua causa, avô, não te armes em convencido.

Ele riu-se. Eu estava a falar verdade, mas ele não estava a querer perceber. Nessa altura, chegou a minha irmã. Vinha com um
 65 ar muito estafado, cheia de fome, como de costume. Fomos os dois com ela para a cozinha. Era o máximo ouvi-la dizer que estava a morrer de fome e depois vê-la comer um iogurte magro e uma bolacha de água e nada, como eu e o avô dizíamos. (...)

- O que é que estavam a fazer?
 70 - Nada - respondemos os dois ao mesmo tempo. Ela ficou a olhar para nós desconfiada. A Joana percebeu logo que havia asneira.

(...)

- Vamos, quero saber tudo. Qual foi a bronca de hoje?
 75 Até parecia que havia bronca todos os dias! A Joana não está muito tempo em casa, mas controla-nos mais que a mãe. Isto de ter irmãs mais velhas tem muito que se lhe diga. Bom, pensando bem, não era mau contar-lhe a história do avô não ir de férias connosco. Ele ainda tossiu para ver se eu desistia, mas eu mantive-me de pedra e cal e disse tudo. Ela estoirou.
 - Era só o que faltava! Ó avô, passaste-te?
 - Passei-me...?
 - Pronto. Enlouqueceste?
 - Não, só não quero ser um estorvo.
 85 - Que parvoíce!
 - Eu sei que dou trabalho.
 - Um trabalhão, não há dúvida. Ele é o pequeno-almoço, o almoço, o jantar... Bolas, avô, vamos para um hotel.



TEXTO 1

21

– Está bem, mas isso custa dinheiro.

90 Fez-se luz! Percebi as reservas do avô. Estava preocupado com as contas do negócio e queria poupar-lhes uns tostões. Desmanchei-me a rir. A Joana ficou com aquela cara de quem não percebe logo, coitada, faz uma cara...

95 – Deixa-te disso, avô, nem penses que caímos nessa! Por causa do dinheiro? És tonto? A mãe não ia sem ti. Nem nós! Vais ter que despachar a porteira.

(...)

J – Nem mais – disse a Joana. Quando ela diz isto, não vale a pena tentar mais nada. É definitivo. – Nós não vamos sem ti.

100 – Fixe, mana, assim é que é! *Exórdio*

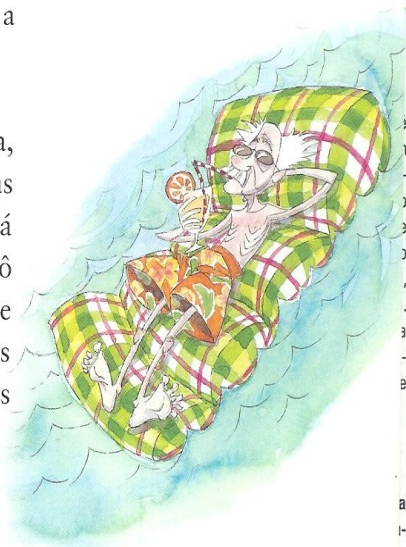
O iogurte já estava devorado até à última partícula e a bolacha, igual. Mas a Joana começou a olhar para a prateleira das bolachas da engorda e toca de abrir um pacote daquelas que, só de olhar, já dá gozo. Ficámos os três a comer as ditas bolachas. O meu avô 105 estava tão aliviado por não ficar em casa que até se esqueceu de tomar o comprimido para dormir. Deitámo-nos depois de dar as duas últimas bolachas ao pai e à mãe. Eles nem agradeceram, mas avisaram que as contas estavam a andar bem.

Pai – Preparem-se! Na sexta-feira partimos! *→ Despedida*

110 – Fixe – disse o avô, e nós os dois desmanchámo-nos a rir.

Margarida Fonseca Santos, *O Peixe Azul*, 1.ª ed., Ed. Presença, 2004 (texto com supressões)

Joana - 12



ANEXO 2

ESCOLA SECUNDÁRIA DE AFONSO DE ALBUQUERQUE - GUARDA

PLANO ANUAL – ESPAÑOL INICIACIÓN – 7º CURSO

1 CLASE SEMANAL DE 90 MINUTOS * + 1 CLASE SEMANAL DE 45 MINUTOS

Manual adoptado: **PRISMA A.1** (Edinumen)

*Aquí considerada como 2 clases

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTENIDOS		ACTIVIDADES	MATERIALES	EVALUACIÓN	TIEMPO
	SOCIOCULTURALES Y LÉXICOS	GRAMATICALES				
1. Conocerse <ul style="list-style-type: none"> • Expresar los motivos por los que han elegido la opción de español; • Deletrear; • Solicitar información sobre una palabra o expresión española (su pronunciación, escritura y significado); • Preguntar y decir el origen; • Preguntar y decir el número de teléfono; • Identificar objetos del aula; • Preguntar por la existencia y localización de objetos; • Presentarse y presentar a alguien; • Despedirse; • Dar una opinión; 2. La casa y la escuela	1. Conocerse <ul style="list-style-type: none"> • Los países hispanohablantes: su localización; • Adjetivos de nacionalidad; • Los nombres de las letras del alfabeto; • Los nombres de los signos ortográficos; • Los falsos amigos; • Los nombres y apellidos en español; • Los nombres familiares; • Saludos y despedidas; • Los países y las nacionalidades; • Los objetos del aula; • Distinguir las formas de tratamiento tú / usted; 2. La casa y la escuela	1. Conocerse <ul style="list-style-type: none"> • El alfabeto: correspondencia grafías y sonidos; • Reglas generales de ortografía; • Forma y usos de los signos ortográficos; • Los verbos <i>ser</i>, <i>tener</i>, <i>trabajar</i> y <i>llamarse</i> en Presente de Indicativo; • Los pronombres personales de sujeto; • Los adjetivos de nacionalidad: <ul style="list-style-type: none"> - Género - Número • Los números del 0 al 101; • Los interrogativos: <i>¿Cómo / De / Dónde / Cuántos?</i> • <i>Yo creo que + opinión</i>; 2. La casa y la escuela	<ul style="list-style-type: none"> • Ejercicios de comprensión oral y escrita relativos al tema de la unidad; • Ejercicios de producción oral y escrita relacionados con el tema de la unidad; • Ejercicios lúdicos relacionados con el tema de la unidad; • Ejercicios de reflexión sobre la cultura española y la variedad cultural y lingüística que existe en España; • Lectura e interpretación de diversos textos en español; • Resolución de fichas de gramática y de vocabulario; • Resolución de ejercicios del manual y de otros creados por el profesor; • Simulación escrita y oral de situaciones reales: diálogos, postales, cartas, guías,... 	<ul style="list-style-type: none"> • Manual adoptado, PRISMA A.1; • Libro de ejercicios del manual; • Cuaderno individual; • Pizarra / tiza; • Grabaciones que acompañan el manual; • Diccionarios; • Gramáticas; • Fichas formativas; • Fichas de trabajo; • Revistas; • Periódicos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Evaluación diagnóstico; • Evaluación formativa y continua; • Observación directa; • Fichas formativas realizadas en clase; • Presentación oral y escrita de trabajos de clase; • Realización de los deberes; • Utilización del material necesario; • Actitudes y valores (asiduidad, puntualidad, 	1º período 7º A: 41 clases previstas 7º B, C: 40 clases previstas 7º D: 38 clases previstas 4 clases para pruebas de evaluación y su corrección 2 clases para elaboración de postales de navidad y rúbricas para regalos

<ul style="list-style-type: none"> • Dar y pedir informaciones; • Pedir y dar información espacial: ubicar cosas y personas; • Describir objetos y lugares; • Situar los objetos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Objetos de clase, de escritorio y personales; • La hora; • Días de la semana; • Meses del año; • Los horarios; • Los colores; • Léxico relacionado con las direcciones: <ul style="list-style-type: none"> - La casa y sus dependencias; - Mobiliario y su distribución; 	<ul style="list-style-type: none"> • Presente de Indicativo de verbos regulares; • Usos de <i>tú</i> y <i>usted</i>; • Género y número de sustantivos y adjetivos; • Uso del artículo determinado e indeterminado; presencia y ausencia; formas y usos; • Los interrogativos: <i>¿Dónde / Qué / Quién?</i>; • Contraste <i>hay / está</i>; • Locuciones prepositivas de lugar; 	<ul style="list-style-type: none"> • Juegos de roles; • Ejercicios de paráfrasis y de deducción de significados; • Audición de cintas que acompañan el manual; • Audición de canciones en lengua española; • Presentación de transparencias y vídeos; • Debates y trabajos sobre los contenidos socioculturales estudiados en clase; • Consulta de portales electrónicos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Material audio y vídeo; • Transparencias; • Mapas; • Postales; • Ordenador e internet; • Cómic; • Fotos e imágenes; • Tarjetas en cartulina; • Juegos didácticos; 	<p>participación en las actividades propuestas, empeño, responsabilidad (...);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pruebas de comprensión oral y escrita; • Pruebas escritas; 	<p>restantes clases para los contenidos de las unidades didácticas</p> <p>2º período</p> <p>7º A, B: 33 clases previstas</p> <p>7º C: 35 clases previstas</p> <p>7º D: 34 clases previstas</p> <p>4 clases para pruebas de evaluación y su corrección</p>
<ul style="list-style-type: none"> • 3. Relaciones • Hablar de la familia; • Describir la familia; • Describir personas y prendas de vestir; • Expresar posesión; • Expresar opinión; 	<ul style="list-style-type: none"> • 3. Relaciones • La familia; • El aspecto físico y psicológico; • La ropa; • Los accesorios; • Fiestas y reuniones familiares. 	<ul style="list-style-type: none"> • 3. Relaciones • Adjetivos calificativos; • Adjetivos y pronombres posesivos; • Los demostrativos; • Concordancia adjetivo / sustantivo; 	<ul style="list-style-type: none"> • 4. Los servicios/ el tiempo libre • Los verbos del tipo de <i>gustar, encantar, fascinar, doler, ...</i> • Adverbios <i>también / tampoco</i>; • Los pronombres de objeto indirecto; • La comparación: igualdad, superioridad, inferioridad con adjetivos; 	<ul style="list-style-type: none"> • 4. Los servicios/ tiempo libre • Pedir y dar información sobre medios de transporte; • Pedir y dar información espacial; • Expresar necesidades, deseos y preferencias; • Comparar medios de transporte; 	<p>participación en las actividades propuestas, empeño, responsabilidad (...);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pruebas de comprensión oral y escrita; • Pruebas escritas; 	<p>restantes clases para los contenidos de las unidades didácticas</p> <p>2º período</p> <p>7º A, B: 33 clases previstas</p> <p>7º C: 35 clases previstas</p> <p>7º D: 34 clases previstas</p> <p>4 clases para pruebas de evaluación y su corrección</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Describir acciones y actividades habituales; • Expresar la frecuencia con que se hace algo; • Expresar gustos y preferencias; • Expresar acuerdo y desacuerdo; • Hablar de hábitos alimentares; • Pedir algo en un restaurante, bar,... 	<p>medios de transporte;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hábitos diarios; • Horarios y rutinas diarias más frecuentes en España; • Actividades cotidianas y de ocio; • Partes del día; 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparativos irregulares; • Los verbos <i>necesitar, querer, preferir + infinitivo / sustantivo</i>; • Las preposiciones <i>en y a</i> con verbos de movimiento; • Verbos irregulares en presente de indicativo: <ul style="list-style-type: none"> • Los verbos pronominales; • Adverbios y expresiones de frecuencia; • <i>Estar/ seguir + gerundio</i>; • <i>Hace + muy / mucho + adjetivo /sustantivo</i>; • El Pretérito Perfecto y los marcadores temporales; 		<p>2 clases para realización de actividades relativas al día de San Valentín</p> <p>restantes clases para los contenidos de las unidades didácticas</p>
<p>5. Cuidados corporales: la salud</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hablar de las partes del cuerpo humano; • Expresar dolor y hablar de síntomas; <p>6. El consumo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hablar de la existencia de algo o alguien; • Preguntar por la cantidad; 	<p>5. Cuidados corporales: la salud</p> <ul style="list-style-type: none"> • Partes del cuerpo; • En el médico; • Desayunos y meriendas; • Alimentos y platos; • Medio ambiente; <p>6. El consumo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Las tiendas; • Las compras; 	<p>5. Cuidados corporales: la salud</p> <ul style="list-style-type: none"> • Imperativo afirmativo; • Subordinadas adverbiales de indicativo (condicionales); <p>6. El consumo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verbos irregulares en Presente de Indicativo; • Los pronombres de objeto 		<p>3º período</p> <p>7º A, B: 30 clases previstas</p> <p>7º C: 28 clases previstas</p> <p>7º D: 29 clases previstas</p> <p>4 clases para pruebas de evaluación y</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Expresar duda, indecisión o ignorancia; • Preguntar por un producto y su precio; <p>7. Los viajes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hacer planes y proyectos; • Hacer sugerencias; • Aceptar y rechazar una sugerencia; • Pedir y dar instrucciones sobre lugares y direcciones; • Pedir y conceder permiso; • Invitar / ofrecer; • Expresar obligación; • Expresar acuerdo y desacuerdo; • Expresar sentimientos; • Conocer algunas de las fechas más importantes de la historia de España; • Hablar de hechos pasados; 	<ul style="list-style-type: none"> • Relaciones sociales en España; <p>7. Los viajes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Los viajes; • Rutinas de vacaciones; • El turismo; • La ciudad; 	<p>indirecto;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Los indefinidos; • Pronombres y adjetivos demostrativos; • Números cardinales del 101 al 1 millón; • El uso de la preposición <i>para</i>; <p>7. Los viajes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ir a • Pensar • Preferir • Querer • Poder • Deber <p style="text-align: center;">+ infinitivo</p> <ul style="list-style-type: none"> • La expresión de necesidad/ obligación: hay que/ tener que; • La negación: nunca, jamás, <i>no ... ni ... ni, ¡qué dices!</i>, <i>¡ni hablar!</i>,... • Expresar opinión: <i>me parece que ...</i>, <i>creo que ...</i>, <i>para mí...</i>; • Organizadores del discurso: <i>en primer lugar, ...; además, ...; por otra parte, ...; por último...</i> • Futuros regulares; • El Pretérito indefinido: formas regulares e irregulares; 	<p>su corrección</p> <p>restantes clases para los contenidos de las unidades didácticas</p>
--	---	---	---

<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar estrategias que permitan contestar a las necesidades de comunicación; • Valorar la lengua española en relación a las demás lenguas habladas en el mundo; • Desarrollar la capacidad de iniciativa, de responsabilidad y autonomía; • Desarrollar el espíritu crítico, actitudes de sociabilidad, tolerancia y cooperación; 	<p>Unidad 4:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Las infecciones; • El medio ambiente; <p>Unidad 5:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Los viajes; <p>Unidad 6:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Música y fiestas <p>Unidad 7:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conocer y presentar a un personaje; • La obra; 	<ul style="list-style-type: none"> • Los demostrativos; • Los tiempos del pasado <ul style="list-style-type: none"> • Pretérito perfecto • Pretérito indefinido • Pretérito imperfecto • Pretérito pluscuamperfecto • Los interrogativos; 	<p>diálogos;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ejercicios prácticos; • Proyección de trabajos en PowerPoint; • Presentación oral de trabajos; 	<p>vídeo;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Transparencias; • Mapas; • Postales; • Ordenador e internet; • Cómic; • Fotos e imágenes; • Tarjetas en cartulina; • Juegos didácticos; 	<p>;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pruebas de comprensión oral y escrita; • Pruebas escritas; 	<p>Segundo trimestre</p> <p style="text-align: right;">Tercer trimestre</p>
--	---	---	---	--	--	---